

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23377

DIRECTOR ANTÓNIO RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA 29 NOVEMBRO 90 70\$00

Por causa do espectro da fome

NATO teme agitação na URSS

Pág. 8



Reuter/Lusa/DL

Holanda sem diques para Sporting

A explosão de alegria evidenciada (na foto) por Fernando Gomes, após a marcação do segundo golo, reflecte o sentimento generalizado de todos os sportinguistas e de outros adeptos portugueses do futebol. Os «diques» holandeses não resistiram à fúria leonina dos futebolistas do Sporting, os quais realizaram uma exibição de gala, fincada numa planificação táctica excelentemente concebida e realizada com pleno acerto. O Sporting regressou com um resultado que garante total serenidade, quando, no próximo dia 12 de Dezembro, voltar a «medir forças» com o Vitesse, em encontro da segunda «mão» da competição. Reportagem nas págs.

20 e 21 com o patrocínio da



Esta manhã em Lisboa

Presos quatro sindicalistas

Quatro dirigentes sindicais foram presos esta manhã, pela PSP, quando procediam a um protesto, junto às instalações do Hotel Holiday Inn, em Lisboa, afirmou ao «DL» uma fonte do Sindicato dos Trabalhadores de Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul.

Os sindicalistas reclamavam, na ocasião, a reintegração de um dirigente sindical e quatro trabalhadores despedidos daquele estabelecimento localizado na Praça António José de Almeida.

Na operação, a PSP apreendeu, também, a viatura do sindicato que se encontrava junto ao hotel.

Os dirigentes detidos protestavam, igualmente, contra «a falta de condições de trabalho e a consequente prestação de má qualidade de serviços aos clientes», segundo a fonte sindical referida.

Cantora zangada com a crítica

«Está na moda dizer mal da Geninha»

Pág. 13



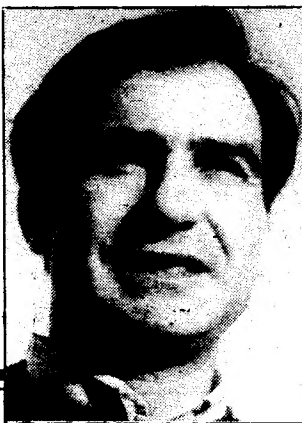
Almeida Santos no Parlamento

Primo Basílio tresmalhou o rebanho de Cavaco

Pág. 5

Velha glória do hóquei nacional Virgílio redescoberto num talho em Queluz

Pág. 11



Major já formou governo de unidade
Pág. 8

Walesa procura apoio de Mazowiecki
Pág. 9

Angola: subsiste o diferendo para o cessar-fogo
Pág. 9

Hoje:
Suplemento Literário

PORTE PAGO

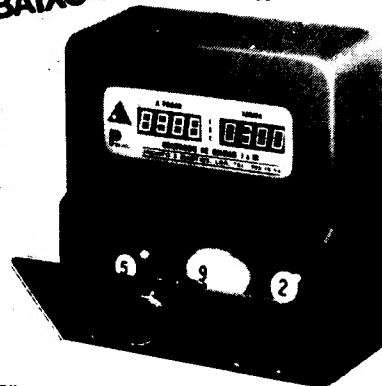
**TEMPO BEM MEDIDO
É MAIS DINHEIRO**

Escolha o contador-registador de Snooker e Bilhar indiscutível

Novo modelo

**A MESMA QUALIDADE
A MAIS BAIXO PREÇO**

Aprovado pelo Instituto Português de Qualidade
Pat. 90730



Você e os seus Clientes vão poder entender-se ainda melhor. Porque para eles e para si, as boas contas têm sempre razão.

Para mais informações:

TARIFA PROGRAMÁVEL.
CONFERE O "A PAGAR".
MESMO PALTANDO A ELECTRICIDADE.
CONTAGEM DE ALTA PRECISÃO.
CAIXA EM POLIURETANO.

JACINTO & MARTINS
Tel. 4951868
Fax. 4950377
Rua Quirino F. de, Lote 234
Reboleira/Amadora

Perante a indiferença generalizada, que os sacrifica às conveniências económicas, aos interesses políticos e a pretensões de oferta de uma cultura mais conveniente

Dezenas de pequenos martirizados por esse

São pobres e esquecidos, dizimados em nome dos interesses dos seus colonizadores recentes ou antigos: os pequenos povos indígenas que conseguiram sobreviver até hoje, em circunstâncias dramáticas, ao lado das grandes culturas, das grandes civilizações, dos grandes interesses económicos.

A presente luta dos índios *mohawk*, no Canadá, contra as autoridades daquele país para poderem conservar os seus direitos veio chamar a atenção mundial para um pequeno povo isolado que pretende manter a sua maneira de viver.

No entanto, os *mohawk* estão longe de ser os únicos nesta situação. Muitos outros encontram-se, mesmo, nas vizinhanças de desaparecer se o Mundo inteiro não tomar consciência do drama que estão a viver.

Trata-se, especialmente, do povo *Yanomami* no norte do Brasil, das nações indígenas de Guatemala, da nação *Jumma* dos Montes Chittagong no Bangladesh, o povo tibetano, que continua a sofrer um genocídio directo e brutal que o aniquila física e culturalmente, exactamente o mesmo que acontece ao povo timor. Insistentes campanhas em defesa daqueles povos, protestos levantados junto dos governos e de organismos internacionais, como as Nações Unidas, não receberam eco; e o Brasil, o Bangladesh, a Guatemala, a China ou a Indonésia continuam a exercer impunemente a sua política de genocídio.

No entanto, alguns avanços foram conseguidos durante o último ano. No Canadá, 19 grupos indígenas firmaram um Tratado de Aliança defensiva, seguindo o modelo da NATO. De acordo com esse tratado, aqueles grupos comprometeram-se a ajudar-se mutuamente, no caso de um deles ser atacado. Em Alberta, no Oeste do Canadá, a nação *Lubicon* conseguiu obrigar as companhias petrolíferas que operavam no seu território e destruíam o meio ambiente e as possibilidades de caça e pesca, a encerrar os seus poços. Contudo, outro povo indígena do Canadá, o povo *Innu* da península do Labrador, continua a sofrer enfermidades e a assistir ao aumento da perturbação do seu meio ambiente em consequência dos voos supersónicos a baixa altitude por parte dos aviões da NATO. Apesar de ter sido demonstrado que a utilização do território *Innu* pelas forças da NATO é

contrária à Carta dos Direitos Humanos e apesar de ter sido demonstrada a relação directa entre algumas enfermidades e o ruído dos aviões, a NATO prossegue as suas actividades.

América Latina: as mais graves situações

Na América do Sul, o caso mais grave é o do povo *Yanomami*, no norte do Brasil. A febre do ouro continua a atrair centenas de garimpeiros para o território daqueles índios. Além de confrontações violentas, que, frequentemente, acabam em mortes para ambas as partes, os *Yanomami* estão a ser contaminados por enfermidades que os estão a dizimar. Embora o Congresso do Brasil tenha ordenado a retirada imediata dos garimpeiros pelas forças militares e policiais, a invasão da terra *Yanomami* continua.

Na América Central, os casos mais graves de violação dos direitos humanos das nações indígenas têm-se registado na Guatemala e em El Salvador. O exército e as forças policiais da Guatemala continuam a assassinar e a torturar impunemente o povo indígena daquele país. A organização CUC fez um apelo à solidariedade internacional para que ajude a deter um dos maiores genocídios de toda a história. No Salvador, a organização indígena ANIS tem continuado a denunciar as ameaças de morte por grupos militares e para-militares que, sob o pretexto de que líderes



Guerreiro yanomami olhando inquieto uma pista de aterragem dos garimpeiros

indígenas mantêm contactos com partidos da extrema-esquerda, continuam a ser perseguidos e ameaçados. Na Nicarágua, dirigentes da organização *Yatama*, entre os quais Brooklyn Rivera, conhecido líder índio que se auto-exilara nas Honduras durante o governo sandinista, regressou ao país para participar na autonomia regional da Costa Atlântica.

O Pacífico e o nuclear

A região do Pacífico con-

tinua com problemas derivados da militarização da área e das actividades nucleares por parte de governos estrangeiros. Os Estados Unidos realizaram, junto de países aliados, ensaios bélicos que abarcaram praticamente todo o Pacífico e estabeleceram novos campos de exercícios militares nas ilhas Marshall.

O governo da França, por seu lado, apesar dos inúmeros e constantes protestos, prosseguiu as suas

experiências nucleares em Mururoa e Fantagaua. Em Julho do ano passado, membros da Frente de Libertação Polinésia recordaram o 23º aniversário da primeira bomba atómica que explodiu em Mururoa com uma greve de fome, reclamando que a Assembleia Territorial iniciasse um debate sobre as consequências das experiências atómicas.

O caso do povo maubere, em Timor, está demasiado próximo das atenções dos portugueses para que seja necessário recordá-lo. O genocídio que a Indonésia ali está a provocar, com uma certa aquiescência internacional.

Na Austrália, grupos aborígenes do Território Setentrional continuam a lutar para manter o seu poder sobre os seus lugares sagrados, que um novo projecto de lei pretende reduzir. Por outro lado, também houve vitórias na luta dos aborígenes pelas suas terras; o povo *jawoyn* conseguiu, ao cabo de 13 anos de luta com o governo, os títulos de propriedade de algumas das suas terras tradicionais.

A Ásia e a guerra

No sudeste da Ásia, as operações militares continuaram a progredir em Mindanao, no sul das Filipinas, e mais de duas mil famílias de diferentes grupos étnicos viram-se obrigados a procurar refúgio em outras áreas.

Todos os povos indígenas do país, bem como as suas organizações, reprovaram o plano de autonomia regional proposto pelo governo. Na região da Cordilheira, no norte do país, a lei da autonomia significaria a perda de controlo dos povos indígenas sobre todos os recursos naturais daquela zona. Dirigentes indígenas de todo o país afirmaram a sua decisão de continuarem a lutar por uma genuína autonomia popular.

O povo de Papua Ocidental enfrentou abertamente as tropas indonésias que ocupam o país, desafiando a política de transmigração e os programas de reinstalação de quatro mil membros tribais que o governo de Djakarta anunciou para 1989.

A situação do povo *Karen*, na Tailândia, piorou durante o último ano, já que as autoridades do país impediram grupos de refugiados *karen* de atravessarem a fronteira com a Birmânia, encerrando, simultaneamente, os campos de refugiados que servem de amparo aos recém-chegados.

Na Birmânia, ofensivas por parte do exército contra os *kachins* e os *skarans* obrigou muitos deles a fugirem, refugiando-se para além da fronteira chinesa.

Nos Montes Chittagong do Bangladesh, o exército continua a implementar a política de genocídio ditada pelo governo do país. Por um lado, o governo continua uma política de repovoamento por *bengalis* muçulmanos das terras tradicionais do povo indígena *jumma*. Por outro lado, prosseguem os massacres de aldeias inteiras que estão a aniquilar os povoadores indígenas. No mês de Maio de 1989, o exército do Bangladesh, conjuntamente com colonos *bengalis* armados, atacaram 9 aldeias indígenas em Langadu, assassinando mais de 30 pessoas, entre homens, mulheres e crianças.

Na Ásia Oriental, os *ainu* do Japão denunciaram a política de assimilação praticada pelo governo japonês. As organizações *ainu* propuseram ao governo substituir a Acta de Protecção dos Aborígenes por uma nova legislação que preveja a independência daquele povo.

No Sul da Ásia, a União dos Estudantes *bodos* de Assam, no Norte da Índia, continua com as suas exigências de estabelecer um estado autónomo, a Bodolândia. Um passo positivo durante 1989, após anos de litígios legais, foi que o governo de Bihar cancelou os planos para a construção de uma central hidroeléctrica que iria inundar as terras de milhares de pessoas.



Sudaneses provenientes das zonas afectadas pela seca acampam no centro de refugiados de El Mahala

povos indígenas mundo fora

GRANDE ANGULAR

tribais. Contudo, outras barreiras estão a ser construídas, apesar da resistência popular contra a destruição do meio ambiente causadas por aquelas centrais.

No Sri Lanka, os *tamiles* continuam a ser vítimas dos abusos de grupos militares e para-militares. Falhos de terras próprias, aqueles povos trabalham como jornaleiros em plantações de chá e fazendas de borracha, sem conseguirem dias de trabalho completos que lhes permitam alimentar as suas famílias, educar os filhos e cuidar dos velhos.

África: a confusa situação

Na África, os problemas atingem uma profunda multiplicidade. Desde a guerra que devasta largas regiões aos conflitos tribais, do ainda existente *apartheid* na África do Sul, das lutas tribais aos desentendimentos entre pastores e agricultores, da intensiva desaparecimento dos bosquímanos, da fome à opulência ostensiva de meia dúzia de magnates, tudo isto obriga o continente a um peso dramático que se transforma num ciclo vicioso: problemas acarretam problemas e ninguém consegue sair deles.

E cá pela Europa?

Assunto que diz respeito apenas a uns povos «selvagens» em continentes perdidos? É fácil dizê-lo. Mas, como vamos cá pela Europa?

Ainda no ano passado, na tão avançada Noruega, o povo *sami* (que habita as vizinhanças do Cabo Norte) conseguiu organizar o seu próprio parlamento, o que significa o reconhecimento destes cerca de 40 mil indivíduos como povo autónomo pelo governo de Oslo.

Mas nas suas vizinhanças, na União Soviética, o destino dos chamados «Pequenos Povos do Norte e do Extremo Oriente» continua incerto e com enormes ameaças de descaracterização. Só na União Soviética existem 26 desses minúsculos povos, o mais pequeno dos quais, os *Oroks*, contavam no ano passado com 190 pessoas, enquanto maior de todos eles, os *Nenets* conseguiam ultrapassar os 34 mil habitantes.

É certo que o seu número tem vindo a aumentar nos últimos anos e que a imprensa soviética começa a reservar-lhes algum espaço, sobretudo sobre a falta de representatividade política e sobre as suas condições de vida, esmagados como se encontram pela emigração de outras regiões da URSS e pela descaracterização das suas tradicionais condições



Índio kuna do Panamá na colheita de grão. Os políticos acabam de descobri-los por terem adquirido a capacidade de votar

de vida.

O esforço internacional

A luta universal pela autodeterminação dos povos indígenas e a sua capacidade para se organizarem por si mesmos, regional, nacional e internacionalmente, está a transformar-se de maneira crescente numa força internacional que os governos são obrigados a considerar. Além disso, a causa indígena ganhou novos partidários com a mudança de posição de algumas organizações

ecológicas, que incluem, agora, os problemas indígenas nas suas lutas para proteger o meio ambiente mundial.

À cabeça destas organizações surge o IWGIA, Grupo Internacional de Trabalho sobre Assuntos Indígenas, uma organização internacional e independente que se dedica a investigar as opressões sofridas pelos povos indígenas.

O IWGIA possui já uma larga história a tentar persuadir agências de financia-

mento que os povos indígenas, que normalmente não estão inseridos nos critérios por elas definidos, deveriam constituir grupos específicos apropriados para receber ajuda para o seu desenvolvimento. Outro ponto importante é que a ajuda ao desenvolvimento dirigida aos povos indígenas deveria apontar para uma maior auto-organização indígena, assim como assegurar os seus direitos à terra como base primária e fundamental para o seu ato-desenvolvimento. Importante para a organização foi o facto, no ano passado, de lhe ter sido concedido o estatuto consultivo, não governamental, pelo Conselho Económico e Social (ECOSOC) das Nações Unidas. Isto significa que o IWGIA tem, agora, o direito de dirigir comissões, grupos de trabalho e organizações várias, sob a égide das Nações Unidas.

No entanto, muito está ainda por fazer, em todo o mundo, por cada um de nós. Neste artigo referimos apenas os problemas mais dramáticos, mais gritantes.

Há muitas, dezenas de outros um pouco por todo o globo. Com o problema paralelo de que as gerações mais jovens aceitam, frequentemente, as propostas de alterações que lhes são indirectamente oferecidas: trocar uma vida dura e difícil pelas muito hipotéticas vantagens da chamada civilização, esquecer uma cultura milenar para receber um par de *jeans* ou um disco de *rock'n roll*. Mas este específico problema será apenas dos povos indígenas?

Roby Amorim



Lama tântrico tibetano, dos quais restam apenas menos de meia dúzia

COMENTÁRIO

A diferença: um direito negado aos fracos

O direito à diferença é consagrado, explícita ou implicitamente, em vários documentos subscritos com grande pompa pela comunidade das Nações, a mesma que constantemente o viola ou o ignora. O texto que se publica nestas páginas dá exemplos dessa incoerência suficientes para se concluir que todos os países são culpados das perseguições aos diferentes: uns por as cometerem, outros por as deixarem impunes.

O drama dos pequenos grupos étnicos que lutam contra o extermínio ou a dissolução nas grandes civilizações com que se confrontam vem de tempos imemoriais: foi o drama dos sobreviventes dos genocídios operados na velha Europa pelos povos invasores em migrações vindas do Oriente, foi o drama dos povos indígenas de quatro continentes, perante os colonizadores que constituíam a rectaguarda dos descobridores e dos exploradores europeus, é o drama das minorias, na miscelânea racial deixada dentro das fronteiras artificiais das ex-colónias.

A eliminação pura e simples é o mais grave dos perigos que os pequenos povos indígenas enfrentam em alguns países. O mais generalizado dos riscos a que se expõem é, no entanto, a descaracterização, forma igualmente radical de atentado à diferença, provavelmente mais eficaz, na medida em que a imposição de culturas alheias nem sempre se faz com violência racista ou xenófoba, não gerando, por isso, reacções de defesa.

Atitude característica dos colonizadores foi a de impôr a sua cultura, a *Cultura*, à incultura que consideravam ser a cultura colonizada, sendo nisso animados dos sentimentos mais humanitários. E se dessa imposição, tanto na sua componente civil como na religiosa, resultaram benefícios inegáveis para os povos colonizados, não se pode esquecer que contribuiu para a perda de muitos valores etnográficos e culturais, promovendo a assimilação forçada - e por isso ainda hoje incompleta ou deturpada - de princípios morais, de ideologias, de filosofias, que levam os povos recentemente emancipados da tutela colonial em persistirem no erro de construirem as suas sociedades à imagem europeia (ou a consentirem que isso lhes seja imposto), sem atenderem à sua diferença.

Dissemos atrás que tanto os países que as promovem como os que as consentem são responsáveis pelas perseguições que quase por todo o mundo se abatem sobre os pequenos povos indígenas. Furtando-se ao cumprimento do seu papel de garante do convívio mundial justo e pacífico, a ONU pouco tem feito contra os genocídios que sistematicamente se praticam na Ásia, em África, na Oceania, na América do Sul, até na América do Norte. Parece que a eficácia da organização só se manifesta, na imposição de rígidos bloqueios e sanções, quando em jogo estão os

interesses básicos da economia das grandes potências. Foi o que aconteceu no Golfo, onde a ocupação de um pequeno país teve apenas a importância da crise petrolífera que o facto fazia prever.



Rui Pinheiro

O Guia do Bom Garfo

RESTAURANTE
A PARAGEM
SNACK-BAR

 2243156
 Encerra às
 Quintas-feiras
FERNÃO FERRO
 (Estrada de Sesimbra)

• A «PARAGEM» serve-lhe um
 ótimo PEIXE tanto em qualidade
 como em variedade.
 • Nas carnes há variedade, mas
 prove a CHANFANA que a
 «PARAGEM» serve ficará cliente,
 deste atamado prato da Beira.

Restaurante
antónio
 AR CONDICIONADO
 PURIFICADO COM OZONO
 ABERTO TODOS OS DIAS
ARROZ DE MARISCO COM LAGOSTA DIARIAMENTE
 R. TOMÁS RIBEIRO, 63
 1000 LISBOA
 Tel. 53 87 80 - 54 15 39

Restaurante
O FORNO IDANHENSE
 Comida regional da Beira Baixa
 Especialidades:
 • Peixe sempre fresco
 • Bacalhau c/batatas a murro
 • Espadarte no churrasco
 • Arroz de tamboril
 • Costeleta de novilho
 • Cabrito recheado no forno
 • Assados em forno de lenha
 • Grelhados (à vista do cliente)
 Sala para banquetes
 Reabriu totalmente remodelada a casa típica da Beira Baixa
 Largo Famões, 1 - FAMÕES 2675 ODIVELAS - Tel. 932 96 09

O Famoso
 Bife
 na Pedra
 Aberto todos os dias

"O Grelhador da Docu"
restaurante

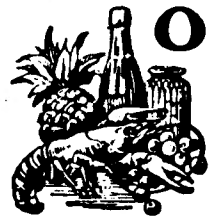
PEIXES
 Saltam do Barco para o grelhador...
CARNES
 As mais saborosas...
 Telef. 53 25 96
 Rua da Saúde, 36-38
 Rua Guilherme Gomes Fernandes, 25-27
 2900 SETÚBAL

espiral
 Pratos: vegetarianos,
 macrobóticos, chins, peixe,
 doces e salgados,
 bebidas e sumos
 • Salão de chá
 • Música ao vivo (todos os sábados)
 • Artesanato
 • Galeria (exposições de pintura, fotografia)
 • Produtos dietéticos
 • Livraria (ecologia, esoterismo, orientalismo, etc.)
 • Conferências (todas as terças às 21h)
 • Cursos astrologia, tarot, meditação, cozinha vegetariana e macrobótica, pintura
 • Consultas (medicina, fisioterapia, shiatsu, astrologia, tarot).
 Aberto todos os dias das 12 às 22h, incluindo fins-de-semana e feriados.
 Praça Ilha do Faial, 14-A (à Estefânia) - Lisboa - Telef. 573585


A TENDINHA
MARISQUEIRA RESTAURANTE
 Estr. de Mem Martins, 211 a 215
 Telef. 921 7863 • 2725 MEM MARTINS
 (Junto às Finanças de Mem Martins)

CASA TRANSMONTANA
 ESPECIALIDADES
 DE TRÁS-OS-MONTES
 • DIARIAMENTE, O
 PRATO DO DIA É
 UMA
 ESPECIALIDADE
 DIFERENTE
 ENCERRADO SÁBADOS E FERIADOS
 TODO O DIA E DOMINGOS AO ALMOÇO
 CALÇADA DO DUQUE, 39
 TEL. 320300 - LISBOA


RODÍZIO
 TÍPICAMENTE
 BRASILEIRO
 CAPIRINHA BRASILEIRA COM AUTÊNTICA
 CACHAÇA -VELHO BARREIRO-
 ...MAIS DE DOZE TIPOS DE CARNE
 ...MAIS DE VINTE VARIEDADES
 DE SALADAS
 OPÇÕES A L'CARTE
 MÚSICA AO VIVO
 ABERTO TODOS OS DIAS
 Chimarrão II
 AV. ROMA, 90 D - TEL. 50 07 84
 LISBOA PORTUGAL
 PREÇOS ESPECIAIS PARA GRUPOS


O SERAFIM
 RESTAURANTE • CAFÉ • CERVEJARIA
 PEIXE SEMPRE FRESCO
 PARA COMER BEM ATÉ AO FIM
 SÓ VISITANDO O SERAFIM
 R. Dr. Peixoto Correia, 69 - Tel. 2230 179 - SESIMBRA


RESTAURANTE E CERVEJARIA
DUAS AMAZONAS
 SALÃO PARA BANQUETES
 ESPECIALIDADES:
 • ARROZ DE MARISCO • AÇORDA DE LAGOSTA
 • FONDUE • BROCHET DE FILÉ MIGNON
 ENCERRAMOS À 1 DA MANHÃ E AOS SÁBADOS PARA DESCANSO DO PESSOAL
 AVENIDA DUQUE D'ÁVILA, 47-A - 1000 LISBOA - TEL. 52 16 92 - 52 19 58

O PAVÃO
 RESTAURANTE, CERVEJARIA
 E MARISCOS
 VENHA EXPERIMENTAR AS NOSSAS ESPECIALIDADES
 ENCERRAMOS ÀS 2 DA MANHÃ E AO DOMINGO
 RUA DONA ESTEFÂNIA, 108-110 1000 LISBOA TEL. 53 14 91

A&P


CAÇA
 PERDIZES, FAISÕES, VEADOS
 CERVOS, GAMOS E OUTROS

AS MELHORES QUALIDADES
 AOS MELHORES PREÇOS
AFONSO & PIRES, LDA.
 AZEITÃO - TEL. 208 13 19
 SUCURSAL LISBOA - TEL. 57 30 82

POLÍTICA

Abel Delgado agitou magistraturas

Ministério Público exige uma lei igual para todos

Os magistrados do Ministério Público exigem que a lei seja igual para todos. Preocupados com as reacções contraditórias de diversos sectores face à sua actuação em dois casos do conhecimento público por envolverem figuras políticas, acusam outras componentes dos tribunais de reproduzirem «velhos preconceitos».

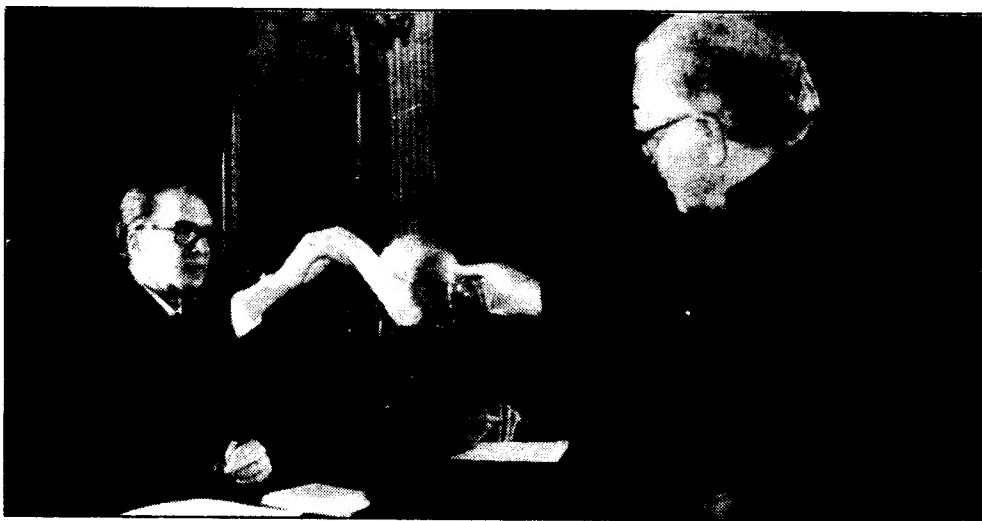
Numa primeira reacção aos casos com repercussão pública que provocaram polémica sobre os poderes da magistratura, o Sindicato do Ministério Público decidiu exigir do Conselho Superior do Ministério Público e do Governo o imediato redimensionamento do quadro dos magistrados, de modo a dar resposta eficaz à representação do Ministério Público nos tribunais de círculo, administrativos e fiscais.

O MP pretende que aquela representação seja «sempre e só assumida por procuradores da República, impedindo-se a sua substituição por delegados do Procurador da República».

Divisionismo e confronto

Voltam a confrontar-se as duas magistraturas, pilares da administração da justiça em Portugal. É o retorno à «guerra» entre o Ministério Público e os juízes, que a opinião pública admitia estar encerrada.

O juiz conselheiro Abel



Eleição de Abel Delgado (na foto à direita, a entregar o seu voto) agitou as águas nem sempre tranquilas da magistratura portuguesa

Pereira Delgado terá aticado recentemente os ânimos com algumas declarações proferidas quer antes quer depois das eleições para a presidência do Supremo Tribunal de Justiça.

A afirmação de que é aos juízes que «cabe a última palavra» e que são «estes quem dão a sentença», não está em causa. Nem a de que todos as outras componentes, Ministério Público, advogados e funcionários, são colaboradores dos tribunais, como disse Abel Pereira Delgado: em questão parecem estar as velhas teorias e conceitos que visarão pôr em causa a independência dos tribunais em geral e do MP em particular.

O Sindicato dos Magistrados do Ministério Público

respondeu entretanto ao que qualificou de «atitudes divisionistas» entre as diferentes magistraturas, «que colocam em perigo a independência e autonomia dos tribunais».

As suas preocupações face à ausência de perspectivas e de reflexão visam preservar aquilo que «a democracia permitiu alcançar nos últimos anos: a possibilidade de, perante a justiça e sem interferências alheias, a lei ser aplicada por igual a todos os cidadãos».

A Bastonária da Ordem dos Advogados admitiu a criação de uma Confederação das Profissões Jurídicas em 1991, decisão que poderá já sair de uma reunião prevista para Janeiro entre advogados e magistrados do Ministério

Público e judiciais.

Maria de Jesus Serra Lopes propôs entretanto que melhorem «as relações com os magistrados». A bastonária acusou os juízes de considerarem os advogados, muitas vezes, «elementos incómodos», manifestando a sua preocupação face à lentidão da justiça em Portugal.

«Fazer justiça tarde de mais não é fazer justiça», disse Maria de Jesus Serra Lopes ao «DN». Um outro dirigente da Ordem sublinhou as sete condenações do Estado português pelo Tribunal Europeu como chamada de atenção a atraso da administração da justiça em Portugal, o que corresponde a cem por cento das queixas apresentadas a Estrasburgo. J. R.

Almeida Santos, na Assembleia

«Basílio tresmalhou o rebanho de Cavaco»

«A entrada do Primo Basílio no palco eleitoral, começando a tresmalhar as ovelhas de Cavaco Silva obrigou o primeiro-ministro «a fazer progressos claros na sua atitude perante as presidenciais», a ponto de a abstenção «deixar de servir ao PSD».

A afirmação é de Almeida Santos e consta da intervenção feita ontem na Assembleia da República, geradora de enorme agitação na bancada da maioria.

Por inesperada - o deputado socialista já há bastante tempo que se remetera ao silêncio no plenário parlamentar - esta intervenção no período de antes da Ordem do Dia acabou por subalternizar a votação do estatuto autonómico da Madeira que parecia susceptível de provocar fricções no Grupo Parlamentar do PSD.

«Não precisamos das suas bicadas», respondeu o líder da maioria, ao deputado do PS. Na opinião de Montalvão Machado, PS e PSD «estão no mesmo barco nestas eleições mas viajarão em barcos diferentes nas seguintes».

«E o nosso terá então muito mais potência e será muito mais veloz», afirmou o presidente da bancada do PSD.

Carlos Brito, do PCP, também participou nestes jogos florais, perguntando a Almeida Santos se o inopinado discurso não tinha sido «uma tentativa para afrouxar o abraço que Cavaco Silva deu a Mário Soares» na entrevista televisiva de terça-feira passada.

«Chama aquilo um abraço?», retorquiu Almeida Santos. «Aquilo não é um abraço, mas um presente envenenado».

O Estatuto da Madeira foi, entretanto, aprovado por maioria com os votos favoráveis do PSD e as abstenções do CDS, dos deputados do PSD eleitos pelos Açores e do deputado Mota Torres, do PSD/Madeira.

Ontem ainda, o Partido Comunista entregou o seu próprio projecto de lei para extinção dos serviços de extinção da Pide/DGS e em que prevê a consulta pública dos seus artigos a partir de 1994. José Magalhães, independente e ex-PCP, também fez chegar à mesa um projecto com o mesmo objectivo mas em que defende que o acesso aos arquivos «seja assegurado para fins de investigação».

Recorde-se que esta questão já está agendada na Assembleia da República, por iniciativa do vice-presidente do PSD, Silva Marques, assumida já há alguns meses.



A rainha Beatriz da Holanda, que hoje conclui a sua visita ao nosso País, ouviu ontem uma segunda dose de queixas sobre a situação em Timor-Leste. Na véspera fora o Presidente da República que publicamente criticara a actuação da Indonésia, potência ocupante do território e antiga colónia holandesa. Ontem foi a vez de o primeiro-ministro dar à rainha um explícito recado para o Governo holandês: «Portugal considera que deve defender o direito à autodeterminação dos timorenses», disse Cavaco Silva à soberana. «E se condena o Iraque por ter invadido o Kuwait, não se pode esquecer a invasão de Timor-Leste pela Indonésia». A foto documenta um dos actos da visita oficial, a recepção na Câmara Municipal de Lisboa, com o presidente Jorge Sampaio a desfilá-la numa caravela de filigrana. Hoje Beatriz está no Porto regressando ao fim do dia a Amesterdão.



CURSO DE TÉCNICOS DE DESIGN GRÁFICO E COMUNICAÇÃO

DESTINATÁRIOS

Adultos com mais de 25 anos, desempregados

SE TEM

9º ano

Está vocacionado para a área das artes visuais

INSCREVA-SE

Carga horária - 10 meses (1400 horas)

com o horário das 16.00 às 23.00 horas.



ATRIBUIÇÃO DE BOLSAS DE ESTUDO

CURSO APOIADO PELO IEFP

INSCRIÇÕES LIMITADAS

PARA MAIS INFORMAÇÕES DIRIJA-SE À

VOZ DO OPERÁRIO

Rua da Voz do Operário

Nº 13 - 1100 LISBOA

Telefone - 86 21 55/6/7 ext. 41

FORUM

CARTAS
NA MESA

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho
de Administração:
António Ruella Ramos.
Administradores:
Maria do Carmo Ruella Ramos,
João Manuel Ruella Ramos,
António Brás Monteiro
e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director
António Ruella Ramos

Exerceram anteriormente
a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)
Mário Mesquita (1989/1990)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
Daniel Reis
e Rodrigues da Silva
Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
Avelino Cardoso,
José Luís Feronha
e Neves de Sousa

Redacção e reportagem fotográfica:
Alves Henriques,
Ana Mafalda Inácio,
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,
Céu Neves, Dina Soares,
Elsa Andrade, Emília Trindade,
Ernesto Sampaio,
Fernando Braderode Santos,
F. Dias Brito, Glória Oliveira,
Jorge Ferreira, Júlio Rodrigues,
Luís Alexandra Botinas,
Lurdes Féria,
Maria Antónia Martinho,
Maria João Martins,
Maria João Rocha,
Marina Tavares Dias,
Pedro Alvim, Rodrigues Borges,
Rui Ferreira e Sousa,
Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes
da Redacção: Alessandra Balsamo,
Francisco Paraíso, Isabel Joyce,
Jorge Fallorca e Roby Amorim.

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
Filipe Veríssimo
e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira,
José António Carvalho,
Jorge Santos
e Oscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutelo

Secretaria da Redacção:
José Agostinho (coordenador),
António Lima
e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luís Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração,
Publicidade e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.
Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA
- Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso
na Renascença Gráfica, SA
- Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress -
Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa
- Telef. 322100/322204/320784.
Delegação Norte: Rua Monte
dos Pípos, 326 - Custóias - 4450
Matosinhos - Telef. 9531566
Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço
do jornal: no Continente, 70\$00; na
Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

AS MÁSCARAS DO RACISMO

O quotidiano francês «Le Monde» editou recentemente um extenso e razoavelmente completo dossier dedicado ao recrudescimento do racismo, da xenofobia e do anti-semitismo na sociedade moderna (com particular ênfase na França), cuja leitura julgo ser muito aconselhável.

Num longo inquérito realizado por Alexandre Szombati, em que se entrevistam antigos nazis, é difícil disfarçar o horror ao verificar que, tantos anos depois do genocídio perpetrado pela Alemanha nacional-socialista contra os judeus da Europa, renascem teses «revisionistas» (da autoria de catedráticos de direito) que, muito simplesmente — e com uma flagrante desumanidade — pretendem negar a existência das câmaras de gás em Sobibor, Treblinka e Auschwitz...

O ressurgir de um fascismo na sua forma mais pura na França, impulsionado pela «direita mais besta de que há memória» (como comentava o socialista Max Gallo, referindo-se ao Front National de Jean-Marie Le Pen), o assentar trivial na sociedade gaulesa de um anti-semitismo e de um racismo descarados, catalizados por movimentos neonazis ou de extrema-direita, é algo de aterrador e desconcertante num país que se orgulha de ser a Pátria dos Direitos do Homem.

Apenas a França consegue reunir facilmente — e com uma regularidade macabra — em cada acto eleitoral, um apoio que soma mais de 10 por cento dos votos para a extrema-direita «lepenista». Essa mesma França que relembra constantemente o seu colaboracionismo «petainista» com a Alemanha de Hitler. Essa França da profanação de Carpentras, mas também o mesmo país que levou o seu presidente a descer à rua, sob as badaladas dos sinos de Nôtre-

Dame, fazendo parte de uma enorme manifestação pelas ruas de Paris, contra o anti-semitismo, em 14 de Maio passado. O «non» da França.

Mas o horror e o ódio ganham um cunho de banalização perfeitamente inaceitável. Há alguns meses, perante um discurso de Mme. de Stirboix, na Assembleia Nacional, em que a «maire» de

cortante memória para toda a Humanidade talvez não fizesse grande sentido em Portugal, não fosse a lenta, mas gradual penetração das mesmas ideias no nosso solo...

Há algum tempo, em deslocação ao Porto, adquiri numa livraria uma publicação apologista dos «skinheads» do Norte (um «skinzine»), o qual, citando arti-

neonazis distribuem, pelo correio, panfletos e material de propaganda, nos respectivos territórios nacionais, e noutros países.

Também no Porto, em diversas paredes, ao lado de suásticas e símbolos neonazis podiam ler-se inscrições racistas, como «Em Treblinka judeu não brinca!». E, por baixo, a assinatura MAN — Movimento de Acção Nacionalista. Em Almada, diversos muros de escolas — primárias, inclusivamente — foram, há semanas, «carimbados» com um desenho fazendo lembrar um fantasma branco, segurando uma cruz (um símbolo do Ku Klux Klan?), encimando a frase «Poder Branco» e «Oi Skinheads».

Entretanto, o semanário de Vera Lagoa prossegue os seus tão peculiares intuitos editoriais, publicando artigos escritos a partir da Imprensa de extrema-direita francesa, em que se aborda despididamente, e sem um mínimo de respeito pela dignidade devida às vítimas do Holocausto, a grande «sensação» de direita: negar o nazismo e o seu rol de horrores, fazendo lembrar os «deslizes» de Le Pen (o «point de détail», o «Durafour crématoire»...) Mas, ao contrário da França, a maior parte dos portugueses não se pronuncia sobre o assunto. Assim, o que além-fronteiras despertaria vivas reacções de repúdio, parece aqui passar despercebido...

É essa mesma indiferença da nossa parte que permitiu já a criação de movimentos neonazis (por mais bizarro que tal pareça), subterraneamente activos, mas que impulsionaram o assassinio de José Carvalho, dirigente do PSR, assim como inúmeros actos de agressão perpetrados contra imigrantes africanos. Uma indiferença que não convém detectarmos quando já for demasiado tarde.

P. Correia,
leitor identificado

O ressurgir de um fascismo na sua forma mais pura em França (...), o assentar trivial na sociedade gaulesa de um anti-semitismo e de um racismo descarados, catalizados por movimentos neo-nazis ou de extrema-direita, é algo de aterrador e desconcertante

Dreux, e membro activo da FN defendia abertamente as teses «revisionistas» agora em voga — e que, num pateticamente mórbido acto de redimir o fascismo, procuram negar as atrocidades cometidas pelos nazis, os seus crimes contra a Humanidade — as reacções da Imprensa e, sobretudo, da maior parte dos franceses, mais pareciam um encolher de ombros desinteressado diante de uma realidade banal, que invade os «media» diariamente: os chorilhos da extrema-direita que, se bem que não ameacem a democracia e a liberdade de forma súbita, vão abrindo caminho à proliferação de neonazis e de grupos de «skinheads».

Redimir o passado nazi parece ser uma tarefa assaz interessante para os catedráticos de Lyon III, embrenhados nos seus interessantíssimos estudos apologistas da supremacia da «raça ariana» (em que o hediondo Gobineau ocupa lugar de honra). Afirmar que os campos de concentração nazis eram apenas aprazíveis quintas de trabalho é decerto, um acto de alguma barbaridade e demência, que a democracia, como que preparando o seu cadafalso, tolera complacientemente.

Relembrar um passado de tão

gos do semanário «O Diabo», dirigido por Vera Lagoa, procurava justificar as mesmas teses «revisionistas», fazendo uso de um anti-semitismo que não conhece precedentes em Portugal. Em páginas de papel de boa qualidade, e com boa impressão gráfica, uma publicação, à venda inocentemente junto de outras publicações diárias, incitava ao ódio racista da maneira mais — democraticamente — impune.

Na publicação acima referida («Combate Branco») propunham-se livros e panfletos dos «skinheads» — entre os quais o «Mein Kampf» de Adolf Hitler, da Editorial Pensamento, e os «Protocolos dos Sábios de Sião», assim como um «pacote de iniciação», com «emblemata do MAN, uma casete de música nacionalista, exemplares do jornal «Ofensiva» e «t-shirts», por 2500 escudos — que os leitores podiam adquirir, enviando o pedido para um apartado na Amadora (a sede do MAN).

Não será demasiado recordar que um dos temas recentemente debatidos pelos eurodeputados, aquando de um relatório sobre o racismo e a xenofobia, da autoria do britânico Glyn Ford, foi precisamente o perigo constituído pela facilidade com que movimentos

SORAYA Tapeçarias Orientais

(MARCA REGISTADA)

ACABAMOS DE RECEBER GRANDE IMPORTAÇÃO DE TAPETES
TURCOS ★ PERSAS ★ CHINA (em lã e seda) ★ KELIM'S ★ AFEGÃOS
O MELHOR E MAIS VASTO STOCK DO PAÍS

A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA • NÃO COMPRE SEM NOS CONSULTAR

LISBOA — Av. Almirante Reis, 80-C
Telefones: 814 92 17 - 814 92 16

PORTO — Rua da Constituição, 973
Telefones: 49 09 67 - 49 23 48

CML



uma cidade limpa

ECONOMIA

Agricultores beneficiam de mais uma trégua

Vencidas as dificuldades levantadas pelos espanhóis, Portugal prepara-se para integrar a PAC, que Arlindo Cunha quer mais "democrática"

Portugal conseguiu o melhor resultado possível para a fase final da integração da sua agricultura na política agrícola comum (PAC), afirmou Arlindo Cunha em Bruxelas.

O ministro proferiu estas declarações no final da reunião do Conselho de Ministros da Agricultura que aprovou 22 regulamentos que definem as modalidades de aplicação das regras da PAC aos produtos sujeitos à segunda e última fase da transição por etapas da agricultura portuguesa. Esta fase começa em 1 de Janeiro próximo e decorre até Dezembro de 1995. Arlindo Cunha considerou que o acordo final é melhor do que o inicialmente proposto pela Comissão Europeia (CE). De acordo com a pormenorização feita, Portugal conseguiu que os produtores de vinho fiquem «praticamente isentos», até 1995, do regime comunitário de destilação obrigatória e que, por outro lado, fosse aumentado, de dois para cinco anos, o período de protecção do mercado português, quanto às importações de carne de porco, carne bovina refrigerada e congelada e de arroz em casca e semi-branqueado.

Quanto a outros produtos, o ministro afirmou que foram aprovadas todas as propostas da Comissão que, disse, «correspondem na íntegra às pretensões do Governo português».

Em consequência do acordo, peritos do sector admitem a ocorrência de um acréscimo significativo das verbas do Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícola - secção Garantia destinadas a Portugal.

A CE estima que das medidas propostas resulte um reforço das verbas para Portugal superior a 20 milhões de contos. As medidas destinadas à segunda fase incluem sete regulamentos para o sector dos laticínios, dois para o da carne bovina, seis para o das frutas e legumes, quatro para o dos cereais, um para o da carne porcina e dois de carácter horizontal.

A negociação deste pacote levou dois meses e entre os obstáculos surgidos destacam-se as dificuldades levantadas pela delegação de Espanha, que pretendia contrapartidas pelas medidas previstas no sector das frutas e legumes.

A Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP) considerou que «só o conhecimento concreto e detalhado dos regulamentos agora aprovados permitirá uma tomada de posição definitiva».

Rosado Fernandes, presidente da CAP, disse que «mesmo que o acordo não seja muito punitivo para a agricultura portuguesa, se o Governo não for capaz de pôr de pé uma estrutura de serviços e organismos que, com os agricultores, pratique a mudança, acabaremos por nem sequer gerir da melhor forma o período de transição e tirar o melhor proveito da integração plena».

Resta saber os efeitos concretos destas medidas na estruturação da agricultura portuguesa.

Contra o produtivismo

Pela parte do actual ministro, a PAC deveria ser mais rural e menos agrícola e basear-se na qualidade e na diferença. Arlindo Cunha entende que assim promovia-se uma economia do valor e do Homem, contra uma economia produtivista da escala e do espaço, a qual implica

desertificação e custos ambientais consideráveis.

A reorientação da PAC é considerada «inevitável» pelo ministro, porque «é imoral continuar a dar grande parte do orçamento agrícola a um pequeno grupo de agricultores mais desenvolvidos».

Uma «agricultura de produtos nobres» privilegiaria a definição de imagens de marca e de marcas de qualidade e origem de pendor altamente selectivo, além de valorizar o Homem-agricultor.

Crédito agrícola

Entretanto, a obrigatoriedade de entrega de reservas de caixa pelas Caixas de Crédito Agrícola Mútuo ao Banco de Portugal já provocou cortes substanciais no crédito aos agricultores. As entregas são impostas pelo novo regime jurídico destas instituições de crédito e ascendem a 11 milhões de contos neste mês. Os responsáveis alegam que o regime ainda não está em vigor e que o carácter de «autêntico imposto» que estas entregas assumem está a prejudicar o acesso ao crédito dos pequenos e médios agricultores.

DL/Lusa

B R E V E S

Fundos para as médias empresas

O IAPMEI, segundo declarações do seu presidente, Ramalho de Almeida, prevê distribuir cerca de 47 milhões de contos de incentivos a pequenas e médias empresas, durante o ano de 1991. Acrescentou que, desde 1988, o IAPMEI recebeu cerca de oito mil projectos de investimento, dos quais mais de 3 500 se encontram a provados. Entretanto, o Banco Europeu de Investimentos concedeu um empréstimo de 1,5 milhão de contos ao Banco Totta e Açores para financiamento de projectos de pequena e média dimensão.

Portugueses estão a poupar menos

Do seu rendimento disponível, as famílias portuguesas reservaram, em 1989, cerca de 78 por cento para o consumo e 22 por cento para a poupança, segundo números divulgados esta semana na Expoinveste. Esta percentagem, que continua a ser das mais elevadas da Europa, tem vindo, no entanto a decrescer, desde 1985, ano em que ela atingiu 30 por cento.

Prioridade da CEE ao TGV português

A ligação Porto-Lisboa-Madrid em comboios de alta velocidade é um dos sete primeiros projectos financiados pelo Programa de Apoio às Infraestruturas de Transporte de Interesse Comunitário. Do programa aprovado a semana passada constam ainda o eixo do trânsito alpino, o reforço das ligações terrestres na Grécia e as ligações com a Escandinávia.

Plano de privatização da Petrol está pronto

O plano de privatização da Petrol está pronto, apenas se aguardando a garantia de entrada de capital nacional, segundo anunciou o ministro da Indústria. Segundo Mira Amaral, a participação de capital privado português na Petrol poderá ser escalonada até atingir os 26 por cento. Há dez grupos económicos portugueses interessados, os dos Mellos, Amorim, Ilídio Pinho, Quintas, Espírito Santo, Manuel Bulhosa e as Fundações do Oriente e Monteiro de Barros. Segundo apurou a agência Lusa, este consórcio português quer subscrever a totalidade do aumento de capital de 40 milhões que a empresa vai efectuar, antes da privatização, para realizar investimentos

Comércio mundial cresce apesar do Golfo

A crise do Golfo não vai impedir o crescimento do comércio mundial em 1990, prevendo o GATT, Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio, um aumento das exportações de mercadorias no valor de seis por cento.

À frente desta tendência encontram-se os EUA que supera a RFA, medalha de ouro há três anos. O Japão, por sua vez, passou do primeiro lugar para o terceiro no sector da importação de serviços comerciais.

No caso da região da Europa Central e Oriental, regista-se uma descida absoluta em valor do comércio inter-regional, nomeadamente no interior do Comecon, em favor dos países industrializados.

A União Soviética, porém, aumentou em três por cento as importações provenientes dos países do Comecon, em 1989 e as trocas com os países industrializados aumentaram em 13 por cento para as exportações e 14,5 por cento para as importações.

Segundo um estudo do GATT, ontem divulgado em Genebra, em 1989, o crescimento do comércio, em volume, foi de sete por cento, elevando-se a 3.100 mil milhões de dólares, 406,1 mil milhões de contos.

As exportações de produtos acabados aumentaram mais rapidamente do que as de produtos agrícolas e da indústria de extracção. O crescimento foi ainda maior para o comércio e serviços, fixando-se em 680 mil milhões de dólares, 89 mil milhões de contos.

O GATT, na análise que faz à evolução das trocas durante os anos oitenta, salienta que os fluxos comerciais entre a Europa Ocidental, a América do Norte e a Ásia, bem como no interior dos países, foram os mais importantes e também os que mais progrediram na última década.

DL/Lusa

COTAÇÕES



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46085	52085
ALEMANHA (marco)	87960	88080
ÁUSTRIA (schilling)	12945	12965
BÉLGICA (franco)	40082	46332
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)	111820	113670
(notas de 5 a 1000)	111870	114020
DINAMARCA (coroa)	22880	23020
ESPAÑA (peseta)	18352	18472
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	129050	133000
(notas de 5 a 1000)	130000	133000
FINLÂNDIA (marka)	36855	37815
FRANÇA (franco)	25895	26065
HOLANDA (florim)	77965	78875
IRLÂNDIA (libra)	23080	23780
ITÁLIA (lira)	9107	9122
JAPÃO (yene)	8971	10026
NORUEGA (coroa)	22040	22090
REINO UNIDO (libra)	25800	26010
SUÉCIA (coroa)	23835	23885
SUÍÇA (franco)	102050	104000
VENEZUELA (bolívar)	20446	30246

OBSERVAÇÕES:

- 1 - No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

RECOLHA DE LIXOS

A Câmara Municipal de Lisboa informa a população que não haverá remoção de lixo nos próximos dias 30 de Novembro (noite de 30 para 1 de Dezembro) e 7 de Dezembro (noite de 7 para 8) por serem vésperas de feriados.

Nos dias 1 e 8 de Dezembro a recolha de lixo far-se-á normalmente.

A Câmara espera a melhor colaboração dos seus munícipes aos quais pede para não colocarem os contentores nos passeios nos dias em que não há recolha de lixo.

INTERNACIONAL

■ B R E V E S

Falhanço no GATT pode causar guerra comercial

O possível falhanço das negociações do GATT desencadeará uma guerra comercial, advertiu ontem o secretário norte-americano para a Agricultura, Clayton Yeutter, durante a conferência de Imprensa que precede o início das negociações finais previstas para a próxima segunda-feira em Bruxelas. Se não se chegar a um acordo entre os países mais fracos, «aqueles que não podem competir com os recursos financeiros da Europa e dos EUA», «não mais nada a fazer senão chorar», declarou Yeutter, referindo-se indirectamente à guerra de subvenções que poderá desencadear. «Há um preço a pagar, mas o preço de um falhanço nestas negociações será muito mais alto do que o do acordo», acrescentou Yeutter, fazendo o ponto da situação do avanço das negociações do GATT para a liberalização das trocas comerciais.

Conferência Islâmica apela para a paz

A organização da Conferência Islâmica (OCI) reiterou o seu apelo para a realização de uma conferência internacional de paz para o Médio Oriente, alertando ao mesmo tempo para a «gravidade» de recentes declarações de Jerusalém sobre a criação do «grande Israel». Por seu turno o exército israelita reforçou os seus contingentes na Cisjordânia e na faixa de Gaza para prevenir eventuais manifestações por ocasião do 43º aniversário da resolução a favor do povo palestino votada pela ONU. O Conselho de Segurança das Nações Unidas, entretanto, retomou ontem as consultas sobre o problema dos territórios ocupados por Israel.

Taylor aceita cessar-fogo

O líder da Frente Nacional Patriótica da Libéria, Charles Taylor, aceitou ontem o cessar-fogo imediato na guerra civil liberiana, durante a cimeira da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), em Bamako, capital do Mali. Contudo, o comunicado final da cimeira não refere-se Taylor aceitou a autoridade do Governo provisório do Presidente interino, Amos Sawyer empossado na semana passada com o apoio do líder rebelde rival de Taylor, Prince Johnson.

«Natal negro» para África do Sul

A África do Sul enfrentará este ano um «Natal negro», marcado por boicotes e violência, apesar das reformas, reconheceram ontem responsáveis do Congresso Nacional Africano (ANC) e residentes do Soweto. O chefe de informação do ANC, Pallo Jordan, afirmou que a organização tem sido submetida a intensas pressões de membros e apoiantes para declarar um «Natal negro», indicação de que - sustentou - não se pode alhear. Por outro lado, um porta-voz da organização, disse que a eventual declaração do «Natal negro» envolverá, como nos anos anteriores, o boicote de consumos, ainda que a nível local, mas o maior «negrum» virá dos cortes de energia que tem sido aplicado em muitas cidades negras, por falta de pagamento das contas.

Ministro são-tomense demite-se

O ministro dos Negócios Estrangeiros de S. Tomé e Príncipe, Carlos Dias da Graça, foi ontem exonerado a seu pedido pelo chefe de Estado são-tomense, anunciou um comunicado da Presidência da República. A chefia interina da diplomacia são-tomense foi, entretanto, entregue a Guilherme Posser da Costa, actual ministro da Cooperação do Governo de Manuel Pinto da Costa.

Devido ao espectro da fome

NATO tem agitação na União Soviética

Os participantes na 36ª assembleia anual da NATO discutiram as perspectivas da fome na União Soviética, depois de terem ouvido um relatório pessimista acerca do futuro daquele país.

Fontes da organização revelaram que os representantes dos 16 países membros da aliança analisaram os enormes problemas económicos e sociais que Gorbachev enfrenta. Alguns dos presentes afirmaram que o líder soviético está a perder o controlo do país, enquanto outros previram um surto de fome à medida que o Inverno se aproxima, tendo em conta que a URSS enfrenta já a escassez de alguns produtos alimentares.

Uma fonte da reunião, que pediu o anonimato, disse que o relatório deixa a sensação de não existir saída para a economia soviética.

A NATO, que tem afirmado a Moscovo que acabou o tempo da confrontação e da guerra fria, teme consequências da agitação social no país e que o potencial nuclear militar russo venha a cair em mãos erradas.

O general soviético responsável pela coordenação do Pacto de Varsóvia, Vladimir Lobov, disse na terça-feira que os militares não



A escassez de géneros na URSS transformou-se num calvário para as populações, que diariamente perdem imenso tempo à procura de alimentos

intervirão na URSS se as reformas económicas desencadear agitação social, acrescentando não acreditar que a crise vá tão longe.

A 36ª sessão da assembleia anual da NATO teve início sem a presença de Margaret Thatcher, que ontem passou

o testemunho ao seu sucessor e aliado, John Major.

A assembleia, que se prolongará até amanhã, debruçar-se-á ainda sobre as tarefas da NATO no quadro das mudanças no Leste e a crise no golfo Pérsico.

A reunião conta este ano,

pela primeira vez, com a presença de convidados de honra provenientes de diversos países do Leste.

Estão presentes Vadim Zagladin, conselheiro do Presidente Mikhail Gorbachev, o presidente do Parlamento checo, Alexander Dubcek, e os ministros dos Negócios Estrangeiros da Hungria e da Polónia, entre outras individualidades civis e militares.

Ajudas alimentares

Gorbachev discutiu ontem a ajuda alimentar alemã ao seu país com um enviado do chanceler Kohl, enquanto em Moscovo era anunciado que a cidade estava já a consumir as suas reservas de carne.

Horst Teltschik, um conselheiro de política externa de Kohl, disse aos jornalistas que o seu encontro com o líder soviético visou assegurar que a ajuda alimentar maciça alemã não seria desperdiçada.

Entretanto um grupo de deputados exigiu a demissão de Ivan Silaev e Ruslan Khasbulatov, respectivamente chefe do Governo e vice-presidente da Federação russa, responsabilizando-os pela deficiente colheita de cereais este ano.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

John Major não perdeu tempo

Governo já formado com os olhos em 92

John Major, o novo primeiro-ministro britânico, não perdeu tempo em remodelar o Governo que herdou de Margaret Thatcher, distribuindo um número razoável de cargos aos que o tinham auxiliado a chegar ao número 10 de Downing Street.

Simultaneamente, manteve nos seus cargos os que considera serem-lhe muitíssimo úteis, tal como Douglas Hurd, ministro dos Negócios Estrangeiros, a quem tornou, na prática, no número dois do gabinete e Tom King, no Ministério da Defesa. Michael Heseltine ficou com o Ministério do Meio Ambiente.

Norman Lemont, organizador da campanha de John Major passou a ministro das Finanças, enquanto Davis

Mellor, que recentemente tinha baixado de posto para exercer o cargo de ministro das Artes, viu recompensado o seu trabalho na campanha para a eleição de Major, como líder do partido, substituindo Norman Lemont como secretário-chefe do Ministério das Finanças.

O cargo de ministro dos Transportes foi preenchido por Malcolm Rifkind, ministro para a Escócia. David Waddington, ministro do Interior, foi elevado à categoria de Lorde e nomeado líder conservador da Câmara dos Lordes.

Chris Patten, Ministro do Ambiente, foi transferido para o cargo de presidente do Partido Conservador, recebendo instruções para preparar as eleições gerais.

John Major terá, na política interna do país excelentes ministros para os principais problemas, como o imposto *poll tax*, a inflação, os transportes, que ameaçam o caos na cidade e nas estradas, a crise no Golfo e o futuro da Europa. O único problema que não pode resolver é o tempo que tem para realizar as eleições gerais, marcadas para Junho de 1992.

Os Trabalhistas e os Liberais Democratas insistem que o novo chefe do executivo mudou de disco, mas a música é a mesma. Porém, os conservadores consideram que foi um bom trabalho para o primeiro dia de John Major, como primeiro-ministro britânico.

Redacção «DL»/Lusa



OLIVEIRA & PINTO, LDA.
168 — RUA DA PRATA — 172
VISITE A N/ SECÇÃO ECONÓMICA

OS MELHORES PREÇOS DO MERCADO — APROVEITE A CAMPANHA ESPECIAL DE ABERTURA

Papel de parede importado 480\$/rolo
Carpete acrílica: 150X200 6.600\$/cada
Carpete acrílica: 170X240 8.980\$/cada
Tapete quarto acrílico: 50X100 1.350\$/cada

Chintz alemão 100% algodão: 1,50 larg. . . 990\$mt
Voil terylene: larg. 3,00 590\$mt
Conj. completo varão madeira: 1,80 3.290\$/cada
Almofada em seda (pochinha) 990\$/cada

NÃO COMPRE SEM NOS CONSULTAR

INTERNACIONAL

China era o único obstáculo

ONU pronta para decidir a guerra no Golfo

Forças multinacionais

Após quatro meses da invasão do Kuwait pelo Iraque, as forças multinacionais estacionadas no golfo Pérsico e que se mantêm hoje, são as seguintes:

Estados Unidos - 230 mil homens, repartidos entre forças aéreas e terrestres estacionados em território saudita, e a Marinha, em 40 vasos de guerra, dos quais três porta-aviões. A estes homens vão-se juntar mais 200 mil, que começaram a chegar à região dia 8 de Novembro e deve-se prolongar até 15 de Janeiro.

Grã-Bretanha - 16 mil homens na terra e no mar, depois de sétima brigada ter chegado à Arábia Saudita, com dez mil homens e 120 carros Challenger. Os ingleses têm ainda aviões na Arábia Saudita, Bahrein e Omã e uma frota de 15 unidades. A Grã-Bretanha vai enviar mais 14 mil homens, que já começaram a chegar ao território saudita.

França - enviou 11 700 homens, dos quais 5500 estão na Arábia Saudita equipados com 72 helicópteros e 72 carros AMX-10RC.

Itália - cerca de um milhar de homens a bordo de quatro navios de guerra entre Oman e Ormuz.

Argentina - um milhar de homens no Mar Vermelho, um batalhão de paraquedistas, um avião de transporte Hércules C-130 e um Boeing 707.

Egipto - cerca de 20 mil homens, dos quais 15 mil pertencem à terceira Divisão de Infantaria Mecanizada, quatro mil paraquedistas e um batalhão de 600 paraquedistas em Abu Dhabi.

Numa altura em que o Conselho de Segurança das Nações Unidas se apressa a votar uma resolução autorizando o uso da força contra o Iraque, com um prazo alargado até Janeiro, a coligação anti-iraquiana e Bagdad prosseguem com a mobilização das suas forças.

No campo anti-iraquiano, as forças americanas são, de longe, as mais numerosas, principalmente depois de Washington ter decidido por um reforço de cerca de 200 mil soldados, prefazendo assim, um total de 430 mil militares americanos, instalados na região.

A Grã-Bretanha, que chegou em segundo lugar entre os países ocidentais com cerca de 16 mil soldados, está igualmente decidida a duplicar o seu contingente militar no Golfo, enviando, para o efeito, cerca de 14 mil soldados suplementares.

Bagdad, que já enviou perto de 450 mil soldados iraquianos para o Kuwait e sul do Iraque, anunciou a mobilização de mais 250 mil militares, atingindo assim, um total de 700 mil homens.

Segundo o Pentágono, a nível de material bélico, as forças militares contam com 3600 carros, 2200 veículos blindados e 2400 peças de artilharia.

Neste momento, e mais do que nunca, os olhares voltam-se fixamente para a região do golfo Pérsico, onde tudo está apostos para cumprir a resolução favorável que o Conselho de Segurança poderá ter hoje, relativamente ao uso da força.

Estados Unidos, União Soviética, Grã-Bretanha, França e China são os cinco membros permanentes do Conselho, dos quais um voto contra inviabiliza a resolução.

As autoridades chinesas comentaram, na semana passada, que não votariam contra a resolução, mas o ministro dos Negócios Estrangeiros chinês, Qian Qichen, afirmou que o seu país não pode apoiar a aprovação do documento.

Um facto é que a China afirmou hoje que apoiará a decisão da ONU e que não tem intenções de se abster ou usar o seu direito de veto.

Em Nova Iorque, fontes do Conselho de Segurança, disseram que a China sempre deu a entender que votaria favoravelmente.

Caso contrário, os EUA nunca teriam apresentado a proposta para o uso da força ao Conselho de Segurança.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Eleições na Polónia

Walesa procura o apoio de Mazowiecki

Lech Walesa, o vencedor da primeira volta das eleições presidenciais polacas de domingo, telefonou ao primeiro-ministro Tadeusz Mazowiecki, pedindo que as duas facções rivais do Solidariedade voltem a trabalhar em conjunto.

Entretanto, parlamentares do Solidariedade votaram uma resolução de apoio a Walesa na segunda volta das presidenciais.

O «Clube Parlamentar Cívico do Solidariedade» (OKP), que se dividira em duas facções antes da primeira volta das eleições, classificou o opositor de Walesa na segunda volta, o milionário Stanislaw Tyminski como uma ameaça para as reformas levadas a efeito depois do derrube do comunismo no ano passado.

Tyminski, um homem de negócios emigrado, provocou um choque na Polónia ao derrotar o primeiro-ministro Mazowiecki, também do Solidariedade, qualificando-se para enfrentar Walesa a 9 de Dezembro. «Apesar das diferenças políticas entre nós, pensamos que o interesse da Polónia exige hoje o apoio decisivo à candidatura de Lech Walesa», diz a resolução do grupo parlamentar OKP, que não teve votos contra.

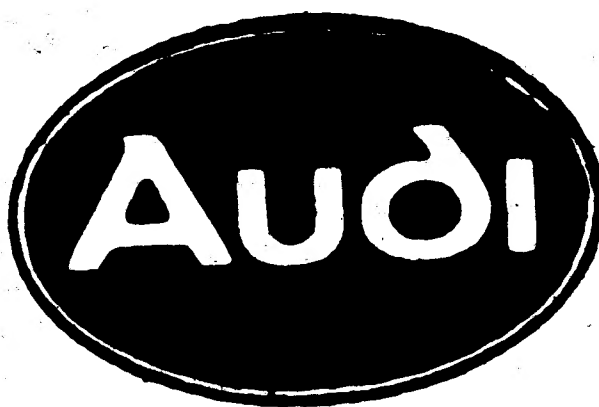
A resolução considera que o triunfo de Tyminski na primeira volta assinala a emergência de «uma ameaça dramática as mudanças por que lutou o Solidariedade desde 1980».

Mas da votação da resolução estiveram ausentes alguns dos apoiantes de Mazowiecki. Apenas 150 dos 255 membros do grupo estiveram presentes, registando-se ainda quatro abstenções. Muitos apoiantes de Mazowiecki pensam que a postura de Walesa contra a acção do Governo é não só responsável pela derrota do primeiro-ministro, mas também pela criação do clima que abriu caminho a Tyminski.

Um apoiante de Walesa, Jaroslaw Kaczynski, disse que Walesa terá pedido ao primeiro-ministro Mazowiecki que retire o seu pedido de demissão, anunciada na segunda-feira, e permaneça no cargo até às eleições parlamentares previstas para a Primavera.

Walesa iniciou a noite passada a segunda volta da sua campanha com um tempo de antena na televisão, que fez apelo à herança do Solidariedade e aos seus dez anos de luta contra o comunismo.

Redacção «DL»/Lusa/AFP



Emapsa

STAND: Rua Gomes Freire, 163 A/B - 1100 Lisboa Telef. 56 05 88 e 352 43 93

ASSISTÊNCIA E PEÇAS: (Edifício Batista Russo) - Cabo Ruivo Telef. 859 28 68

QUOTIDIANO

■ B R E V E S

Carvalho da Silva ausente de cerimónia sindical

O dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos, Rui Paixão, foi ontem eleito coordenador da União de Sindicatos de Setúbal (USS), sucedendo a José Encarnação, que se demitiu por discordar da não assinatura, pela CGTP, do Acordo Económico e Social. Paixão, de 41 anos, é membro do PCP, tendo declarado, depois da sua eleição, que «há uma ofensiva do patronato e há que estarmos mobilizados contra a pretensão da retirada de direitos». A eleição do coordenador e da Comissão Executiva da USS foi precedida da tomada de posse do novo Conselho Distrital, eleito no passado fim de semana, em congresso. A ausência, na cerimónia de ontem, do coordenador da CGTP, Carvalho da Silva, ou de um seu representante, foi criticada por Raúl Pica-Sinos, presidente da mesa eleitoral, que afirmou: «A União de Sindicatos de Setúbal é uma das maiores da CGTP-IN e é lamentável que um acto de tão grande importância e significado não tivesse a presença de um dirigente daquela central sindical».

Empresários querem transformar Base Aérea de Beja

O Núcleo Empresarial da Região de Beja (NERBE) vai apresentar ao Governo uma proposta de transformação da Base Aérea 11 em aeroporto internacional de carga, informou a direcção do núcleo. Os responsáveis do NERBE disseram que a base aérea é considerada por peritos americanos «das melhores do mundo», estando neste momento subaproveitada, servindo, quase exclusivamente, para treino de pilotos. Este projecto será um factor importante para o desenvolvimento da região, reunindo as condições necessárias para ser concretizado, referiu Artur Pais, presidente da instituição.

Cirurgião que operou Salazar internado na Cruz Vermelha

O primeiro neurocirurgião português, António Vasconcelos Marques, encontra-se internado no Hospital da Cruz Vermelha, em Lisboa, e o seu estado é estacionário, disse o seu médico assistente, Lucas dos Santos. Vasconcelos Marques foi o médico que operou Salazar a um hematoma no cérebro, em 1968. O neurocirurgião foi vítima, terça-feira, de uma trombose seguida de hemorragia cerebral. Segundo Lucas dos Santos o estado do paciente revela tendência para ligeiras melhoras, embora seja prematuro fazer prognósticos optimistas.

Irresponsabilidade campeia nas estradas portuguesas

Em cada dois minutos registou-se, em 1989, pelo menos um acidente nas estradas portuguesas, revelou o director do Instituto de Seguros de Portugal, José Mateus. «O número de acidentes de viação que ocorrem em Portugal continua a crescer de forma significativa e é dos mais elevados da Europa ou, até, de todo o Mundo», acrescentou. A média anual de acidentes provocados por automobilistas sem seguro automóvel (obrigatório desde 1980) ou não identificados ascende a 1.000.

Meteorologistas paralisados a partir de domingo

Os técnicos de observação e rede meteorológica vão efectuar uma greve a partir de domingo, até quinta-feira. A forma de luta foi anunciada pelo respectivo sindicato, o Stormeteo, que a justifica pela «falta de resposta satisfatória» por parte dos directores do Instituto Nacional de Meteorologia e dos governantes relativamente às suas reivindicações. A revalorização de categorias, a inserção do Novo Sistema Remuneratório e a liquidação de dívidas aos funcionários constituem os pontos em litígio e que o Stormeteo pretende ver solucionados.

Professores da Universidade Aberta concentraram-se no Ministério

Os professores em formação na Universidade Aberta concentraram-se ontem junto ao Ministério da Educação, em Lisboa, onde entregaram um documento em que reivindicam melhores condições de avaliação. Na moção, aprovada sexta-feira, os professores exigem que seja feita uma comparação estatística das reprovações na Universidade Aberta e nas outras instituições de formação, a divulgação dos enunciados, grelhas e critérios de correcção dos exames realizados e a criação de mecanismos de recurso.

O município da capital solicitou ontem ao Governo a revisão do regime de participações à habitação social.
«O actual é impraticável», dizem os vereadores

Câmara Municipal de Lisboa «fecha» pacote de habitação

A Câmara Municipal de Lisboa continuou durante a sessão pública de ontem o debate e aprovação do pacote «Habitação», apresentado no princípio do mês por Jorge Sampaio.

Aprovada ficou uma proposta que solicita ao Governo a actualização do regime de apoio para aquisição da casa por famílias de baixos recursos. «Tal como está torna-se impraticável», consideraram os vereadores referindo-se àquela forma de participação no preço de venda de habitação social. De facto, o decreto-lei que instituiu o regime limita o empréstimo a famílias cujo rendimento anual seja igual ou inferior a

dois salários mínimos.

O período de antes da ordem do dia ficou marcado pelas intervenções dos representantes das diferentes forças políticas a propósito do encerramento do «Diário de Lisboa». Rui Godinho expressou a sua preocupação «pelo desaparecimento de um jornal que durante 69 anos dedicou o melhor do seu espaço a Lisboa». Manifestando-se incrédulo perante esta perspectiva Godinho concluiu: «Sou dos que não assume como definitivo o desaparecimento do 'DL'». Marcelo Rebelo de Sousa secundou a posição do vereador do PCP, sublinhando que «embora nascendo

ligado a Lisboa o 'DL' teve impacto nacional». Jorge Sampaio considerou ainda não se justificar a votação de uma moção de pesar por considerar «haver esperanças de se encontrar uma solução» para o jornal.

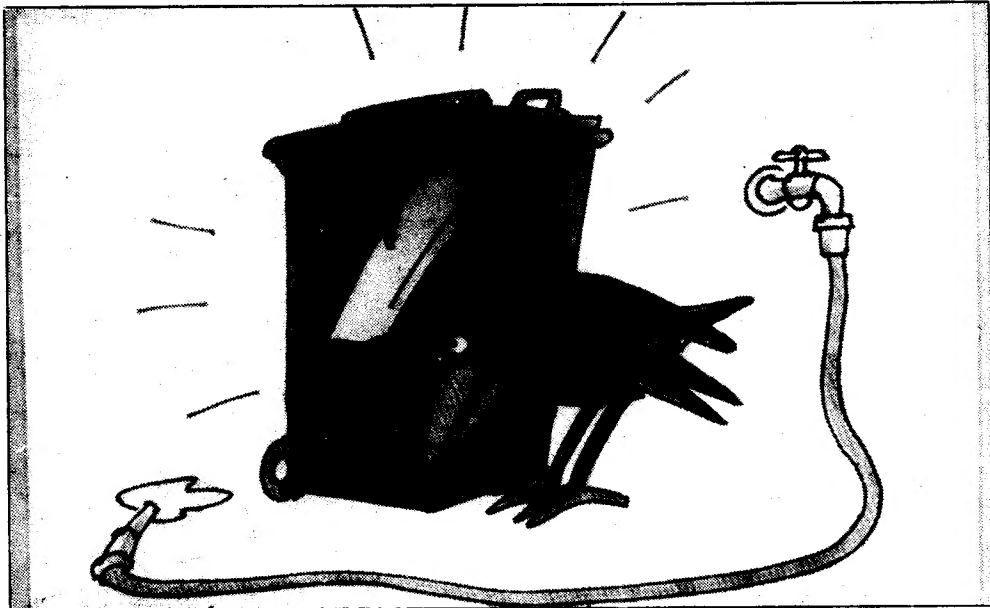
Na reunião os vereadores aprovaram outra solicitação ao Governo: a adopção de medidas legislativas que enfrentem a situação de emergência decorrente do estado de degradação generalizada do parque habitacional lisboeta.

A actualização do montante das coimas aplicáveis por falta de realização de obras de conservação, a fixação de indemnizações a atri-

buir aos inquilinos em caso de derrocada do prédio que habitem, são os pontos que constituem as propostas subscritas por Vasco Franco, responsável pelo pelouro da habitação.

Apesar de ter merecido a abstenção dos vereadores do PSD e do PPM a proposta que preconiza a criação de comissões de conservação de lote e comissões de bairro de inquilinos municipais foi aprovada. A edilidade pretende com esta medida incentivar a participação dos munícipes na resolução dos problemas da cidade, do seu bairro ou do seu prédio. No que diz respeito aos bairros municipais, este tipo de intervenção «poderá conduzir a resultados muito positivos relativamente à conservação dos edifícios e à manutenção e arranjo dos espaços envolventes», explicou Vasco Franco.

A Câmara aprovou por unanimidade o protocolo de cedência do andar superior do Palácio dos Marqueses de Tancos para a instalação da sede da Companhia de Dança de Lisboa. Tornando legal uma situação de facto que já se verificava desde os tempos do mandato de Krus Abecasis (que havia prometido verbalmente o mesmo espaço ao Centro Norte/Sul) o município acrescentou ao protocolo um pormenor interessante. Com o intuito de salvaguardar condicionalismos legais decidiu que a Companhia irá pagar uma renda «simbólica» de 100 escudos...



Nas vésperas dos próximos feriados de Dezembro não haverá recolha de lixo. Todavia, os lisboetas não deverão esquecer que «os contentores têm de permanecer em bom estado de conservação». Esta é a regra 6 no conjunto de nove contidas no folheto que a Câmara começou hoje a distribuir pelas caixas de correio

Não há petróleo no mar de Viana

As sondagens petrolíferas que estão a ser realizadas frente a Viana do Castelo, no «off-shore» português não ofereceram, até ao momento, quaisquer resultados positivos, ao que informaram os responsáveis da empresa finlandesa que está, desde os finais de Setembro, a promover aquelas prospecções.

Jouko Leskinen, administrador da Neste Corporation, responsável pelas sondagens de pesquisa «Lima 1» esclareceu que a empresa «tem tido alguns desapontamentos» e que «os resultados, até agora, não foram muito encorajadores», embora acrescentasse que «sempre tinham

sabido tratar-se de um negócio de alto risco».

Neste sentido, a plataforma semi-submersível «Glomar Biscay II» deverá ser retirada em princípios de Dezembro, embora isto esteja condicionada «aos resultados das pesquisas em curso».

De qualquer maneira, as pesquisas vão prosseguir durante mais dois meses, por forma a serem compiladas todas as informações geológicas possíveis sobre aquela área marítima fronteiriça a Viana do Castelo.

Apesar do insucesso, Leskinen admite a possibilidade de novas prospecções a levar a cabo dentro de uns 6 meses.

Explica porque: «Convém não esquecer que no Mar do Norte se fizeram muitos furos até se descobrir petróleo em quantidades comercializáveis».

A sondagem «Lima 1» implicou num investimento superior a 1,5 milhões de contos, abrangendo uma área de 1 029 quilómetros quadrados na costa de Viana do Castelo, entre o Mero e a Bicuda.

A Newste Oil, em consórcio com a empresa norte-americana Hunt, recebeu a concessão do Estado português para a pesquisa e exploração de petróleo naquela área da costa portuguesa em Janeiro de 1989.

Insegurança espreita transportes rodoviários

As conclusões de um inquérito mostram que os condutores dos transportes rodoviários de passageiros trabalham horas em excesso e descansam de menos, são obrigados a guiar a velocidades superiores às legalmente permitidas e dispõem de veículos muitas vezes com más condições de segurança.

Efectuado pela Federação Sindical de Transportes Rodoviários (Festru, CGTP) junto de motoristas de longo curso de transporte de passageiros, o inquérito e respectivas conclusões é objecto de análise no seminário sobre «Insegurança nos transportes rodoviários» que se iniciou esta manhã, em Lisboa.

QUOTIDIANO

Virgílio, velha glória do hóquei nacional e mundial, «redescoberto» pelo «DL» nos arredores de Lisboa, num talho que recorda as «matinatas» de Itália



Com 40 anos de idade, Virgílio ainda dá uns «toquinhos»

Filho de peixe se aprender sabe nadar

Mantém o recorde de golos marcados num jogo internacional, mas perdeu a conta às vezes que a bandeirinha, atrás das redes, confirmava o tiro certo. Campeonatos... chama-lhes «um figo», e apresenta no seu currículo o selo de todos os títulos disponíveis para ganhar. Começou com onze anos, em Paço D'Arcos, quando «apenas havia a praia, no Verão, e o hóquei... no resto do ano».

Passou três vezes por Itália, diz ter sido o primeiro jogador português a jogar no estrangeiro e a ser chamado à selecção nacional.

Virgílio, tal como ficou conhecido para os anais do hóquei em patins mundial, depois de mais de vinte anos quase exclusivamente dedicados à modalidade, deixou o stick e trocou os jogos por um talho, nos arredores de Lisboa, onde se dedica à profissão que já era de seu pai: José Virgílio, ex-tri-campeão mundial, na década de cinquenta, de... hóquei em patins.

É como diz: «filho de peixe, se aprender, sabe nadar».

Considera-se «ao nível dos melhores jogadores nacionais que marcaram o hóquei mundial», e recorda, com especial relevo, três factos: ter ainda jogado com o «velho» Adrião - aquele senhor que «não precisava de se mexer muito para jogar como ninguém» -, ver na actual selecção italiana dois «pupilos» a quem «praticamente ensinou a patinar» - o Santangelo e o Stefano - e, facto inédito na modalidade, ter chegado a jogar ao lado do pai.

Fomos encontrá-lo entre facas e cutelos, avental ao peito, peças de carnes penduradas no talho que, no nome, recorda as suas várias pas-

sagens por Itália.

Sugeriu que as fotos «fossem feitas noutro sítio», que «isto de misturar patins com a sua actividade» é «publicidade fácil», que rejeita.

Ao hóquei em patins, hoje, liga-o o Belenenses, onde treina as equipas dos seniores, dos júniores e dos juvenis azuis. Mas o «seu» clube foi o Benfica, onde praticamente ganhou tudo o que havia para ganhar.

«Iniciei-me no Paço D'Arcos, onde fiz quatro épocas como iniciado e depois passei para os Salesianos, onde estive três anos. Foi então que, com dezassete anos e já a jogar como sénior, passei para o Benfica, clube que só abandonei nas vezes que fui para Itália».

Virgílio, ex-campeão «de quase tudo» - em Itália não tentou nenhum campeonato da primeira divisão - esteve, sempre que jogou, «entre os dez primeiros convocados para a selecção».

«Claro que a minha grande recordação de hoqueista foi o célebre campeonato de 82, em que Portugal foi campeão mundial, talvez até por ter sido o último grande título que obtive».

«Gosto da minha maneira de ser»

«Acima de tudo sou humilde», afirma Virgílio. «É verdade que, graças ao hóquei ganhei dinheiro, fui bem pago, viajei e conheci muito, se tenho o nome que tenho é só porque, nesta modalidade, fui quem fui. Mas também fiz muitos sacrifícios, mesmo apesar de nunca ter deixado de fazer nada de «normal»».

Recorda, por exemplo, que sempre trabalhou, até em Itália. Na construção civil, a vender automóveis, a dar

aulas, em supermercados.

Hoje, comerciante instalado, recorda como iniciou a sua profissão.

«Era complicado, ao fim de alguns meses, manter o hóquei e os vários empregos que ia tendo», refere Virgílio. «Em boa verdade, acabava sempre por ir trabalhar com o meu pai que, para além do hóquei, tinha já a profissão de cortador. E já sabia, se queria uns cobres, tinha que trabalhar. Assim chego hoje a ter um talho, para mim uma actividade como outra qualquer e que, por razões familiares, acabou por vir a ser o meu futuro».

Para Virgílio, hoje com quarenta anos, o abandono do hóquei como praticante da modalidade, nunca o fez entrar em «paranóia».

«Deixei de jogar porque estava «velho», mesmo sentindo-me com muita força. Claro que ainda estou ligado ao hóquei, mas é diferente, não faço uso das características que como jogador sempre me marcaram: a velocidade e a força».

Hoje, entre as facas e os treinos, ainda dá uns «toquinhos» na bola, nos veteranos da Académica da Amadora, equipa... campeã nacional do respectivo escalão.

Voltou para as facas, depois de, connosco, recordar os seus melhores momentos do hóquei. Manteve a sua insistência em não se deixar fotografar atrás do balcão.

No bairro, todos o conhecem por Virgílio, e até podem falar de hóquei. Ignoram que aquele é o «próprio», ali mesmo ao lado.

E ainda bem, quase agradece... senão ficaria «atrapalhado».

M. A. M.

Burocracia estatal e leis inadequadas estrangulam funcionamento das Taipas

Toxicodependentes em lista de espera

O centro de recuperação de toxicodependentes das Taipas tem, para servir a sede, em Lisboa e as delegações em Oeiras, Olivais, Mira-Sintra, Benfica, Almada e Odivelas apenas um Fiat 850 coupé com cerca de 20 anos. O director do centro, Nuno Miguel, em declarações à Lusa, disse que essa situação decorre da proibição estatal de adquirir viaturas, daí resultando «grandes inconvenientes» para os técnicos que têm que se deslocar de serviço.

A esta dificuldade juntam-se as carências de pessoal, devido a «complicações burocráticas», que «são gritantes» em psicólogos e monitores, onde se verifica um défice de dez e 15 elementos, respectivamente, referiu.

No caso dos monitores, a própria lei funciona como obstáculo: «não se podem contratar porque não se trata de um contrato de tempo certo (não são necessidades transitórias)» e, por outro lado, também «não podem ser contratados porque não existem quotas de descongelamento de vagas para uma carreira inexistente na Função Pública», explicou Nuno Miguel. Uma das consequências deste facto é bem visível: a lista de espera nas Taipas «é de três meses» para quem pretenda marcar uma primeira consulta.

Além disso, o atendimento de toxicode-

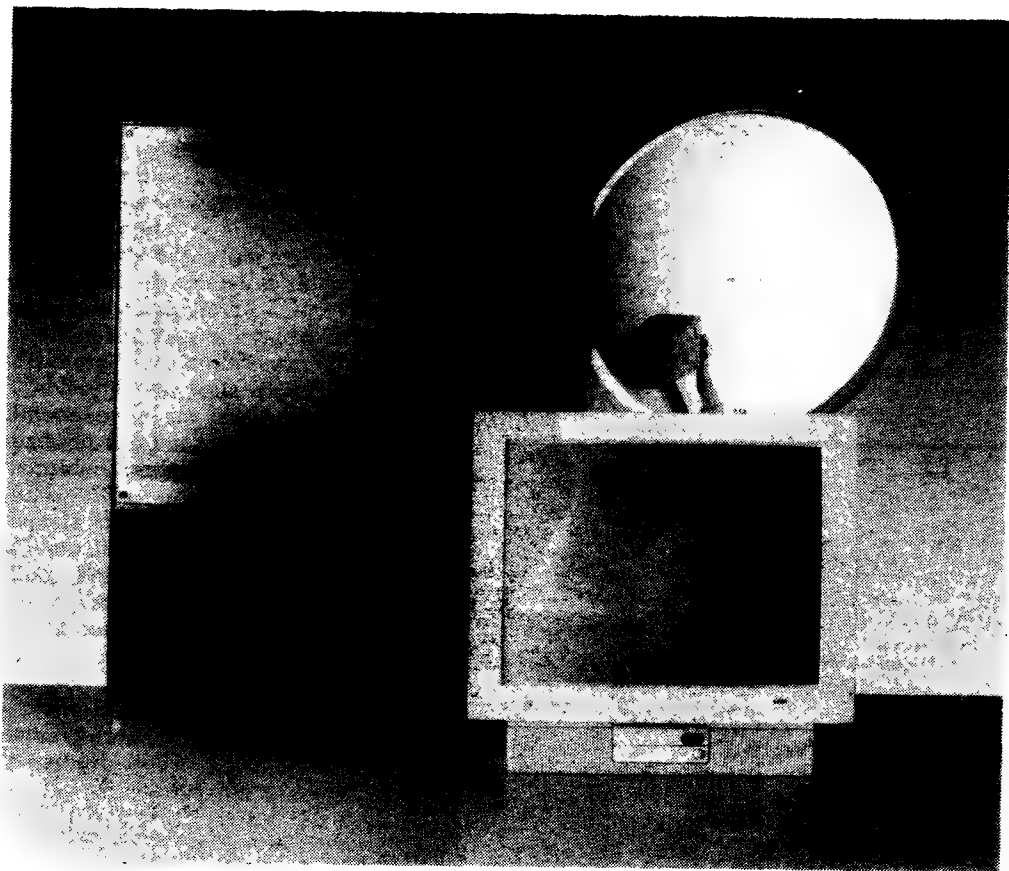
pendentes é da ordem dos 100 por mês, quando a procura ronda os 200 casos em igual período de tempo, frisou.

As estatísticas indicam que, em relação a novos utentes, o centro das Taipas registou, em Outubro deste ano, o seu menor número (42) desde o início do seu funcionamento, em Junho de 1987.

Nos seus quase três anos e meio de trabalho, as Taipas registam um decréscimo, gradual mas significativo, na recepção de novos utentes, tendo sido os meses de Setembro (58) e Outubro (42) deste ano os que verificaram menor afluência. Quanto a segundas consultas, houve em Outubro passado um acréscimo de afluência de toxicodependentes, o que representa uma inversão na diminuição constante registada desde Maio de 1990.

Nas consultas de urgência, e exceptuando os números de Setembro e Outubro deste ano, em todos os meses houve mais do dobro de consultas de urgência do que em iguais períodos de 1989, ano em que, na generalidade, se registou o mesmo processo de duplicação dos números de 1988. Também este ano, e desde Janeiro, foi ultrapassada a barreira dos mil casos mensais nos serviços de urgência das Taipas, sendo as excepções dos meses de Setembro e Outubro (866 e 990 casos, respectivamente).

Sintonize o mundo.



Consulte os n/Agentes SGO Transom, Lisboa — Lisbonense Som Ld.ª, Lisboa — Fernando Gonçalves de Carvalho, Lisboa — Novaudio, Cascais — Hélder Aveiro, Cacém — SGO — Informática, Lisboa — Silnor, Torres Vedras — Macaulay Televideo, Carvoeiro — Luís Costa Constante, Cascais

LOEWE.

SGO — Santos Guimarães & Oliveira SA
Av. Óscar Monteiro Torres, 15-B
1000 LISBOA

A comissão da Campanha Contra a Fome, constituída por residentes em Portugal, está a concentrar os donativos no aeroporto militar de Lisboa

Géneros para Angola partem segunda-feira

O primeiro carregamento de géneros alimentares a enviar por Portugal para Angola, ao abrigo de um programa de auxílio às vítimas da fome naquele país, chega hoje ao aeroporto militar da Portela (AT1), vindo de Évora.

A comissão da Campanha contra a Fome em Angola revelou que um carregamento de 14 toneladas de trigo, seguirá para Huambo e Licua, província de Cuando Cubango, já na próxima segunda-feira.

Um carregamento de sabão e cobertores, num total de duas toneladas e meia, serão igualmente transportados para o AT1 na quarta-feira.

A Cruz Vermelha Portuguesa e a Cáritas adquiriram já 14 toneladas de trigo, quatro

de sabão, cinco de açúcar e 1.750 quilos de leite em pó, além de cobertores, num total de 27.250 quilos de géneros.

Quanto a verbas, a CVP recebeu cerca de cinco mil contos enquanto a Cáritas foram doados cerca de seis mil contos.

Estes donativos foram enviados por particulares e diversas entidades públicas e privadas.

O primeiro transporte de géneros, bem como o segundo a efectuar cerca de uma semana depois, será efectuado num avião «Hércules C-130» da Força Aérea Portuguesa, que efectuará escalas para abastecimento em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, antes de chegar a Luanda.

Em Agosto passado, um grupo de cidadãos nacionais e luso-angolanos

reunidos no «Forum Português para a Paz e Democracia em Angola» desencadeou o processo de auxílio às vítimas da fome naquele país lusófono.

A campanha tem o patrocínio do Presidente da República, Mário Soares, e conta, na sua comissão organizadora, com diversas personalidades portuguesas e angolanas como Vitor Sá Machado, Vitor Ramalho, Jorge Campinos, Francisco Viana, Fátima Roque, Nascimento Rodrigues e Joffre Justino.

A ajuda será levada às áreas do território angolano mais afectadas pela fome, quer estejam sobre controlo do MPLA ou da UNITA, como Huambo, Benguela, Licua (Cuando Cubango) e Neripinha (Mavinga).



Anabela Loureiro

Antiguidades em Cascais No Pavilhão do Dramático, em Cascais, a Feira de Antiguidades abriu ontem, em primeira edição. Uma iniciativa que pretende valorizar objectos com passado, símbolos de elegância e bom gosto. As provas são muitas

Ambientalistas eborenses penetram nas escolas

O Centro de Iniciação ao Ambiente começou, em Évora, a sua actividade, anunciando a realização próxima de um conjunto de acções com as escolas e de um «vasto programa de ocupação de tempos livres».

Criado pelo Núcleo Distrital da Liga para a Protecção da Natureza, este centro encon-

tra-se em condições de funcionar desde Outubro passado, através da base de apoio que lhe foi facultada pela Câmara Municipal de Évora, com a disponibilização de instalações no Jardim Público.

Na primeira fase de actuação, que decorre até Outubro do próximo ano, o

Centro de Iniciação ao Ambiente de Évora (CIAME) vai proceder à sua instalação física, desenvolvendo, paralelamente, um programa para apoio ao ensino formal. Posteriormente, serão feitas acções de formação para professores, e criadas estruturas de apoio pedagógico, entre as quais um lago, uma horta

escolar, um centro de recuperação de animais e um laboratório naturalista.

A actividade dos dinamizadores do CIAME insere-se numa perspectiva de «promoção de acções de educação ambiental», afirmando-se «certos de que esta estratégia só a médio ou longo prazo dará os seus frutos».

Mea Culpa

Duas gralhas pousaram no depoimento de António Ramos Rosa, intitulado «Da dificuldade da autobiografia», publicado no dia 8 do corrente, na rubrica «Auto-retrato». Onde se lê «a consciência é importante para preencher o vazio», deve ler-se *impotente*. E onde se lê «o homem é irreprensível», deve ler-se *inapreensível*. Ao autor e aos leitores pedimos as nossas desculpas.

O prestígio do selo português

Dos EUA e de Inglaterra para Vila Nova de Gaia

O selo português tem os seus cultores além-fronteiras. A prova do prestígio de que goza o produto nacional neste campo é expressa pela presença de expositores estrangeiros na Mostra Filatélica Nacional, a decorrer em Vila Nova de Gaia. Este facto, que acontece pela primeira vez, traduz, designadamente, a influência da existência, nos Estados Unidos e em Inglaterra, de clubes que se dedicam exclusivamente ao coleccionismo da filatelia de Portugal.

A exposição da filatelia nacional, patente ao público até domingo, no parque das exposições da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, conta, assim, com participantes norte-americanos, ingleses e também alemães. Em Inglaterra existe o clube Portuguese Philatelic Society e nos Estados Unidos o International Philatelic Portuguese Society. Encontra-se ainda exposta neste certame, embora em âmbito não competitivo, uma mostra de filatelia espanhola.

No total, estão presentes na exposição 101 participantes e colecções dos melhores selos portugueses. Estas colecções totalizam milhares

de selos e muitas centenas de cartas e postais. A ocasião será pretexto, no sábado, para assinalar o Dia do Selo e para designar os representantes de Portugal nas exposições internacionais, o que é realizado através de classificações.

Segundo o presidente da Federação Portuguesa de Filatelia, Pedro Vaz Pereira, presume-se que existam em Portugal mais de cem mil pessoas que se interessam pelos selos. Em sua opinião, o selo em Portugal está em franco progresso, especialmente o de colecção. É nesta perspectiva que se compreende que no próximo sábado se efectuem as tradicionais mostras filatélicas em diversos pontos do País.

Do programa do Dia do Selo consta o lançamento de um postal repicado comemorativo da data, a abertura do posto móvel dos Correios onde funcionará o carimbo assinalador do dia e um colóquio sobre os novos regulamentos da Federação Internacional de Filatelia. À tarde, terá lugar a cerimónia de distribuição dos prémios da exposição da Federação Portuguesa.

Outras manifestações aly-sivas, ao Dia do Selo, terão

lugar em Braga, Porto, Nazaré, Almada, Torre da Marinha e Portalegre.

Antes e depois

O selo em Portugal tem 137 anos de existência. Antes do seu aparecimento, os cidadãos enviavam as suas cartas em envelopes previamente franquiados com taxa uniforme para todas as regiões do País. Esses envelopes eram levados por emissários, na sua maioria analfabetos e os portes eram pagos pelos destinatários.

O sistema prestava-se a que houvesse pessoas que tentavam escapar-se ao pagamento da franquia. Quando recebia a carta, o destinatário via primeiro se trazia algum sinal de código cominado com o remetente. Se havia sinal, era porque estava tudo bem e então a carta não era enviada de novo ao emissário sem que o porte tivesse sido pago, apesar de aberto o envelope.

A invenção do selo deve-se a Rowland Hill, em Inglaterra, há 150 anos. O Brasil foi o segundo país a adoptar o sistema. O primeiro selo português surgiu em 1853, talvez inspirado no célebre «Pennyblack», o primeiro selo da História.

roadstar

VIDEO

TELEVISORES PORTATEIS

LEITORES DE COMPACT DISC + HI-FI

RADIOS PORTÁTIL COM GRAVADOR DE CASSETES

RADIOS PORTATEIS

RADIOS COM RELÓGIO

AUSCULTADORES

ACESSÓRIOS



Consulte os Agentes SGO

SGO — Santos Guimarães & Oliveira SA
Av. Oscar Monteiro Torres 15-B
1000 LISBOA

CULTURA

Convidando os brasileiros Milton Nascimento, Gal Costa, Simone, Ney Matogrosso, Chico Buarque e Caetano Veloso e ainda os portugueses Mário Laginha e Carlos Zíngaro, Eugénia Melo e Castro mostrou uma vez mais, ao gravar de novo, saber o que quer e para onde vai. Trata-se do seu sexto álbum e é uma delícia

Passado sem passadismo

Com o título «Amor é Cego e Vê», a mais recente prestação discográfica de Eugénia Melo e Castro inclui treze maravilhosas canções portuguesas, seleccionadas pela própria a partir de um rigoroso trabalho de pesquisa.

Composições assinadas por nomes muito importantes, constituíram êxitos através de vozes do passado como as de Corina Freire, Tomás Alcaide, Francisco José e Max e de uma felizmente bem do presente, a de Amália.

Gravado no Rio de Janeiro e em Lisboa, o novo disco da Geninha volta a contar com Wagner Tiso, nos arranjos e direcção musical.

A propósito deste «Amor é Cego e Vê», o pai da cantora - o poeta Eugénio Melo e Castro - escreveu que este era "um trabalho inevitável".

Pegando na palavra, pareceu-me igualmente inevitável, para iniciar a conversa com a cantora, perguntar-lhe: inevitável, porquê?

«Bem, eu sempre fui uma pessoa muito ligada a coisas relacionadas com o princípio do século e com os anos 40. Fosse o que fosse, desde filmes, música... porque eu tive essa formação, por parte do meu avô. Eu vivi com os meus avós, na Covilhã, até aos 13 anos. Daí o meu pai dizer que este disco era inevitável, tanto no que diz respeito ao repertório como ao facto de eu convidar todos aqueles brasileiros famosos, uma vez conhecida toda esta minha ligação com o Brasil, que tem no fundo um objectivo que é eu, como artista portuguesa, ter uma expansão e afirmar-me lá fora. Mais tarde ou mais cedo, seria mesmo inevitável».

- Porquê a escolha deste repertório, que inclui até canções com mais de oitenta anos?

«Porque eu sou uma apaixonada por essa época, o meu avô tinha uma discoteca fabulosa e naturalmente que ouvi, desde pequena, muitas destas músicas que agora gravei».

- O que é que você encontrou nessas velhas canções?

«Bem, para além das músicas serem indiscutivelmente agradáveis, acho que se escreviam letras absolutamente deslumbrantes. Acho mesmo uma pena que essas coisas não sejam mostradas, para a maioria das pessoas de agora saberem que elas existem. E pronto, eu fui buscar algumas, lembrava-me por exemplo de interpretações da Corina Freire que ouvia em casa do meu avô...»

- Ainda a propósito: a escolha foi exclusivamente sua, ou foi influenciada por alguém?



Eugénia Melo e Castro: parece que é moda dizer mal da Geninha...

«Não, não, ninguém me influenciou. Digo-lhe até que o meu pai teve a maior das surpresas quando soube que eu ia gravar uma música do meu avô, que foi um compositor contemporâneo do Luís de Freitas Branco e fez muitas canções para a Corina Freire, por exemplo».

- Pensa, futuramente, gravar mais composições do seu avô?

«Tenho muitas mais dele. Como da maioria só temos as partituras, estamos agora a descodificar aquilo tudo... é giríssimo, porque estamos a descobrir coisas absolutamente incríveis, imensas canções, coisas muito românticas, muito bonitas».

- Quer com isso dizer que o álbum «O Amor é Cego e Vê» pode marcar o início de uma fase?

«Não, isso não direi, mas um dia talvez volte a fazer qualquer coisa do mesmo género. Por exemplo, neste momento estou a desenvolver ao mesmo tempo três ou quatro projectos».

- Não será demais?

«Não, porque eu estou sempre a desenvolvê-los. Porque repare, eu agora estou com um projecto cuja parte escrita está praticamente concluída e só falta a parte musical. É aquele projecto de que tínhamos falado o ano passado, com letras e músicas minúsculas, e está em perfeito andamento. Posso dizer que estou a apaixonar-me

cada vez mais por este projecto. Bom, esse é um projecto, outro, recentíssimo, é de musicar poemas do meu pai, já que ele lançou agora as suas obras completas. Para a festa do lançamento, o editor dele pediu ao Mário Laginha e a mim para musicarmos dois dos poemas. Quando fomos olhar para os poemas, fiquei surpreendida, porque são coisas lindas, fiquei a olhar para aquilo com olhos de quem vai mesmo trabalhar naquilo...»

- Segundo julgo ter entendido, foi depois de terem apresentado na festa do seu pai as canções baseadas nos seus poemas, que lhes surgiu a ideia do disco. A ser assim, quer adiantar alguma coisa sobre esse projecto?

«Foi como diz, nessa altura nasceu a ideia de fazermos um disco, que deverá ficar acabado até Janeiro, entre ou não no circuito comercial».

- Por que é que diz isso?

«Primeiro, porque vai ser um disco patrocinado, em princípio fora do circuito comercial. Se depois a minha editora, a PolyGram, se interessar pelo produto, e achar que vale a pena comercializar, comercializa, senão fica-se pelo nível do patrocínio».

- Mais algum projecto, já que me falou de três ou quatro?

«Exactamente. Outro projecto que existe, é a continuação deste último. Acontece

que, quando fiz a pesquisa, fiquei com material que dava para três ou quatro discos. O difícil, para este, foi arranjar uma harmonia. Posso acrescentar que conseguimos a melhor das receptividades por parte de todas as entidades a que recorremos».

- Quer dizer que vai continuar nesta onda?

«Cada vez estou a ficar mais interessada nas músicas do princípio do século XX».

- Mas isso não equivale a dizer que virou saudosista...

«Não, não se trata disso. Interesse-me por coisas do passado, mas por aquelas que considero perfeitamente actuais. Olhe um exemplo, aquela canção deste meu último disco «Quando a Tua Boca Beijo», de Mário de Vasconcelos e Sá e que a Gal canta comigo, é espectacular, e ninguém conhecia aquilo».

- Para terminar, gostava de entrar num assunto que pode parecer melindroso, ou apenas polémico, mas de qualquer forma necessário. Terra a terra, a pergunta é esta: como é que reage à crítica, designadamente em relação ao «Amor é Cego e Vê»?

«O que se passa é o seguinte, ou seja, o que sinto é a tal distância que eu acho que às vezes os trabalhos precisam de ter, para serem avaliados de outra maneira. E mais, acho profundamente injusto e pela primeira vez falo nisto. É óbvio

pação e o sonho, tudo o que faz com que a pessoa consiga atingir um objectivo, e atirar-se de alma e coração para a concretização de um projecto em que acredita, há alguns que parecem sentir-se ofendidos. Em vez de se sentirem felizes por que alguém conseguiu fazer alguma coisa de jeito, parece que o transformam num inimigo perigosíssimo, que é preciso abater. Só posso pensar que essas pessoas que escrevem assim, são afinal pessoas pequeninas, mediocres e têm inveja».

- Perturbam-na, essas críticas?

«Agora não. Antigamente até ficava de cama, com 40 graus de febre. Várias vezes fui parar ao hospital».

- Acha que é por maldade?

«Maldade pura. Porque são pessoas que estão friamente no seu dia-a-dia, que recebem uma obra, que dizem assim "Ah, esta gaja deve viajar imenso, ah, ela para fazer isto não sei o quê, o que ela pensa que é? Não, isto é para abater. E pronto, não se pode fazer nada que saia do normal, porque há logo umas certas pessoas que acham que devem arrasar».

Mas agora que já percebi, jamais me deixarei abater. É óbvio que ninguém gosta de abrir um jornal e ver uma página desperdiçada por um energúmeno qualquer, inculto, ignorante e imbecil que nunca saiu da cepa torta, a escrever o que alguns escrevem, parece que têm vergonha de dizer bem. Por isso é que eu volto a afirmar que tem de haver uma certa distância em relação aquilo que se está a fazer. Até parece que é moda dizer mal da Geninha...»

Rodrigues Borges



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037

Processo 1/2144

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 28 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 448/78, de 5 de Junho, e outros, está patente o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 15 kV, com 641 metros, do apoio n.º 30 da linha para o PT STR 71 no Sobral, ao PT STR 478 na Raposeira, freguesia de S. Vicente do Paul, concelho de Santarém na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE SANTARÉM durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Paçoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas à DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 16 de Novembro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

-DL- - 29/11/90

A leitura das «Cartas ao Director» poderia esclarecer muito os políticos sobre os problemas dos eleitores. Ajudá-los-ia principalmente a perguntar a si próprios como romper com a incomunicabilidade e lutar pela felicidade. Os políticos precisam de contactar mais com a rua — e, para tanto, nada melhor do que saber o que pensa quem escreve aos jornais



Cartas ao Director: romper a incomunicabilidade (2)

Perguntas menores com grandes interrogações

Nas páginas de opinião do EL PAÍS, os leitores protagonizaram polémicas em torno de temas tão díspares como as nacionalidades, a autonomia catalã, a situação económica, o *strip-tease*, a televisão, a libertação da Mulher, a Aliança Popular, o aborto, o divórcio, ou a obra de Franco. «Porque não publicam as teses económicas do Opus Dei?» - sugeria um leitor. «As de Felipe Gonzalez parecem-me analfabetas, tal como compete a um natural de Sevilha. Se queremos ter um líder socialista, deve ser de Madrid. Os líderes devem provir de zonas cultas». E outro, em Barcelona, retratava, assim, a figura do Caudilho: «Se Franco tivesse sido um exilado de guerra, como seriam consideradas brilhantes a sua figura e a sua obra!»; propondo um silogismo tão estranho quanto incompreensível, pois é evidente que, se Franco tivesse sido um exilado, é porque teria perdido e, nesse caso, nada restaria da sua obra ou figura. Também podem ser poéticos: «No Centro de Castela, como um símbolo grandioso da obra do Caudilho, ergue-se o Vale dos Caídos, edificado sobre rocha, como a parábola do Evangelho, donde nem os ventos, nem as chuvas, nem as tempestades conseguem arrancá-lo». Ou revelam velhas manias: «Agora, esse sangue volta a verter-se com a mesma sanha, ou pior, do que então. São os comunistas, os ateus, os maçons, os liberais e democratas que voltam a tomar conta da nação». A Televisão é um dos temas preferidos: «A TVE deveria ser declarada matéria reservada, pois está nitidamente abrangida pelo segredo oficial sobre torturas e maus-tratos. É evidente que a TVE, diariamente, nos tortura e maltrata». E prossegue: «Não ataco a Monarquia - isso é outro cantar - , censuro simplesmente esse agonizante sadismo que consiste em transmitir e retransmitir, por sei lá quantas vezes, imagens das viagens reais, de tal maneira que se começa logo a temer o anúncio de alguma nova deslocação dos Reis, já que implica, seguramente,

uma semana de constante massacre televisivo». E o simpático correspondente termina, sugerindo, como única solução para os males da nossa pantalha idiota: «Peço, simplesmente, um pouco de caridade para os espanhóis». Há quem se mostre agressivo. A laia de um chiste sobre Girón, alguém escrevia: «Como filho de um Glorioso Caído por Deus e por Espanha, Capitão do Exército Nacional, protesto, com a maior energia, pela utilização da dita honrosa denominação nas suas políticas de baixo estofo, e rogo que, para esse efeito, recorram de ora em diante aos mortos do autor da gracinha ou aos seus». Apocalípticos:

«Ignoro se é católico ou não, se é católico tradicional ou modernista. Mas, se é um verdadeiro católico, não deveria ser necessário lembrá-lo que a Bíblia e a Doutrina Tradicional da Santa Madre Igreja, segundo os seus grandes Doutores, dizem que a pena de morte não só é lícita como foi ditada pelo próprio Deus. Como se atreve a emendar as disposições de Deus, afirmando que se deve suprimir a pena de morte?» E o pároco de Carrilobo, Córdoba (na Argentina), termina do seguinte modo: «Se as nações de língua castelhana deixassem de ser católicas, o mundo católico ficaria reduzido a quatro gatos pingados».

As questões religiosas são,

também, das mais citadas. Por ocasião de uma notícia anunciando que as emissões televisivas seriam encerradas com cardeais a rezarem o «Pai Nosso», um leitor mais céptico teve a ideia de traduzir a ocorrência em números: «Penso que a oração» - assinalava - «deverá demorar uns trinta segundos a ser rezada e, se calcularmos que, dos vinte e cinco milhões de televisores de toda a Espanha, haja dez milhões que permanecem acessos, isso representaria trezentos milhões de segundos por dia, ou seja, mais de oitenta e três mil horas, as quais, a 3,50 pesetas por Kw/hora, somariam 290 mil pesetas; no total, mais de cem milhões de pesetas por ano.

Não lhe parece um Pai Nosso um pouco caro?» - perguntava este nosso interlocutor para, em seguida, se retratar, com certo arrependimento: «Claro que a despesa anual de cada televisor seria, apenas, de 10,65 pesetas pelo tempo de antena do Pai Nosso. Uma módica quantia»....

Outros leitores matizaram as suas expressões: «Segundo a crónica de ontem sobre a conferência proferida pelo sr. Girón, ouviram-se gritos de traidores, inanes, etc... Isto constituiu a última gota para a minha paciência, pois, ao considerar que inane é um insulto, essa gente não parece dar-se conta de que a inanição é, unicamente, consequência de deficiências

glandulares, com derivações meramente físicas». E termina, de modo emocionado, a carta: «Em Espanha, existem cerca de milhão e meio de deficientes, mas o nosso caso é especial. Não pedimos por pedir. A nossa capacidade intelectual é igual à dos outros. Só não queremos terminar como atracção num bar ou palhaços num circo». As missivas feministas são, também, frequentes: «Na enciclopédia do erotismo, ao referir-se à palavra aborto, Celia identifica-a, em castelhano coloquial, com *mulher feia ou destituída*. Ignora, sem dúvida, que, também em castelhano coloquial, as mulheres se referem assim, pelo menos desde os anos 60, ao homem incompleto ou mal feito». E resume, deste modo, a defesa dos direitos da Mulher: «Preferia ser trabalhadora da construção civil, ou de uma mina, do que moça para todo o serviço, empregada doméstica, como diria Telva». Relacionado com este problema, os que escrevem sobre questões sexuais ou eróticas são, igualmente, numerosos. «Uma sexualidade sã e prática é parte inelutável da política cultural e sanitária de um país» - assegura-nos um leitor de Santander. Para, depois, acrescentar: «Só existe a política? Não serão o homem e a mulher seres sexuais? É bom, ou não, masturbar-se? Será mais um tábu? Quando, e em que condições, se pode abortar? Quem controla a prostituição em Espanha? E os matrimónios? A procriação controlada, a poligamia, a frigidez feminina, o prazer, as relações incestuosas, as neuroses, serão temas abertos à opinião pública, ou estarão monopolizados pela Igreja Católica e os seus bispos?». Não poucas vezes, aparece, no correio, a carta de alguém desejoso de contar o seu problema, dado que não descobre melhor maneira de o fazer do que escrevendo ao director de um jornal. Pelo seu dramatismo e qualidade humana, quis seleccionar este exemplo, entre muitos: «Permito-me contestar uma carta, publicada nesse diário e assinada por Marcelino



CONCESSIONÁRIOS

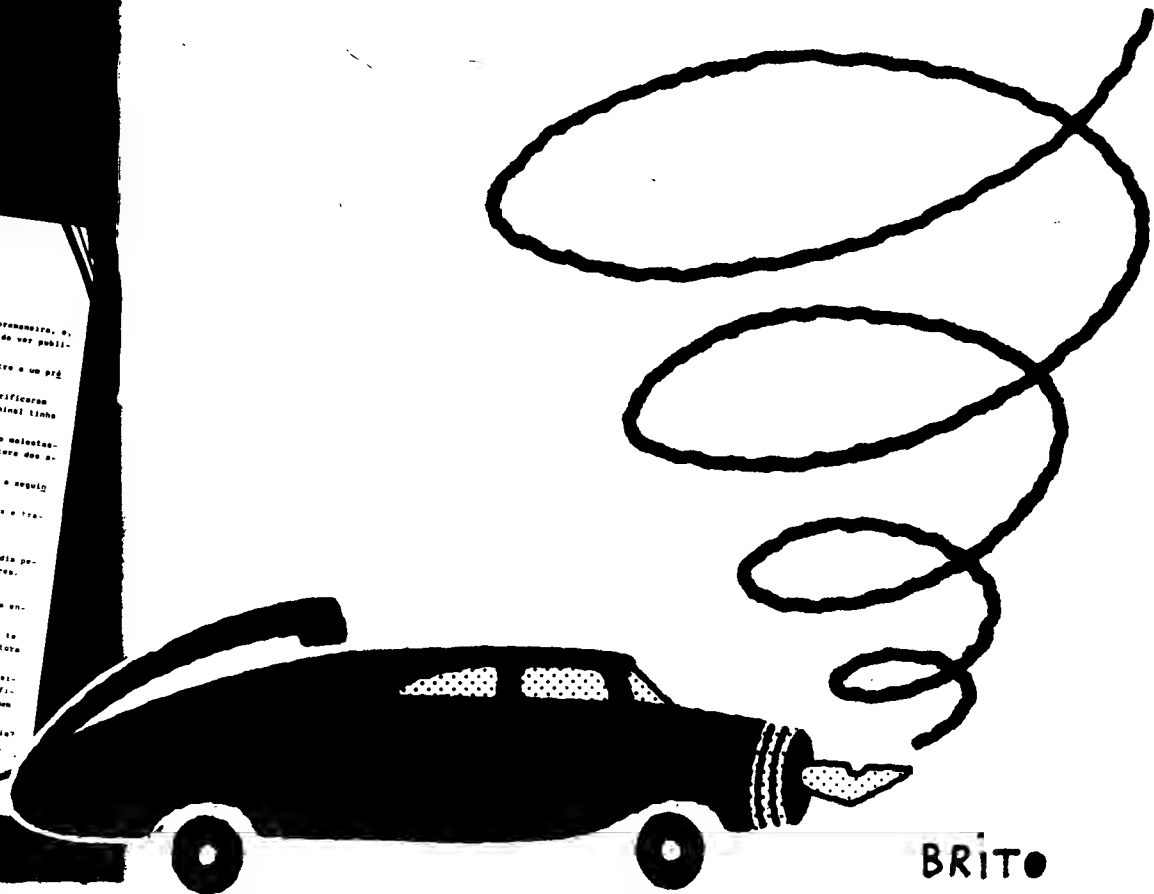
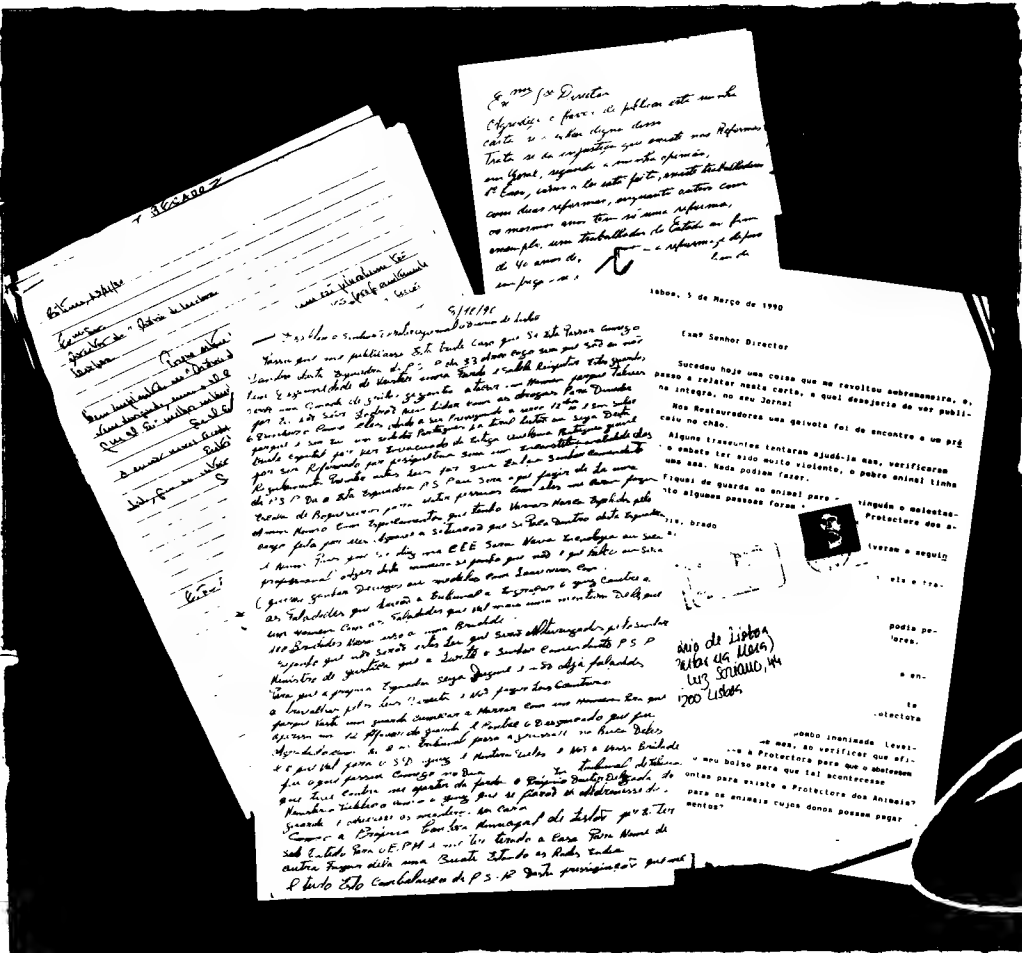


Auto Monumental de Aveiro
S.A.



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1006 LISBOA



BRITO

Pulla, de Cuenca, no dia 21 de Novembro, relativamente a um artigo sobre a homossexualidade».

«Sem desejo de entrar em polémica, quero deixar bem claro o seguinte: sou homossexual, tenho dezoito anos; não é que me orgulhe de sê-lo, como esse senhor crê que fazemos, mas também não tenho vergonha de o afirmar. O que o sr. Pulla diz na sua carta fez-me bastante mal, e creio que não foi só a mim... Considera que somos uma espécie de monstros, de quem ninguém se deve aproximar, e que deveríamos ocultarmo-nos ou, pelo menos, calarmo-nos sobre tal coisa. Não creio que muitos se orgulhem de serem homossexuais, mas também não nos devemos, nem podemos, encerrar em nós próprios. Eu, e muitos mais como eu, passámos muito antes de encontrar outros seres como nós. Sentia-me só, pensava que era o único, pois, ao ter consciência do que somos, à medida que recorremos à razão, perdemos toda a confiança nos nossos pais e irmãos; não queremos feri-los, sabemos que, se lhes contarmos, sofrerão porque não podem entender as nossas penas e, se lhes contarmos as nossas alegrias, passarão a ser penas para eles. É por isso que ficamos sós e, ao conhecermos gente como nós, abrem-se as portas do Mundo. Não somos dois ou quatro, somos muitos milhares e, se não acredita, dê uma volta pelos nossos bares, clubes, cafés... mas penso que não o fará, por medo, vergonha ou sei lá o quê; parece que receia que os

seus filhos possam vir a ser nossos amigos. Mas, dir-lhe-ei que tenho imensos amigos, dos que chama normais, como os seus filhos, e que me compreendem e vêm ter comigo como amigos; saio com eles e as suas noivas e consideram-me um ser normal, como eles, excepto por uma tendência distinta, sem que, por isso, tenham que deixar as suas noivas para me confrontar. Trabalho como assistente administrativo, e os meus companheiros e companheiras sabem o que sou porque lhes disse, não porque tivessem notado nada, e não é por isso que deixam de me ajudar ou se afastam de mim... Por último, dir-lhe-ei que não pertencem a nenhuma associação homossexual, nem nunca o farei. Não acredito nisso».

Um editorial sobre as autonomias e as nacionalidades originou um grande debate sobre esta questão. Nessa ocasião, e pelos mesmos motivos, houve que suportar, simultaneamente, as acusações de vermelho ou de fascista, segundo os diferentes critérios. Há que reconhecer que os ânimos se exaltaram bastante. Um nosso vizinho, de Soria, desafiava, assim, o diário: «Estamos fartos de que a nossa província sirva apenas de museu ou de local de veraneio; de que os nossos operários recebam menos do que os do mesmo ramo em Barcelona; de que destruam as nossas fontes de riqueza com a contaminação de uma central nuclear; de que o dinheiro que poupámos seja investido fora da região, na Catalunha ou no País Basco». Mas a

crítica não é suficiente, e há que encontrar soluções: «É por isso que se formou o partido, ou movimento, que se chama agora *Autonomia Sorianista* (PAS), o qual é a favor de uma Soria autónoma, dentro de uma Castela livre e autónoma».

A capacidade de engenho e de ócio que o espanhol médio possui é, como se pode ver inaudita. Por vezes, convém duvidar da inocência ou da má intenção das cartas. Onde queremos ver ironia, só existe ingenuidade, ou vice-versa.

Quis deixar estes exemplos para explicar como, por vezes, o meu ofício é divertido. Há cartas mais sérias, até mais dramáticas. Cartas que são igualmente importantes - não estou a dizer que o sejam algumas das que citei, ou que as inéditas não o sejam. Não são poucos os que se queixam de ter enviado duas, três, quatro cartas seguidas ao Director e, apesar desta assiduidade, nunca obtiveram a sua publicação. «Seria muito importante ver-me publicado no EL PAÍS» - implora, pela quinta vez, um deles. Enquanto outro se queixa, amargamente: «Já nem no EL PAÍS me posso fiar. Vocês só publicam o que lhes apetece». Uma editora inglesa publicou um livro com as melhores cartas ao TIMES, de 1900 até 1975. As assinaturas de Conan Doyle, Neville Chamberlain, Berenson, Churchill, Henry Wells, Thorm Elliot, Bernard Shaw, Wodehouse, Julian Huxley, surgem, entre outras, na referida correspondência. Um tal Armour-Milne queixava-se, assim, em Janeiro de 1970: «Escrevi três

vezes ao director do TIMES. Nessas três vezes, acharam muito interessantes as minhas cartas, mas não o bastante para serem publicadas. Que será preciso fazer para que, por fim, me dêem atenção?». Esta quarta carta do senhor Milne acabou por ser publicada e, dias depois, um senhor Clarke respondia-lhe, na mesma secção dos leitores: «Talvez seja interessante revelar que tive o privilégio de ver publicadas mais de quarenta cartas no TIMES, e indicar alguns dos temas a que se referiam: pássaros, animais, tomates, batatas, hotelas, correio de Boas Festas, *sprays* cosméticos, passagens de nível, o Inverno em Inglaterra, e coisas assim...». Na curta vida do EL PAÍS, receberam-se, como já disse, mais de cem mil cartas dos leitores, e publicaram-se cerca de quatro mil. É evidente que se torna necessária alguma selecção e, em última análise, não falta quem seja compreensivo: «Tanto me faz que publiquem a carta como não; quero agradecer-lhe pelo seu jornal, que, embora possa nunca vir a ser independente, está a realizar, melhor dito, a publicar muito mais coisas».

Duas horas diárias de correspondência variada, humana, sincera e apaixonada como esta, não devem, nem podem, passar em vão. Jacques Fauvet, director do LE MONDE, explicava-me, no início de 1976, o êxito do seu jornal com estas palavras: «Somos um diário austero e duro de ler, mas dedicámo-nos a protestar e a combater a injustiça. Os negros, os pobres, os aviltados, os homos-

sexuais, os deficientes, os presos, as mulheres oprimidas, encontram em nós uma tribuna e uma voz». Abarrotados de política e de discussões semânticas sobre a democracia, muitos líderes esquecem onde está o coração e as preocupações imediatas do povo. Os partidos políticos tornam públicos grandes manifestos e programas, em defesa de convenções jurídicas sobre valores abstractos. Esquecem-se, não poucas vezes, que, entre os próprios direitos do Homem, também figura a necessidade dos cidadãos obterem uma resposta social para os problemas concretos da sua convivência. A Espanha está submetida a uma mudança histórica em profundidade. Não é, apenas, o regime de Franco que desapareceu, mas toda a concepção vital, constitucional e constitutiva da nossa existência como nação. O catolicismo, pedra angular da unidade nacional nos últimos cinco séculos, já não constitui, nem podia constituir por mais tempo, um nexos político. Mas esta sociedade, educada entre velhas maneiras e velhos costumes, submetida, agora e desde logo - a um processo de subversão, no sentido lícito e profundo da palavra, dos seus valores mais tradicionais e indiscutivelmente aceites, necessita de algo mais que formulações teóricas sobre o valor da liberdade. É uma nova escala de valores que o povo espanhol exige, um horizonte imaginativo, respostas diferentes para problemas diferentes, e não um retorno ao liberalismo do século XIX, nem às

formalidades burguesas, nem à demagogia social. Este povo tem uma tradição de liberdades e de compromissos, sempre utilizadas pelas estruturas do Poder. Esta tradição tem o direito de subsistir e de reencarnar-se.

A mudança política coincidiu, no tempo e na etiologia, com a mudança generalizada, mais profunda e moral, que este país conheceu ao longo do século. O problema é que, quando a sociedade exige uma revolução dos valores instituídos, o Poder apenas oferece saídas constitucionais e fórmulas caducas de resposta. As interrogações dos espanhóis desta época não são muito diferentes das dos franceses, dos alemães ou dos italianos; não são diferentes, em qualquer caso, das dos seus vizinhos da Europa Ocidental.

Minimizámos o diálogo do momento presente. A Europa - e, com a Europa, a Espanha - sofre uma crise de imaginação e de líderes. Não é que tenha passado o tempo das grandes budas, mas sim que os pequenos se esforçam numa conspiração para subsistirem na cúspide do Poder. Os nossos políticos precisam de contactar mais com a rua. Estão cheios de intelectualidade, pregam as praxes, mas não as praticam. A seguir às urnas, quase diria que, ao nível das sondagens de opinião, os trechos dos jornais são das coisas mais reveladoras que existem quando se trata de delinear o comportamento social e político de uma comunidade. É por isso que a leitura das secções de cartas ao Director os poderia esclarecer um pouco mais sobre a vida e os problemas dos eleitores. E talvez os ajudem a formular perguntas aparentemente menores, mas que contêm, por si só, uma das grandes interrogações do nosso tempo: como é possível romper a incomunicabilidade e lutar pela felicidade?

Juan Luis Cebrián
in «La Prensa e la Calle»
Editora Nuestra Cultura
(Tradução de Isabel Joyce)



The end

A seguir... Assim, com o «trailer» do próximo filme, começam todas as sessões, mesmo a última. Esta não é a última, é a derradeira, que o «cinema» vai encerrar e não para balanço, tão pouco para mudar de ramo. Encerra, é tudo. Deixa de existir.

CINEMA

Qual o sentido, então, de dizer do que vem depois, se já não haverá depois? O sentido que se lhe queira dar. A falta de melhor, dizer do «seguir...» noutros «cinemas» ou aqui na «sala» ao lado.

E o a seguir... estreia-se já para a semana, no Forum Picoas. É um filme português, chama-se «O Sangue», primeira obra de um jovem realizador, Pedro Costa. Dele e do seu filme, já aqui, há mais de um ano, se falou. Era na altura (3/10/89) não o a seguir..., mas o brevemente... na forma de uma entrevista.

E Pedro Costa falou de si, de «O Sangue» e do Cinema, e o que espantava era exactamente aquilo que no seu filme espanta: a maturidade. Raramente uma primeira obra do cinema português (e não só) revela, assim, como esta, uma tão grande densidade interior. «O Sangue» estreia-se no dia 7, mas no dia 5 tem uma antestreia muito especial, porque aproveitada para, em simultâneo, lançar outro magnífico objecto cinematográfico. Não, não é um filme, é um livro e João Bénard da Costa é o autor. Trata-se de «Os Filmes da Minha Vida, A Minha Vida em Filmes», colectânea da primeira série de crónicas de João Bénard para «O Independente».

O «DL» já não poderá estar presente, mas cabe-lhe uma

alegria póstuma: a de Assírio & Alvim, que edita o livro, ter acolhi-do a sugestão aqui feita há meses: que o livro fosse ilustrado. E sê-lo-á, como desejava o autor, tudo isso este jornal noticiou em primeira mão, no tempo em que ainda tinha voz.

E como já lá vai o tempo dos «complementos variados», findo o «trailer» passe-se ao filme de fundo. Não é um, são três, todos americanos, estrearam na sexta-feira, não agradam por igual. Um não é bom, é óptimo, chama-se «Comboio Mistério»; um segundo é assim-assim, não aquece, nem arrefece, dá pelo nome de «Inquérito Escaldante»; o terceiro é «Tudo Bons Rapazes» e cá para mim desilude.

«Comboio Mistério» é uma maravilha, um verdadeiro filme de culto sobre aquilo que se poderá chamar de errância interior de uma América degradada, onde as gentes se cruzam e não se encontram, vivem lado a lado, não juntas.

Tudo se passa em Memphis, terra natal de Elvis Presley, durante 24 horas. Memphis é uma cidade póstuma e as personagens deste filme por lá circulam, é mesmo isso, porque é em círculo que andam, como se a América (esta América) fosse um total labirinto.

«Comboio Mistério», estruturalmente, é um filme em episódios, três. Mas isto é o que parece, só que nem sempre o que parece é. E neste filme as três histórias estão entre si ligadas por um tiro,



«Comboio Mistério», de Jim Jarmusch: um espanto

um hotel, um programa da rádio, uma canção, «Blue Moon», e Elvis, evidentemente, enquanto voz e fantasma

Apetece dizer que «Comboio Mistério» evoca Wenders, que também por esta América andou. Só que enquanto Wenders andou, Jarmusch é como se nunca de lá tivesse saído, que Memphis é terra parada, as pessoas estão, permanecem, tão fantasmáticas quase como a memória de Elvis.

Elvis que «aparece» a uma italiana que a Memphis fora buscar o marido (morto); Elvis que em estátua está, um casal de japoneses pelo King a Memphis vai, a Yokohama regressará finda a peregrinação.

Se «Comboio Mistério» é um filme onde «nada acontece», em «Tudo Bons Rapazes» o ritmo é alucinante. Scorsese é assim que filma esta história da Mafia, ou

melhor de mafiosos, que surgem aqui sem o cenário barroco que Coppola («O Padrinho») antes deste filme lhes dera.

Os mafiosos de Scorsese são o que são: personagens repugnantes. O realizador filma-os a alta velocidade, num frenesim, mas o mal do filme é talvez esse. Como se Scorsese filmasse tão depressa (e tão bem) que o filme nisso se esgotasse... um sujeito sem objecto.

Daí que, quando no final, nos apercebemos que «Tudo Bons Rapazes» poderia ter sido um filme sobre a traição, seja tarde de mais para o ser, tudo se acaba com sabor a frustração.

«Inquérito Escaldante» não desilude porque também já não há ilusão possível com Lumet, ou com um filme assim, cujo tema é tão velho como na América a corrupção.

E tão velha como a corrupção americana é a sua denúncia. Desta vez, Sidney Lumet faz do bom da fita um jovem inquiridor que, no decorrer do inquérito, vai perder a inocência... e mudar de profissão.

Convenhamos que isto é um tanto mais radical (e lúcido) que dizer, como é costume, que dentro das in-

stituições é que vale a pena lutar pelo Bem e para as melhorar.

Mesmo assim, «Inquérito Escaldante» é qualquer coisa como um filme inútil, seguro, mas sem inspiração. Um filme inútil, no exacto sentido em que nem a consciência liberal de Lumet, nem o pouco mais longe que vai na denúncia, nem o facto de entrelaçar neste seu filme a temática das minorias étnicas fazem com que este filme se recorde. Vê-se e é tudo.

Eu disse vê-se? Se disse, errei. É que na sala 9 das Amoreiras não se vê. Quer dizer, ver vê-se, mas parcialmente, ficam de fora os bocados que não cabem no ecrã. Um ecrã tão pequenino que consegue este milagre: há personagens que ditam as suas falas cortadas as cabeças ao meio -pela amostra era capaz de jurar que «Inquérito Escaldante» no shopping não tem um único plano que não esteja mutilado.

Um escândalo? Que ideia. Escândalo é a gente ainda se escandalizar com isto, se a Inspeção Geral dos Espectáculos ou lá como é que se chama acha que OK, tudo bem, nem uma palavra sobre a abate das grandes

salas, vivam estes quartos de aluguer, onde prospera o negócio da exibição.

E não se diga só do tamanho deste ecrã maneirinhos. Diga-se também das condições acústicas das salas, onde não raro acontece que estamos a ver um filme... e a ouvir a banda sonora do outro que passa ao lado. Neste caso -diga-se que mesmo no melhor pano cai a nódoa, experimente quem escreve sobre cinema ver os filmes nas salas e não nos visionamentos antecipados e poderá dizer, depois, de como se vê (e ouve) hoje cinema em Lisboa; na Província se calhar é melhor, pelo menos nas terras em que só há uma sala, não há perigo de se ouvirem as intimidades da alheia.

Mas não se acabe assim a derradeira «sessão». Acabe-se melhor. Com a notícia de que «Non», de Oliveira, já fez 50 mil espectadores e ainda está para durar... e para estrear na Província em meia centena de salas.

Só não é um «happy-end», porque é o The End, esta crónica está no fim... e este jornal também. O cronista, de um convívio de 29 meses, despede-se: até sempre. Até sempre ou nunca mais...

Rodrigues da Silva



«O Sangue», de Pedro Costa, em exibição comercial, a partir do dia 7, no Forum Picoas. Derradeira sugestão: não percam

A Ver

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estreia

- «Non ou A Vã Glória de Mandar», Manoel de Oliveira (1990)
- «O Comboio Mistério», Jim Jarmusch (1989)
- «Na Pele do Urso», Ann e Eduardo Guedes (1989)
- «A 300 Milhas do Céu», Maciej Dejczer (1989)
- «Um Sonho de Mulher», Gary Marshall (1990)
- «Encruzilhada de Ilusões», Alan J. Pakula (1988)
- «Tudo Bons Rapazes», Martin Scorsese (1990)
- «Henry e June», Philip Kaufman (1990)
- «Inquérito Escaldante», Sidney Lumet (1990)
- «Presumível Inocente», Alan J. Pakula (1990)
- «Assalto ao Aeroporto», Renny Harlin (1990)
- «Expresso dos Malditos», Peter Hyams (1990)
- «Espírito do Amor», Jerry Zucker (1990)
- «Olha Quem Fala», Amy Heckerling (1989)
- «Um Sedutor em Apuros», Roger Donaldson (1990)

Em reposição

- «Fantasia», Walt Disney (1940)

R. da S.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Sessões especiais

Paradjanov, Rohmer, Demy

Uma boa semana, mas dizer isto é quase dizer o óbvio porque, ao nível das Sessões Especiais, quase todas as semanas são boas... pelo menos se as compararmos com as da exibição comercial. Esta é, portanto, mais uma boa semana de cinema nos circuitos paralelos. Com destaques vários. Assim, na Malaposta, encerram os Encontros Internacionais de Cinema Documental, com descentralização (bravo, Manuel Costa e Silva) por Amadora, Vila Franca de Xira e Sobral de Monte Agraço. O que há a destacar... é tudo, mas muito em especial o filme com que encerram os Encontros, «Achik-Kerib», a derradeira obra do mágico Paradjanov.

Na Cinemateca, voltam a cruzar-se os ciclos, desta vez para assinalar os centenários de Luís de Freitas Branco e Fritz Lang e as prematuras mortes de Delphine Seyrig e Jacques Demy.

São pretextos para (no caso de Luís de Freitas Branco) rever o filme português referência dos anos 70 anteriores ao 25 de Abril, «O Mal Amado», de Fernando Matos Silva, e (no caso de Lang) exibir dois filmes dos anos 20, ainda alemães portanto.

De Delphine Seyrig (ou com ela), na impossibilidade de passarem dois Resnais, exibem-se «Muriel» e «Via Láctea», este último de Buñuel, e é pena que não possa ver-se o único filme que actriz filmou com Demy, «A Princesa Pele de Burro».

Mas não nos queixemos. De Demy passam três filmes, todos de cantos e encantos, por vezes desencantados, sempre encantadores. Um deles é de culto: «Os Chapéus de Chuva de Cherburgo» (1964). Os outros são «Lola» (1961) e «Trois Places pour Le 26» (1988), este último ainda não exibido comercialmente em Portugal.

E por falar em filmes inéditos, chame-se a atenção para a 2.ª Semana do Cinema Francês em Lisboa, a iniciar a 4 de Dezembro.

É uma semana desigual, que não trará até nós o melhor do cinema francês actual

— tão só o que já está comprado para futura exibição comercial. Uma futura exibição longínqua talvez, basta lembrar-se a gente que «Trois Places pour Le 26» antestreu em Portugal há um ano, precisamente na 1.ª Semana do Cinema Francês, e até hoje... nada quanto a exibição comercial.

Está 2.ª Semana abre com o último filme de Rohmer, «Conto da Primavera», assim mesmo em português, porque todos os filmes passam já legendados. «Conto da Primavera» é o primeiro de uma nova série de filmes de Rohmer, «Contos das Quatro Estações», que se segue a «Contos Morais» e «Comédias e Provérbios».

Para além do filme de Rohmer, exibem-se o último Louis Malle («Milou em Maio»), «Cirano de Bergerac», de Jean-Paul Rappeneau; «Nikita», de Luc Besson, e outras obras porventura menos interessantes.

A programação a seguir... e só até de hoje a uma semana. Depois... depois, o leitor saberá do futuro, mas não já por nós, que o «DL» vai morrer. Amanhã, já...

ABC Cíne Clube de Lisboa

Terça, dia 4: «Esperança e Glória», de John Boorman (às 19, no Londres).

Amadora (Auditório da Câmara)

Hoje: «Lagoa de Albufeira», de Pedro Martins, seguido de «Rio Mira», de Helder Mendes, e «O Exercício da Montanha», de Manuel Tomás (às 15 e 30).

Amanhã: «Devant Le Mur», de Daisy Lamothe, seguido de «Van Gogh-La Revanche Ambigué», de Abraham Segal (às 21).

Sábado, dia 1: «Konitz», de Robert Daudelin, seguido de «Chère Amérique», de Marilu Mallet (às 15).

Domingo, dia 2: «Near Death», de Frederik Wiseman (às 14).

Casa de Serralves (Porto)

Hoje: «Living of The Land», de Bruce Davidson,



«Achik-Kerib», de Serge Paradjanov, dia 2, na Malaposta, a encerrar os Encontros de Cinema Documental

seguido de «Vagabond Children», de Sergio Larrain, e «Nada», de Manuel Rio Branco (às 18 e 30).

Amanhã: «Voyages», de Susan Meiselas e Marc Karlin (às 18 e 30).

Centro Cultural da Malaposta (Olival Basto)

Hoje: «L'Imitateur», de Jaco Van Dormael, seguido de «Madame V Monsieur S», de Violaine de Villers (às 21, com a presença de Violaine Villers).

Amanhã: «Les Fontaines de Madrid», de Olivier Horn, seguido de «Konitz», de Robert Daudelin (às 21).

Sábado, dia 1: «Adeus Rodelas», de Agnaldo António Azevedo, seguido de «Vilariño das Furnas» e «Histórias Selvagens», ambos de António Campos (às 15, com encontro com António Campos às 18); «Sortie 234», de Michael Langlois, seguido de «Gosses de Rio», de Thierry Michel (às 21).

Domingo, dia 2: «O Sobreiro», de Jorge Marecos Duarte, seguido de «Wodaabe», de Werner Herzog (às 15 e 30); debates sobre o futuro do documentarismo em Portugal (às 18) e «Achik-Kerib», de Serguei Parad-

janov (às 21).

Cinemateca

Hoje: «Solo de Violino», de Monique Rutler (às 18 e 30, em antestreia); e «La Teranyina», de Antoni Verdager (às 21 e 30).

Amanhã: «Muriel», de Alain Resnais (às 18 e 30); e «Via Láctea», de Luis Buñuel (às 21 e 30).

Segunda, dia 3: «O Mal Amado», de Fernando Matos Silva (às 18 e 30); e «Lola», de Jacques Demy (às 21 e 30).

Terça, dia 4: «Os Chapéus de Chuva de Cherburgo», de Jacques Demy (às 18 e 30); e «Trois Places pour Le 26», de Jacques Demy (às 21 e 30).

Quarta, dia 5: «A Morte Cansada», de Fritz Lang (às 18 e 30); e «A Mulher na Lua», de Fritz Lang (às 21 e 30).

Instituto Franco-Português

Hoje: «De Gaulle-Malraux, Portraits Croisés», de Jean-Marie Carzou (às 18 e 30, na presença do realizador).

S. Luiz

Hoje: «A Cor Púrpura», de Steven Spielberg.

Amanhã: «Ana e As Suas Irmãs», de Woody Allen. Sessões às 18, promovidas pela CML.

Semana do Cinema Francês (no King Triplex)

Terça, dia 4: «Conto de Primavera», de Eric Rohmer (às 19 e 15) e «Nikita», de Luc Besson (às 21 e 30).

Quarta, dia 5: «La Petite Voleuse», de Claude Miller (às 16); «Tatie Danielle», de Etienne Chatiliez (às 19 e 15); e «Itinéraire d'Un Enfant Gâté», de Claude Lelouch (às 21 e 30).

Sobral de Monte Agraço

Amanhã: «Classified People», de Yolande Zauberman, seguido de «Alma Ta Fika», de João Sodrê (às 21).

Vila Franca de Xira

Amanhã: «Vilariño das Furnas», seguido de «Gente da Praia de Vieira», ambos de António Campos (com a presença do realizador).

CRÓNICA DE TOUROS

Lembranças

Praça de Touros de Vila Franca. Domingo, 28 de Outubro de 1990. Novilhos de diversas ganaderias para Andrés Vasquez, José Fuentes, Mário Coelho, Ruiz Miguel, Niño de la Capea, Rui Bento Vasquez, Eduardo Oliveira e Rui Plácido

A «homenagem dos toureiros espanhóis a Mário Coelho», rótulo que aplicaram a este festival de Vila Franca, começou por falhar na meteorologia, com a tarde ameaçadora de chuva, a afastar das bilheteiras a gente que era suposto acorrer ao chamariz de nomes famosos de Espanha e da rara presença de picadores; e acabou por ser, no que respeita ao artístico, um fracasso, dado que os novilhos oferecidos pelos ganaderos teimaram em invocar o adágio de que a cavalo dado não se olha ao dente, saíram de má raça, nove se correram, nove fora nada, ou quase nada. E digo quase, porque além da brevidade (em duas horas e meia se despachou o festejo), ficaram uns apontamentos dispersos, neles sentimos aflorar lembranças.

A primeira lembrança, com Andrés Vasquez. Naquele abraço que selou o brinde a Mário Coelho, invocamos do matador de Zamora a cobertura que sempre deu aos portugueses, quando bandarilheiro de sua quadrilha lhe consentiu e animou a que ao lado do maestro se luzisse, repartisse com ele ovação que certos matadores não apreciavam, cai-lhes mal ver um subalterno triunfador. E além do abraço de Andrés, houve aqueles lances à verónica, e o garbo da meia, e na faena ao novilho de Rio Frio, o mais potável da tarde, recordamos esse sabor toureiro que o fez figura, o sorriso era o mesmo daquele Maio do ano de 66, em Madrid, rematada a bela faena ao quinto, Andrés feliz com o prémio das duas orelhas, e com o gesto de Lorenzo Garza, o magnífico, como prenda espontânea o mexicano lhe atirou da bancada seu relógio de ouro, suprema homenagem.

A segunda lembrança, para a presença de José Fuentes, o novilho de Luís Rocha sem lhe dar margem para qualquer luzimento, para a finura de estilo que ficou apenas no lançar o capote para solene o arrastar na volta à arena em que apesar de tudo o envolveu o carinho vilafraquense, e também a saudade minha daquele 29 de Agosto de 1965, em que Fuentes proclamou meu toureiro, nas bancadas da Praça de Linares havia lágrimas correndo pelas faces, faena de fazer chorar a gente de sua terra, e de todas as terras, que não tem fronteiras a arte que nessa tarde José fez inesquecível.

Lembrança recente é a de Francisco Ruiz Miguel, acaba de retirar-se e parece com alma e poderio para voltar à guerra sem quartel que foi sua passagem pelas arenas, saiu alegre a recolher o gás do novilho da Quinta da Foz, por verónicas, perons, chicuelinas, levantou nas bancadas o entusiasmo maior do festival, depois das varas apagou-se de todo o inimigo, estando em Portugal não pôde sequer evocar aquela estocada de Sevilha, Abril de 1971, ao Miura chamado «Gallero», estocada recebendo, na cruz, e a Maestranza em delírio, e no meio da arena dourada Ruiz Miguel chorando, envolto no clamor que lhe abria as portas da glória e da fortuna.

Outra lembrança houve, trazida por Ruiz Miguel: foi quando ao tocar a bandarilhas entregou um par a Mário Coelho, com um ar como se fosse de partida e era afinal homenagem. Mário estivera asseado e fácil com as dificuldades do Grave que ali tocara, aplaudido à saída por sua presença; mas era ali, naqueles instantes em que simbolicamente voltava à sua condição de subalterno, que nos ia oferecer a evocação da sua glória maior. Na primeira entrada, apenas deixou meio par; mas na segunda, vencendo diminuídos recursos, citou com esse garbo seu, próprio, partiu sereno, quadrou na cara, cravou imponentes paus reunidos na vertical, a saída em beleza, aquela era a estampa que de Mário Coelho para sempre guardamos.

Com Niño de la Capea, em vésperas de voltar às arenas tentado por um contrato fabuloso, duzentos e tal milhões por trinta corridas, nada quis em Vila Franca a fortuna: era impróprio o Passanha que lhe tocou, e não tinha mais serventia o sobrero ordinário de Vinhas que se dispôs a tourear. E do maestro de Salamanca ficaram lembranças passadas, como aquela tarde de há três anos em que por fim se lhe rendeu Sevilha, impávido aguentou as coladas do de Salvador Domecq, e depois o levou assim toureado, e o fez cúmplice de suas adornadas alegrias, não é só em Sevilha que toureiro não lembra trabalho.

Também houve matadores portugueses: além de Mário Coelho, vimos Rui Bento esforçado com o novilho manso e solto de São Marcos, pela esquerda se centrou no final da faena, pareceu renascido de infortúnio, com o ânimo levantado para as agruras do combate que o espera. Eduardo Oliveira andou um tanto à deriva, sem poder com os problemas de um novilho do ferro da casa, pelos vistos não escolhido a preceito para o êxito familiar. E com o manso de Ortigão Costa voltou Rui Plácido a estar deseioso mas, ai dele, também a mostrar o futuro cinzento como o céu, verónicas de passo atrás, incerto em bandarilhas, e na faena um passe aqui e outro acolá, quando por fim se fixou foi monótona e inglória a porfia, que a gente aplaudiu no final, à ovação ao moço da terra se juntou a que despedia os toureiros que partiam, e com a lembrança doutros dias nos deixavam.

Solilóquio



«Conto de Primavera», de Eric Rohmer, dia 4, a abrir a Semana do Cinema Francês, no King Triplex

Crítica de teatro

«As Três Irmãs» e a árvore

As Três Irmãs de Anton Tchekhov. Encenação: Vague Shakhverdian. Cenografia: Evgueny Sofronov. Música: Varuzhan Galstian. Interpretação: Asmik Aleksanian, Karina Antonian, Sarkisian Aramis, Vruir Arumubnian, Akou Danielian, Jak Gabrielian, Naira Kalashian, Rudolf Guevonlian, Greta Medzhlaumian, Arusiak Mkhiatarian, Elina Ogamian e Alfred Zakartan. Teatro Kirovokan (Arménia). Festivais de Lisboa. T. Maria Matos/27-11-1990.

Se é certo que nem todas as pistas propostas por esta leitura da obra-prima de Tchekhov são novidade (o cenário, as relações das personagens, os retratos), e se outras não são interessantes (música, alguns elementos «kitsch», o final), este espectáculo não deixa de ser um notável, um belíssimo trabalho sobre o material tchekhoviano.

Tanto quanto me foi possível seguir o texto confrontando-o com uma tradução, o espectáculo propõe uma dramaturgia bastante diferente do original. Não só pela supressão de numerosas falas e transposição de outras, como sobretudo, e em especial nos actos finais, pela redução dos diálogos e monólogos, o que ajuda a sublinhar nas personagens a solidão que as marca.

Estas três irmãs provincianas que sonham com Moscovo surgem nesta versão de peça de Tchekhov como figuras de uma espécie de «À Espera de Godot», sendo Godot ou Moscovo uma óbvia metáfora da esperança. Por isso, o principal elemento do cenário é uma árvore esquelética, prateada, que as irmãs rodeiam como imagem de outro mundo por que aspiram. Como na peça de Beckett.

Outro elemento fundamental do cenário é constituído por um conjunto de fotografias antigas emolduradas, presas às cadeiras, expostas como num altar. Elas fixam um tempo, como o fazem as molduras vazias que enquadrou nalgumas cenas os rostos das personagens, assim como o retrato de grupo que fingem tirar, ou destroem-no como a moldura vazia que representa a personagem morta em duelo.

Ainda antes do espectáculo começar, os duplos das três irmãs, vestidos de branco, estão já em cena. Virão a operar como imagens fantomáticas de um passado feliz. Cadeiras,

a árvore referida, velas acesas, candelabros, elementos com panos que escondem as malas amarradas das partidas que não há. No final, as três irmãs, a vestem de negro em contraste com a cor viva do vestido de Natacha, personagem que esconde a mesma dor na máscara da futilidade que aparenta.

Porém, em vez das palavras de Olga: *Ah! Se nós pudéssemos saber, se nós pudéssemos saber!* as personagens dizem em espanhol *há que viver! há que viver!* que não tem nada a ver com o que se passou nem com Tchekhov. Essa alteração pareceu-me de bastante mau-gosto reforçado pela dança com a participação das «irmãs de branco» e de outras personagens.

O trabalho dos actores acaba por ser, com a peça, o que há de mais interessante neste espectáculo, embora a encenação revele elementos extremamente sedutores e produtivos. As intérpretes das três irmãs, de Natacha e da ama Anfisse revelaram capacidades de entendimento das personagens, de ritmo, de interiorização que me pareceram excepcionais. De salientar ainda o trabalho dos intérpretes de Kuliguine e de Verechinine.

Apesar do final, nitidamente pós-perestroika, este espectáculo é uma excepcional proposta de leitura da peça de Tchekhov. Pena que do público que não encheu metade da sala, a maior parte tivesse desaparecido discretamente no intervalo. Na impossibilidade de conseguir tradução simultânea, seria de esperar que fosse distribuído um papelinho com a sinopse da peça. É que a cultura do espectador português não chega, geralmente, a Tchekhov o que implica um corte quase total do público com o que se passa no palco.

Carlos Porto

Uma rua em final de reinado

Foram gerações de crianças, no encantamento, a parar à beira das montras do número 131 da Primeiro de Dezembro. Quando a Kermesse de Paris foi inaugurada, ainda a Avenida era quase nova e da

estação do Rossio (chamavam-lhe estação central) partiam comboios com ligações ao mundo inteiro: «Paris, Londres, S. Petersburgo». A rua chamava-se ainda do Príncipe, e chamou-

se assim até 1908. Era um nome condigno. Qualquer criança tinha aqui o seu pequeno reinado. Nos dias de verão, num grande cesto à porta, amontoavam-se as tentações mais modestas: os «penny toys» com que todos tinham o direito de sonhar. As montras eram mais selectas. Bonecas de porcelana e cavalinhos de pasta poderia haver em todo o lado, mas os da Kermesse eram maiores, mais bonitos, mais enfeitados. Os olhos ficavam lá, a caminho da estação, em muitos adeuses para nunca mais.

Como agora. A Kermesse fechou. Quantos anos tinha, nem os donos sabiam bem: existia desde sempre, desde que o mundo era pequeno. Nenhum adulto vivo existiu antes dela. Ancestral e primeira, utilizou até ao fim a sua grafia cosmopolita, parisiense.

Onde os acordos ortográficos não chegaram, atingiu-a agora outro reinado, o dos hipermercados. Os sonhos compram-se por atacado e de acordo com referências publicitárias. E a Kermesse foi trespassada para mudança de ramo. Será uma perfumaria, paradoxalmente menos «parisiense».

Um reinado muito longo passou este ano à história. Também na Baixa de Lisboa.

Marina Tavares Dias



GRUPO TEATRO HOJE, TEATRO DA GRAÇA

Quem tem

Medo
de

VIRGÍNIA WOOLF?

de EDWARD ALBIE

Com: Fernando José Oliveira Encenação: Fernando Lapa
Isabel de Castro Cenografia: José Manuel
Maria José Pascoal Castanheira
Mário Jacques Figurinos: Jasmin de Matos

«... um espectáculo para a história... magnífica criação...» — Eugénia Vasques — *Expresso*

«Um belo espectáculo no Teatro da Graça.» — Fátima Lopes — *Diário Popular*

ATENÇÃO

Por motivo de doença do actor Fernando José Oliveira, o espectáculo encontra-se interrompido até data a anunciar.

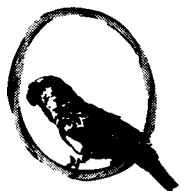
PATROCÍNIO: Círculo de Leitores

TERMINAL BAR — Paul Schell
BREVEMENTE



teatro da Cornucópia

W. SHAKESPEARE

MUITO BARULHO
POR NADA«Espectacular trabalho da Cornucópia» — *Expresso*«Tudo e todos neste projecto cénico, realizaram o melhor, daí resultando uma admirável perfeição» — *O Jornal*«Raramente o ideal do Teatro-Vida e da Vida-Teatro encontrou no Teatro português a expressão mais perfeita / uma qualidade única no Teatro português» — *Público*«O Espectáculo é deslumbrante» — *Diário de Lisboa*«Uma das melhores realizações de sempre da Cornucópia e espectáculo de Antologia» — *A Capital*

Apoios: Fundação Calouste Gulbenkian e British Council.

De Terça a Sábado às 21.30h, Domingo às 16h.
Teatro do Bairro Alto — Rua Tenente Raul Cascais 1A — 1200
LISBOA
Telef.: 396 15 15 / 396 92 05

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA



TEATRO NACIONAL D. MARIA II

VINCENT

ANTONIO FEIO

VIRGILIO CASTELO

VIRGILIO CASTELO CONSEGUE UM PAPEL CHEIO DE FORÇA E SUBTILIDADE

UM ESPECTÁCULO A NÃO PERDER NOTAVELMENTE ENCENADO

INFORMAÇÕES
TELEFONOS

uma cidade limpa é uma cidade viva

proteja a sua saúde

CML

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Tréplica de Maria José Morais a Miguel Graça Moura

Não lhe reconheço autoridade para julgar o meu curriculum

A pianista Maria José Morais, enviou ao nosso director a carta que adiante reproduzimos e através da qual dá tréplica às afirmações produzidas a seu respeito pelo maestro Miguel da Graça Moura, em carta que antecede publicamos e na sequência de uma entrevista que Maria José Morais nos havia concedido a propósito da sua demissão do Conservatório Nacional:

«Tomei conhecimento da carta hoje publicada no 'DL' e na qual Miguel Graça Moura se refere à entrevista que dei, ao vosso jornal, a 15 de Novembro último. Porque não posso ficar indiferente perante as calúnias que me são levantadas, solicito, ao abrigo da Lei da Imprensa, a publicação desta resposta.

Não vou, evidentemente, descer ao nível de vocabulário insultuoso de MGM mas, tão somente, dar a conhecer a verdade dos factos para que o leitor possa, por si próprio, distinguir e conhecer quem são os verdadeiros valores da Cultura Portuguesa, aqueles que trabalham para essa mesma Cultura, ao invés de outros que apenas se servem dela como meio de auto-promoção.

É claro que não reconheço a MGM autoridade artística para julgar as minhas actuações ou curriculum! Quando MGM for capaz de demonstrar ter feito sucessivas tournées na Polónia, URSS, USA, Inglaterra, Bulgária, Bélgica, Luxemburgo, Alemanha, Espanha e Áustria, entre outros, quando provar ter no seu curriculum orquestras como RTBF, London Mozart Players, Antuérpia, Baden-Baden, Padeloup, New Orleans, Leninegrado, Gulbenkian e outras, numa verdadeira afirmação de carreira (entendendo-se por carreira o renovar dos convites ao artista por exigência do público e de críticos conceituados) quando MGM for capaz de exibir críticas altamente elogiosas como as que junto incluo (Londres, Bruxelas, Alemanha e Viena, para não exagerar), enfim, quando MGM crescer artisticamente, talvez então possamos discutir Arte.

É que, em comparação com o ridículo curriculum que MGM apresenta e faz hoje publicar, confirmando publicamente as minhas suspeitas e afirmações de que MGM só dirige

as orquestras que ele próprio cria, na sua maioria com subsídios do Governo — eu MJM, fiz todo o atrás citado e muito mais: actuei nas mais prestigiadas salas de concertos de Londres (Royal Festival Hall, Wigmore Hall, etc.), Paris (Teatro dos Campos Elísios), Macau, Bond (Beethoven Saal), Bruxelas, Antuérpia, Luxemburgo, Leninegrado, Moscovo, San Francisco, Varsóvia (Sala Chopin e outras), Viena de Áustria (Salas Bosendorfer e Brahms de Musikverein), etc.

Sou membro do júri de importantes competições internacionais como o Concurso Internacional de Bruxelas, entre outros, leccionei cursos e Master Classes na Bulgária, USA e Bélgica, tenho gravações nas principais estações de Rádio e TV da Europa (RTBF, BBC, RTE, RTL, Rádio-Varsóvia, ZDF, RDP, RTP), tenho vários discos gravados a solo e com orquestras estrangeiras (que MGM desconhecerá, pois alguns nem se encontram à venda no nosso país) e possuo os Diplomas Superiores de Piano com 20 valores (Conservatório de Música do Porto), Mestrado (Conservatório Superior de Música de Sófia), Análise Musical e Solfejo com Nadia Boulanger, estudos de aperfeiçoamento em piano com JM Darré, F. Watermann e S. Neuhaus. Sou quase bacharel pela Faculdade de Letras de Coimbra e laureada de Concursos Internacionais de Piano de Nápoles, Épinal e Bruxelas. Entre os nomes com quem colaborei contam-se Silva Pereira, Jean-Pierre Wallez, Arnold Katz, José Serebrier, Gabriel Tacchino, Philippe Bender, Vassil Kasandjiev, Valery Guerguiev, Pierre Devos e tantos outros.

Numa explosão da sua habitual grandomania, MGM vem «fundamentar» os seus feitos artísticos. Mas como? Por falta de elementos, não menciona uma única orquestra que tenha dirigido extra-fronteiras, não diz quem lhe atribuiu os «Premier Prix» e, por maior respeito que eu tenha pelos solistas portugueses citados, outros, não menos sonantes no nosso panorama musical, ficaram de fora. Endeusando-se a si próprio através de uma desmedida campanha de marketing, MGM, o senhor dos «INSÓLITOS», fala do que não viu nem ouviu pois não tem o hábito de frequentar os meus concertos! Como eu, aliás, não frequento os dele, após ter ouvido o suficiente para me informar. Frequentei, sim, alguns dos bailes, no Porto, onde dancei ao som da sua banda e só lamento que MGM não se tenha ainda libertado daquele tipo de espectáculo, servindo-se agora da música dita erudita para, nos mesmos padrões, tentar atrair popularidade.

É que «INSÓLITOS», Concertos de Música e Humor, promessas de pôr todo o público a cantar, mais não são do que camuflagens, tentativas de aliciamento para quem irá a estes espectáculos por curiosidade e não à procura de qualidade. Eles são um insulto ao público português!

Quando orquestras como a de Viena e outras visitam Lisboa, o Coliseu enche-se, sem necessidade de subtítulos ou palhaçadas!

Quanto à minha demissão do Conservatório, começo por «agradecer» a MGM a sua declaração de envolvimento na mesma. Na minha entrevista de 15 de Novembro tive o cuidado de sublinhar não ter sido demitida por MGM, mas por uma Comissão Instaladora por ele nomeada. Mas MGM faz «o esclarecimento público»! Melhor fora se se tivesse documentado antes de levantar calúnias que em nada dignificam quem as profere:

1.º Se tivesse o cuidado de ler o ofício que me foi enviado pela Comissão Instaladora da Escola de Música do Conservatório Nacional, cuja fotocópia junto incluo para publicação, saberia que aí se diz «rescind-se o contrato por excesso de Professores de Piano neste Corpo Docente». Mas MGM afirma «foi despedida porque bateu várias vezes o record absoluto de absentismo no Conservatório, chegando a estar quase um ano lectivo inteiro sem dar aulas!» (sic).

2.º Enquanto Professora do Conservatório, as minhas faltas foram todas devidamente justificadas e as ausências do País autorizadas pelo ME! A ser verdade que eu tivesse estado quase um ano sem dar aulas, só o Ministério poderia ser responsabilizado!

3.º Existe no Conservatório um livro de ponto. Sugiro-lhe que o consulte e se informe das datas precisas entre as quais decorreu esse «quase um ano lectivo sem dar aulas»...

4.º Se se refere ao período decorrente entre 2 de Maio de 1988 e 2 de Abril de 1990, então sim! Não foi um ano mas quase dois, durante os quais me mantive afastada do Conservatório, mas a meu pedido e sem vencimento!

5.º É perfeita mentira que a «reforma do ensino artístico» tenha recebido o apoio da maioria esmagadora dos professores a quem diz respeito (sic), pelo menos no tocante à Música. Ainda em 19 de Novembro p.p., em reunião geral de professores realizada na própria Escola de Música do Conservatório Nacional, essa mesma reforma foi altamente contestada e criticada por todos, tendo sido criado um grupo de trabalho para elaborar



novo projecto.

Também professoras ilustres daquela casa têm manifestado publicamente o mais veemente repúdio à reforma de MGM, e o Sindicato dos Músicos, em conferência de Imprensa, manifestou-se contra o que considera não só a extinção dos Conservatórios, mas também a prepotência de MGM nas suas múltiplas entrevistas espalhando, ele sim, desdém por todos os músicos portugueses. A onda de protesto levou já a que fosse pedida a intervenção dos grupos parlamentares da AR, Conselho Português da Música, bem como serão solicitadas audiências ao senhor Presidente da República e senhor primeiro-ministro!

6.º Finalmente, quanto à afirmação de MGM sobre a minha «auto-promoção» através do Conservatório, é caso para perguntar: se o Conservatório servisse de meio de auto-promoção, como é que MGM, assessor do ministro, ainda não se nomeou a si próprio para o corpo docente desse Conservatório? Não será MGM o «rei» da auto-promoção em Portugal?

Muito mais poderia ser dito. Como artista resta-me acrescentar que a minha carreira continua em franca ascensão e imperturbável perante explosões de inveja. Como cidadã portuguesa lamento que só em Portugal existam e se dêm poderes a Miguel Graça Mouras, únicos sim, mas pela negativa!

Maria José Morais

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA DE MÚSICA
DO
CONSERVATÓRIO NACIONAL

Empl. S. 000000
P. 000000
R. 000000
R. 000000
R. 000000

SUA REFERÊNCIA: 282
SUA COMUNICAÇÃO: 282
NOSSA REFERÊNCIA: 282

ASSUNTO: RESCISÃO DE PROPOSTA DE CONTRATO

RESOLUÇÃO DE 15/11/1990

A PRESIDENTE DA COMISSÃO INSTALADORA,
RAQUEL MARQUES SIQUEIRA

Fac-símile do ofício enviado a Maria José Morais, a justificar a rescisão do seu contrato como professora

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA

ÚLTIMAS SEMANAS ★ NOVO HORÁRIO

SALA NOVA
SEXTAS E SÁBADOS — 21.30 ★ DOMINGO 17H

SALA 1

3.º MÊS

O ESTRANGEIRO EM CASA
TEXTO • RICHARD DEMARCY
MÚSICA • JOSE MARIO BRANCO
M/12

UM ELECTRICO CHAMADO DESEJO
TEXTO • TENESSEE WILLIAMS
TRADUÇÃO • M. JOAO GOMES
M/16

ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA

«... brilhantes interpretações.» — O JORNAL
«... excelente encenação.» — A CAPITAL
«... surrealista, absurdo, épico, cruel.» — O EXPRESSO

«... verdadeira fruição teatral.» — O EXPRESSO
«... um espectáculo perturbador, pujante de força.» — A CAPITAL

APÓLOS • GULBENKIAN • REMÉDIOS MÚSICA
CINE FOTO AVIZ • CABELEIREIRO CITY PÚBLICO

SUBSÍDIO S.E.C. MARCAÇÕES T. 726 08 18

DESPORTO

Taça UEFA: Vitesse, 0-Sporting, 2

Diques de papel traçados por mísseis



Shustikov (Torpedo) e Frank Gauze (Mónaco) em despique

Roma: equipa de cinco estrelas

O resultado mais dilatado da primeira «mão» dos oitavos-de-final pertenceu ao Roma, que eliminou o Benfica na primeira ronda e «despachou» desta feita o Bordéus com cinco golos sem resposta, com 2-0 ao intervalo, tornando a deslocação a França num autêntico passeio.

Dois jogadores marcaram os cinco tentos do Roma, tendo pertencido a Rudi Voeller um «hat-trick». O dianteiro germânico marcou aos 10 minutos, elevou, aos 45, na marcação de uma grande penalidade e marcou o 3-0, aos 50.

Manuel Gerolin apontou os restantes dois tentos, aos 60 e 75 minutos, não deixando qualquer dúvida quanto ao desfecho da ronda.

O Bordéus poderá queixar-se de não ter podido contar com alguns dos seus jogadores titulares, suspensos na sequência do «escândalo» financeiro que levou à demissão do antigo presidente dos girondinos, Claude Bez.

O Mónaco de Rui Barros permitiu uma derrota, por 2-1, frente ao Torpedo de Moscovo, mas o tento apontado por Gerard Passi, aos 51 minutos, poderá revelar-se vital para a continuação em prova da turma monegasca.

O Inter de Milão (Itália) parece também ter assegurada a sua presença nos quartos-de-final após derrotar, no Giuseppe Meazza, em Milão, o Partizan de Belgrado (Jugoslávia), por claro 3-0.

Num encontro com incidentes originados pelo mau comportamento dos «tiffosi», o Admira Wacker, da Áustria, venceu com autoridade o Bolonha, por 3-0, num jogo que deixou a turma vienense em boa posição para a passagem aos quartos-de-final.

A «surpresa» da ronda veio da Dinamarca, onde o Brøndby goleou o Bayer Leverkusen (Alemanha), por 3-0. Torben Frank foi a grande figura do encontro apontando dois tentos, aos 6 e 66 minutos. Bent Christensen foi o autor do outro golo dos dinamarqueses.

O resultado de 3-0 deixa antever grandes dificuldades para os germânicos no encontro da segunda «mão», que se disputará na Alemanha no dia 12 de Dezembro.

O Colónia (Alemanha) empatou em casa com os italianos do Atalanta, por 1-1, num jogo em que ambos os tentos foram apontados pelos visitantes: Domenico Progná marcou na própria baliza, aos 50 minutos, e Roberto Bordin igualou após cinco minutos, aumentando as possibilidades de apuramento da sua equipa.

Por seu turno, o Anderlecht (Bélgica) derrotou o Borussia Dortmund (Alemanha), por 1-0, com o tento «solitário» apontado por Marc van der Linden, aos 75 minutos.

Resultados

Vitesse Arnhem (Holanda)-Sporting (Portugal)	0-2
Torpedo de Moscovo (URSS)-Mónaco (França)	2-1
Brøndby (Dinamarca)-Bayer Leverkusen (Alemanha)	3-0
Admira Wacker (Áustria)-Bolonha (Itália)	3-0
Anderlecht (Bélgica)-Borussia Dortmund (Alemanha)	1-0
Colónia (Alemanha)-Atalanta (Itália)	1-1
Inter de Milão (Itália)-Partizan (Jugoslávia)	3-0
Roma (Itália)-Bordéus (França)	5-0

Os jogos da segunda «mão» disputam-se no dia 12 de Dezembro.

Neves de Sousa
nosso enviado especial

Sem sombra de qualquer dúvida: realmente, o leão mostrou a sua raça. E conseguiu, de uma só assentada, varrer a deformante e pálida imagem do seu valor (patenteado em tom pardacento, no teatro das Antas) procurando retomar imediatamente o brilhante «palmarés» da temporada em que Alvalade entregou a navegação do navio-almirante a Marinho Peres e ao oficial de tombadilho António Dominguez.

Antevia-se difícil problema para a aritmética verde-branca, questão até de álgebra ou (mais longe e complicada) tarefa para dissecar depois de estudo das tabelas de senos, tangentes, secantes e cosecantes, geometria no espaço e tá-bua de logaritmos. Afinal, foi questão primária, de desfecho rapidamente encontrado, por-

que tirando aquele pedacinho de tempo que se seguiu ao refrescar de ideias no balneário, o tapete ficou estendido para o Sporting mostrar que, nesta era de Sousa Cintra, está disposto a fazer charneira com os velhos, bons e saborosos tempos em que saía da jaula para tomar a selva e daí soltar o rugido que fazia tremer toda a floresta.

Primeiro que tudo: será conveniente salientar-se que este Vitesse que ontem vimos no gelado e nevoento Monnikhuze na cidadezinha de Arnhem onde apenas desfílamos a caminho de um treino e ontem, também encafuados num autocarro, em vertiginoso desfile para compromisso de honra, não pode (de modo algum) representar a autêntica valia de um futebol intimamente ligado a opáparas con-quistas e a um largo estendal de sucessos. Tirando dois ou

três rapazes (Van den Brom, Theo Bos, Eyer), todo o resto daquele esqueleto que o treinador Jacobs estava impingindo como fantasma de arrepiar ou fenómeno de nova geração, seria uma treta se os delegados da Alameda das Linhas de Torres tivessem sabiamente explorado aquele período de abertura em que o simpático mas trémulo guarda-redes Van der Gouw não segurava qualquer bolinha e toda a cortina imediata ondulava a um vento que não existia mas parecia continuar os dois graus de temperatura que nos faziam tiritar e jogar na constipação que apareceu ao desembarcar na Portela, regressando da tal jornada que vai obrigar Sousa Cintra, Abílio Fernandes e todos os demais lustrados pares do reino leonino, a brindarem os associados com um Natal por meia dúzia de tostões, guardando a boa co-

lheita para o tal Sporting-Benfica que pode ser chave do Campeonato e deixando para as urtigas o sonho de milhões no duelo europeu. Quer dizer: apostamos dobrado contra singelo em como serão baratucho os ingressos para o serão de nova noite uefeira, não apenas porque não se podem fazer contínuos assaltos à bolsa do indígena mas (muito especialmente) porque o pai Natal gosta de colocar prendas nos sapatinhos e, no caso das botas, também a malta esperta nova arrancada dos senhores de verde-branco na estrada em que as candeias e as lanternas de mão de há muito deram lugar a projectores. E o Vitesse, salvo qualquer cataclismo de última hora, de uma erupção vulcânica centrada para os lados do Lumiar, foi chão que deu uvas, avance outro gladiador para a arena.



Litos foi um «puzzle» que o Vitesse não deslindou



LIVEDESPORTOS

NOS GRANDES MOMENTOS DO DESPORTO



O bibota de ouro e senhor futebolista Fernando Gomes, arranca como uma seta, deixando no chão Theo Bos



Fotos de António Capela

Venha daí esse abraço: Carlos Xavier recebe parabéns pelo «tiro» que abriu a contagem

Evidentemente que todos nós, os portugueses talvez mesmo o bloco de países latinos, estamos habituados a voagar entre o oito e o oitenta: quando se ganha qualquer coisa é porque o outro espadachim é uma piolheira, quando se perde foi Golias que esmagou o indefeso David. Mas, ao vivo (como nós) e de longe (muitos milhões) todos pude-

ram ver que este Sporting subtilmente remoçado e sem grude nas dobradiças não é, não podia ser, o mesmo do apático «compère» de revista que tinha permitido aos rabulistas das Antas botarem figura e ganharem ar nos pulmões, autorizando «dragões» chefiados com mestria por Artur Jorge e fisicamente ganhando quilha por obra e gra-

ça de Hernâni Gonçalves, a servirem de escudo impermeável às suas investidas. Sem mais voltinhas ao Marão: o Sporting, com as orelhas bem puxadas por Marinho Peres, foi ontem alegria do seu povo e refastelamento de quantos continuam a apostar em que a liderança cá da loja vai reencontrar ao balcão este Sporting de garra e fibra, força e personalidade. O estandarte que fazia falta à mesa do Porto e do Benfica.

Dois golos, dois mísseis, sortalhudo o primeiro, bem congeminado e optimamente calibrado o complementar, deram cabo do frustrado dique só erguido nas congeminações de Jacobs, o treinador que mais parece o garra cinzenta esculpido a canivete num dia de pouca inspiração do artesão. De longe, quase por descargo de consciência ou para ver se as modas pegavam aquele tremeliques de guarda-redes que não segurava nem fraldas de bebé, Carlos Xavier assinou o tento-chapada-nacara que entonteceu os holandeses. Depois, foi o belíssimo golinho de Fernando Gomes, artilheiro reencontrado com a sua fama, com o seu prestígio e com o seu imenso talento para bem nos brindar com futebol gostoso e matizado de mil belezas.

Quando estava a toalha a desdobrar-se, mal se sentia o cheirinho da paparoca, o disparo de Carlos Xavier ta-

belou num defesa e ganhou direito a vergar Van der Gouw, provocando um brado de festa em meio milhar de convivas do banquete e dando aos outros dez mil a rápida sensação que o seu cozinheiro se esquecera dos temperos, que obrigado a não poder contar com sal e pimenta (Sturing e Vermeulen) também deixara esturrar o refogado, entrar o «bispo» na sopa, aparecer o peixe com fénico. Estava, portanto, o caldo entornado, mas só os portugueses logo previram que o dono da casa se esquecera de tirar da dispensa o lombo de porco, a fruta, o café e o digestivo-zinho quando Douglas endossou para Xavier e o soberano Gomes, com magistral toque de cabeça, atirou para a valeta a penúltima velocidade dos caseiros, porque a derradeira, naquele «forcing» que deu consentidos pontapés de canto no calendário complementar, apenas mostrou que o Sporting, altaneiramente repimpado no trono, tinha todos os cordelinhos do festival de marionetas que se movimentavam no enregelado palco.

Evidentemente que este «show», esmaltado brilhantemente por intérpretes de alto fulgor (Venâncio, Gomes, Filipe, Cadete, Ivkovic, a hora inicial de Leal e os 45 minutos finais de Miguel) tinha de conhecer o reverso da medalha, o travo amargo

que acompanha também o caminho dos laureados até ao Nobel: Carlos Xavier, Oceano e, muito especialmente Venâncio, ficaram a pão e laranjas, especialmente o comandante central da cobertura a Ivkovic, coisa que aliada ao prolongado impedimento de Luisinho, vai criar uma dúzia de cabelos brancos a Marinho Peres, mesmo que o homem saiba que em qualquer emergência pode continuar fazendo apelo de raça a Litos e Boziniski, ao guarda-portão Ivkovic, ao polícia de giro Douglas, num João Luís Barbosa que estava incrivelmente remetido a um ostracismo que ninguém é hoje capaz de bem encontrar razão.

Enfim: um belo e colorido «show» de alguma gala, a única vitória de um visitante em todo o naipe da Taça UEFA, num cartaz onde se poderiam (para os interessa-

dos pelo símbolo do leão) charneirar uma carrada de temas para digestão lenta ou cuidado exame. Ora vejam, só e de jacto: quem é que sabe do milionário emblema de Alvalade que um robusto adepto holandês, estabelecido com negócio de pedras preciosas, entregou a Jorge Gonçalves para ficar no tesouro do leão? Quem vai atuar a razão dos timoneiros de Alvalade contrariando o montante da indemnização pedida por Eskilsson para, depois de não ter minimamente vingado nesta loja, bater à porta fifeira com a mira de uma 3.ª idade de papo para o ar?

É mais, e outras, e muitas. Só que, com os taipais quase a tombar sobre a nossa montra, quem é capaz de conseguir alinhavar outra meia-dúzia de palavras para espairar a mágoa de entrar amanhã o exército do esquecimento?



O Sporting (presidente Sousa Cintra e vice Abílio Fernandes) numa palavra de esperança para novo amanhã do «DL»



De todos os lados da Europa foram portugueses irmanados com o Sporting

Um novo «icterícia» afasta Filipe de Alvalade

Muito boa arbitragem do dinamarquês Peter Mikkelsen, que esteve acompanhado por Sorenson e Lund. As turmas: Vitesse: Van der Gouw; Straal, Thijssen, Theo Bos e Van Bremen; Lammers, Van dem Brom e Eijer; Latuheru, van Arum e Hilgers (Huub Loeffen, aos 72m).

Sporting: Ivkovic; Carlos Xavier (João Luís I, aos 42m), Miguel, Venâncio e Leal; Oceano (Bozinowski, aos 30m); Litos, Douglas e Filipe; Gomes e Cadete.

Golos: Carlos Xavier (23m) e Gomes (36). Cartão amarelo para Filipe.



LIVEDESSPORTOS

NOS GRANDES MOMENTOS DO DESPORTO

DESPORTO

Palavras de Dante



«Prova da sua incompetência, aliás bem manifesta, para além do passado pouco dignificante e abonatório dos elementos que o compõem, como, de resto, é do domínio público. Não presta, não dá quaisquer garantias de seriedade. Só faltou ir buscar ao Limoeiro gente para estar à frente de tão importante órgão. Ninguém já acredita nos seus elementos. Impõe-se, portanto, uma grande vassourada para toda essa gente que só tem prejudicado o futebol, sem esquecer que os já famosos galindões pintos nortenhos, que mais não têm feito do que instalar a anarquia na modalidade.» Alder Dante o afirmou, perante o vasto auditório presente no Salão Nobre da Câmara Municipal do Entroncamento. Palavras duras. Conceitos fincados no conhecimento de causas que se me escapam. Tese sustentada pelo vigor de um homem que, à semelhança de muitos outros, sabe que, do mesmo modo que não morrerá de parto, também não se finará por medo.

Alder Dante foi contundente e talvez tenha expressado dureza com algum excesso, mas não de merecer aplauso por reconhecer insuficiência, incapacidade e incompetência de um «colégio» que, a partir das primeiras decisões, deveria ser prontamente destituído.

Lourenço Pinto, César Carvalheira, Sequeira Teles e Dinis Monteiro, demonstraram não reunir os atributos bastantes para integrar um órgão federativo ao lado dos «intocáveis» Porfírio Alves e César Correia e, curiosamente, foram estes dois antigos e muito prestigiados árbitros e posteriormente dirigentes de elevada craveira que foram colocados na prateleira pelos seus pares.

Embora não subscreva na globalidade as denúncias de Alder Dante, alinhio na primeira fila dos inconformados perante o desprestígio de um órgão por onde passaram os «imaculados» Acácio Rosa, Gameiro Pereira, Fernando Pimenta, António Manuel Pereira, Sousa Loureiro, Rafael Rodrigues e Pinto de Sousa. Só resta questionar: porque tarda a vassourada?

Alves Henriques

Caso Francisco Silva não está parado

Presidente do Penafiel inquirido pelos «conselheiros» federativos

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, iniciou a fase de inquirição das diversas pessoas envolvidas no escândalo de Penafiel. Ontem foram ouvidas duas pessoas, em Lisboa, e o processo avançou para o Norte onde hoje será dada a palavra ao presidente do Penafiel (Manuel Rocha), seguindo-se Fortunato Azevedo e seus auxiliares (Leite da Sila e Lopes Araújo). Seguidamente, os instrutores do processo irão recolher averiguações junto de Lourenço Pinto, Sequeira Teles, Joaquim Gonçalves e Rodrigues Passos (todos dirigentes da arbitragem e, igualmente, envolvidos no mais grave caso da arbitragem portuguesa).

De acordo com a celeridade que os conselheiros federativos resolveram imprimir ao processo, é provável que o veredicto seja conhecido dentro de 15 dias.

Entretanto, sabe-se que a queixa contra o árbitro Francisco Silva já foi apresentada junto do Tribunal de Penafiel, pela Federação Portuguesa de Futebol.

Outra «chicotada»

Coube agora a vez a Vítor Gomes, que foi despedido do

Trofense sendo substituído por Duda. De acordo com os nossos registos, já foram «sacudidos» 40 treinadores nas quatro divisões do futebol português que integram o calendário federativo.

Almeirim segue na Taça

O União de Almeirim qualificou-se para a quarta eliminatória da Taça de Portugal ao vencer o Grupo Desportivo da Quimigal por 5-1, em jogo de desempate disputado no Estádio Manuel de Mello, em Almeirim.

No encontro da primeira mão, realizado no passado dia 18, as duas equipas haviam empatado a um golo (1-1), após prolongamento.

Juniões «A»: Último teste

A selecção portuguesa de juniores «A» venceu o Belenenses por 2-0, no seu último teste em Lisboa antes dos jogos no Luxemburgo e em França, ambos a contar para a fase de qualificação do Europeu de futebol sub-17.

A equipa das «quinas» parte hoje para o Luxemburgo, onde sábado defronta a selecção local no Estádio Kennedy, seguindo depois para França para jogar com a sua congénere gaulesa em Sedan, no Estádio

Emile Albeau.

Frente ao Belenenses, a selecção portuguesa alinhou da seguinte forma: Costinha (Pedro Jesus), Nuno Afonso (Hélio), Hugo, Pedro Henriques (Nelson Morais) e Cardoso; Sérgio, Poejo, Andrade e Porfírio, Bambo (Nuno Santos) e Litos (Morbey).

Além destes 16 jogadores, a comitiva portuguesa para as partidas com o Luxemburgo e a França, chefiada pelo vice-presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Azevedo Félix, vai também integrar Kennedy e Costa.

Real Madrid desmente contactos com Artur Jorge

O vice-presidente do Real Madrid (Fernandez Trigo) desmentiu ontem que tenham existido qualquer tipo de conversações com Artur Jorge, no sentido deste vir a ser contratado para o comando dos «merengues», tendo referido que, para já, a preferência vai para Luiz Aragonez. Fernandez adiantou que se trata de «uma manobra de intoxicação provocada pelo Atlético de Madrid». Quanto a Artur Jorge, apenas fala do próximo encontro com o Benfica, mantendo-se na posição de não confir-

mar nem desmentir o que consta e nós aqui noticiámos na edição de ontem. Espere-se pela evolução.

Jugoslavo do Celta provável no V. Setúbal

O avançado jugoslavo Antal Puhlak poderá vir a ser transferido do Celta de Vigo para o Vitória de Setúbal — noticiou a agência noticiosa espanhola Efe.

O Celta está interessado na contratação de um jogador búlgaro para substituir o dianteiro jugoslavo, que não interessa ao técnico do clube, José Maria Maguregui.

De acordo com a Efe, o Celta espera uma resposta do clube português para a concretização da transferência do jogador, depois de ter tentado a cedência do futebolista a uma equipa grega.

Marítimo: Rui Fontes não abandona o «barco»

O presidente do Marítimo, Rui Fontes, admitiu a hipótese de dirigir o clube até ao final da presente época, caso este seja confrontado com um vazio de liderança, por falta de candidatos às eleições de 14 de Dezembro.

Mundial-94 teve pontapé de saída

Havelange avança com sugestões

João Havelange, presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA), apresentará em Dezembro propostas que poderão permitir à África, à Ásia e à América do Norte, Central e Caraíbas estar representadas por três equipas cada em futuros campeonatos do Mundo.

Falando numa conferência de Imprensa que marcou o «pontapé de saída» para o «Mundial» dos Estados Unidos de 1994, Havelange e Joseph Blatter, secretário-geral do organismo, expuseram as sugestões que serão discutidas numa reunião do Comité Executivo da FIFA, no próximo dia 13 de Dezembro, em Zurique.

Havelange e Blatter afirmaram que, segundo os seus planos, o continente africano será beneficiado automaticamente com a presença de três selecções em vez das duas que tem apresentado nas recentes fases finais de campeonatos do Mundo.

De acordo com os responsáveis da FIFA, uma terceira selecção asiática poderia qualificar-se através de uma eliminatória a duas «mãos» com uma equipa europeia.

Da mesma forma, uma selecção do grupo «Concacaf» poderá qualificar-se para a fase final de mundiais, discutindo um lugar com uma equipa da América do Sul que ficará com a presença assegurada de três selecções, enquanto que a Europa será permitida a participação com 12 ou 13 forma-



ções, número inferior às 14 com que contou no último Campeonato do Mundo de Itália.

Havelange disse ainda que Israel poderá participar num grupo europeu de qualificação, sendo incluídas as selecções da região da Oceania em grupos de qualificação asiáticos.

Recorde-se que, nos últimos dois campeonatos do Mundo, Israel jogou com o vencedor do grupo da Oceania, que posteriormente disputou duas séries de jogos contra selecções da América do Sul ou da Europa.

Falando directamente sobre o «Mundial» dos Estados Unidos-94, os primeiros a serem realizados naquele país, a FIFA e o comité organizativo do campeonato anunciaram que a transmissão dos encontros ficará a cargo da União Europeia de Radiodifusão (EBU).

A medida não é habitual, já

que geralmente cabe a uma estação do país organizador a cobertura televisiva do respectivo acontecimento.

Scott Letellier, presidente do Comité Organizador do «Mundial», afirmou que as três cadeias televisivas comerciais norte-americanas não estavam interessadas em assegurar a cobertura do evento, não só face aos seus elevados custos financeiros como ainda por não possuírem experiência em transmissão de jogos de futebol.

Letellier afirmou que em 1984, quando a NBC foi a cadeia escolhida para a cobertura dos Jogos Olímpicos, teve de recorrer a produtores da EBU para as realizações televisivas dos jogos de futebol.

Entretanto, Havelange revelou que a FIFA irá reconsiderar a decisão de banir o Chile do «Mundial» de 1994, anunciando ainda a intenção de aquela organização vir a impor sanções à Costa Rica por ter utilizado jogadores com idades superiores às permitidas em competições juvenis.

Joseph Blatter afirmou ser provável que a FIFA venha a proibir a realização de jogos internacionais na Colômbia devido às ameaças proferidas contra um árbitro num encontro das competições sul-americanas de clubes.

Blatter explicou que a medida apenas afectaria a realização de jogos na Colômbia, podendo os clubes colombianos jogar no estrangeiro.

Roadstar Off-Road 4x4:
Son
et Aventure

NOVIDADE:

Auto-rádio especialmente concebido para o seu veículo «TODO-O-TERRENO».

4X16 Wats; Chassi anticorrosão; pára-choques interno do mecanismo do leitor de cassetes para evitar interferências na leitura; indicador de condições críticas; indicador de temperatura exterior quando inferior a 5° C.

Écran de cristais líquidos protegido contra os riscos de infiltração de água ou sal; 18 memórias em FM; MW; LW.

SGO — SA
SUL — Av. Oscar Monteiro Torres, 15-B
1000 LISBOA
Telef. 01-777824 Fax 7936058

NORTE — Parque Industrial do Mindelo
VARZIELA — ÁRVORE
4480 VILA DO CONDE
Telef. 052-631955/641255

DESPORTO

Mundial de Ralis

«El Matador» no pódio de honra

O espanhol Carlos Sainz obteve a quarta vitória da época no Rali do RAC, onde confirmou o seu título mundial de ralis, sendo o primeiro piloto não nórdico a ganhar a prova britânica desde há 14 anos.

Conhecido por «El Matador», Sainz (28 anos) «arrancou» com o seu toyota Celica GT4 para a prova britânica, última do campeonato do mundo da especialidade, na posição de virtual campeão do mundo, cujo título mundial é o primeiro por si alcançado ao longo da sua carreira em ralis, iniciada em 1980.

«Aconteceu exactamente aquilo que sonhava, ou seja, ganhar o último rali da temporada», disse Sainz, no final da prova.

Correndo pelo segundo ano ao serviço de uma equipa oficial, Carlos Sainz terminou o RAC com uma confortável vantagem (1.24 minutos) sobre o sueco Kenneth Eriksson, e juntou o triunfo na prova britânica aos obtidos em Acropole, Nova Zelândia e Mil Lagos, o que lhe permitiu alcançar uma folgada vitória no mundial, com 140 pontos, mais 45 do que o francês Didier Auriol, segundo classificado.

Tendo iniciado a derradeira etapa no segundo posto, Sainz terminou o RAC com uma confortável vantagem (1.24 minutos) sobre o sueco Kenneth Eriksson, e juntou o triunfo na prova britânica aos obtidos em Acropole, Nova Zelândia e Mil Lagos, o que lhe permitiu alcançar uma folgada vitória no mundial, com 140 pontos, mais 45 do que o francês Didier Auriol, segundo classificado.

O finlandês Juha Kankkunen, que não chegou ao final do RAC em virtude de um despiste sofrido pelo seu Lancia na quinta especial de



Carlos Sainz no momento em que se apresentava para atingir o risco final do Mundial

ontem, numa altura que liderava a prova, terminou o mundial no terceiro posto, com 85 pontos, mais nove do que o italiano Massimo Biasion, que defendia o título mundial.

Apesar da vantagem final sobre o segundo classificado, a vitória de Sainz no RAC apenas foi consumada na terceira especial, após o abandono de Juha Kankkunen, numa altura que liderava com 11 segundos sobre o piloto espanhol.

«Juha Kankkunen não merecia acabar desta maneira, pois estava a andar muito bem, afirmou Sainz, adiantando, contudo, estar convicto que venceria, na mesma, o RAC,

caso o finlandês não tivesse desistido.

Classificação final do Mundial de Pilotos: 1.º, Carlos Sainz (Espanha), 140 pontos; 2.º, Didier Auriol (França), 95; 3.º, Juha Kankkunen (Finlândia), 85; 4.º, Massimo Biasion (Itália), 76; 5.º, Mikael Eriksson (Suécia), 32; 6.º, Dario Cerrato (Itália), 30; 7.º, Rudi Stohl (Áustria), 29; 8.º, Kenneth Eriksson (Suécia), 27; 9.º, Alex Fiorio (Itália), 25; 10.º, Ingvar Carlsson (Suécia), 23.

Classificação final do Mundial de Marcas: 1.º, Lancia, 137; 2.º, Toyota, 131; 3.º, Mitsubishi, 56; 4.º, Subaru, 43; 5.º, Mazda, 30.

A morte na pista

O piloto norte-americano Bill Vukovich morreu no domingo após um acidente durante os treinos para uma prova de automobilismo no Circuito de Mesa Marin, na Califórnia.

Vukovich, de 27 anos, o terceiro elemento da geração de uma família de automobilistas, estava já na fase final das voltas de aquecimento para a corrida que iria disputar-se pouco depois, quando o seu carro se despiu, a grande velocidade, capotou e embateu contra um muro.

«O piloto bateu com a cabeça no muro, quando o carro capotou, e morreu pouco depois de entrar no centro médico do circuito»,

MODALIDADES

Xadrez: Oito empates em 15 jogos

A décima quinta partida do mundial de xadrez, a decorrer em Lyon entre os soviéticos garry Kasparov, detentor do título, e Anatoly Karpov, saldou-se por um empate, após 33 movimentos e cerca de cinco horas de jogo.

O marcador do «match», disputado em 24 partidas, continua assim igualado, agora a 7,5 pontos, resultados de 13 empates e uma vitória de cada um dos grandes-mestres.

Este empate foi o oitavo consecutivo no campeonato.

Kasparov conservará o título caso se verifique um empate a 12 pontos no final da prova, cuja décima sexta partida está agendada para amanhã.

Corta-Mato na Amora

Dia 9 de Dezembro (domingo) realiza-se o 1.º Corta-Mato da Vila de Amora, com partida junto à Escola Preparatória Paulo da Gama, no Correr de Água, na vila de Amora (concelho do Seixal).

A prova é organizada pela Junta de freguesia de Amora, Serviços Sociais das Autarquias do Seixal, e pelo INATEL, com o apoio da Câmara do Seixal.

NA SUA AGENDA

Estrela-Belenenses realiza-se no sábado

O jogo Belenenses-Estrela da Amadora, a contar para a próxima jornada do Campeonato Nacional de Futebol da Primeira Divisão realiza-se no sábado às 15 horas.

A jornada completa-se domingo com as partidas Benfica-FC Porto, Boavista-União, Salgueiros-Nacional, Penafiel-Setúbal, Guimarães-Famalicão, Gil Vicente-Braga, Beira Mar-Chaves, Marítimo-Tirsense e Farense-Sporting.

O jogo Farense-Sporting realiza-se no Barreiro, por interdição do Campo de São Luís, em Faro.

B R E V E S



Carcavelos: futebol com elas

O Grupo Sportivo de Carcavelos «aposta» forte no futebol feminino e tendo nas suas fileiras algumas das mais credenciadas futebolistas nacionais, acaba de contratar a búlgara Diana Kalfina (na foto ao lado de Maria João Neves de Sousa) que actua na posição de ponta-de-lança. Diana foi internacional por 48 vezes, disputou 160 jogos oficiais e foi, durante vários anos, a mais certa rematadora do campeonato nacional do seu país.

Ténis: Nuno Marques continua à espera

O tenista Nuno Marques poderá ter comprometido as suas ambições de entrar para os cem melhores do mundo ao perder com o italiano Diego Narciso na segunda ronda de um torneio «challenger», na Suíça.

Marques, actualmente em 101.º lugar e a um ponto dos cem melhores do mundo, foi batido por Narciso por 7-6 (7-4) e 6-4, numa partida em que um «break» sofrido no segundo «set» chegou para afastar o português.

Com esta derrota, as aspirações de Marques entrar para os cem melhores do mundo estará dependente de vários acertos no «ranking» mundial, cuja lista será divulgada segunda-feira.

Diego Narciso, que já perdeu este ano com Nuno Marques, figura actualmente em número 160 do mundo.

Nuno Marques era o segundo cabeça de série do torneio, dotado com 50 mil dólares em prémios, cerca de sete mil contos. Na primeira ronda, Marques bateu o checo Vaclav Roubíček, por 7-6 e 6-2.

ASSIM VAI O

totobola

Penalti: 211 11X 1X1 1111; Jornal da Beira: 221 111 1X1 1111; Desporto/O Comércio de Leixões: 2X1 1XX 111 1111; De Tudo Um Pouco/O Comércio de Leixões: 211 111 1X1 111X; Correio do Vouga: 2X1 111 1X1 1XX; Rádio Jornal do Fundão: 211 11X 2X2 1222; Diário de Lisboa: 2X1 111 1X1 111X; Diário de Viseu: XX1 11X 12X 1X22; Folha do Domingo: 22X 11X 111 121X; Ecos de Cacia: 2X1 111 1X1 111X; O Emigrante: 221 11X 12X 1XX1; O Jornal de Felgueiras: 211 11X 1X1 1XX1; Jornal do Fundão: 211 11X 11X 12XX; O Almondia: 2X1 111 11X 1221; Rádio Totobola: 2X1 XX1 1X1 1X2X; Linhas de Elvas: 221 112 1XX 1XX1; O Jornal da Lixa: 1X1 11X 1X1 11XX; Maria da Fonte: 2X1 1XX 1X1 111X; No Estádio e no Estádio: 2XX 12X 111 111X; Notícias de Chaves: 2X1 11X 1XX 1X22; Notícias de Felgueiras: 21X 11X 1X1 1XX1; Notícias de Gouveia: 2X2 1XX

11X 1211; Notícias de Guimarães: 2XX 112 1X1 1XX1; Jornal 1X2: 21X 11X 111 1XX1; Notícias de Viseu: X11 111 1XX 11XX; Semanário da Região Bairrada: 21X 11X 1X1 1X2X; Estação Orbital Rádio: 212 112 12X 1111; Bom Dia: 211 221 2X2 1111; Bola Branca: 212 111 1X1 11XX; A Voz do Domingo: 211 111 111 111X; Voz de Lamego: 22X 11X 111 1111; Desporto/Rádio Guarda: X21 111 XXX 1111; Regional 7: 2X1 1XX 111 1XXX; Meia Tarde: 21X 212 211 1XX1; Freguesias do Nosso Distrito: 1X1 X12 1XX X211; Sons da Telefunia: 21X 11X 111 11X2; Bom Dia Manhã: 2X1 X12 122 12XX; Tarde Desportiva: X12 XX2 1XX XX2X; Livre e Directo: 2X2 111 111 11X2; Rádio Viriato: 2X1 111 11X 1121; Programa da Manhã/Rádio Altitude: 211 1X1 121 1X11; Um Caso Por Semana: 2XX 1XX 1X1 11X1; Foi Notícia: 221 11X 21X 1XX21; Desporto e Música: 21X 11X 111

1X11; Cultura e Recreio: X21 1X2 X11 X11X; De Tudo Um Pouco: 22X 1X1 1X1 1X11; Manhãs Informativas: 211 111 111 11X1; Jornal do Almoço: 21X 11X 111 1XX1; Jornal das 8H30: X11 111 111 1111; Jogo Limpo: 211 111 111 1X11; Jornal do Jantar: 211 11X 1X1 1X11; As Noites da Efe: 11X 1X2 11X 1X11; Escape Livre: 221 1X2 1X2 1111; Contacto/Rádio Guarda: X11 111 X22 1121; Encontro Com a Manhã: 1X2 212 21X 2211; Rádio Guarda: 1X1 11X XXX 1111; Jornal Litoral: 211 11X 1X1 1X1X; Defesa de Espinho: 21X 111 1XX XX11; O Jornal de Amarante: 2X1 111 111 1111; Correio de Coimbra: 211 11X 111 XXX1; Rádio Nova Antena: 2X1 11X 1X1 X121; Eu Sei Tudo: 2X2 11X 111 1X2X; Jornal de Gaia: 21X X2X XX1 1X2X; Jornal da Graça: 2X1 111 1X1 1XX; Jornal de Notícias: 2X1 111 1X1 1111; Quadrante Norte: 211 111 1X1 1X1X; Resenha Desportiva:

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 48/90 DE 2 DE DEZEMBRO

	RESUMO			BOLAS (°)		
	1	X	2	1	X	2
1. Farense-Sporting C.P.	6	10	61	1	2	9
2. S.L. Benfica-F.C. Porto	39	29	9	6	5	1
3. Belenenses-U. Amadora	50	20	7	8	3	1
4. Boavista-U. Madeira	68	6	3	10	1	1
5. Salgueiros-Nacional M.	60	13	4	9	2	1
6. Penafiel-V. Setúbal	29	35	13	5	5	2
7. V. Guimarães-Famalicão	65	9	3	10	1	1
8. G. Vicente-S. Braga	32	36	9	5	6	1
9. B. Mar-D. Chaves	52	20	5	8	3	1
10. Marítimo F.-Tirsense	64	12	1	9	2	1
11. Feirense-B.C. Branco	43	25	9	7	4	1
12. Leixões-Portimon.	36	27	14	6	4	2
13. S. Espinho-U. Leiria	44	26	7	7	4	1

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

**A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
211 11X 1X1 1111**

2X1 111 111 11X1; Desporto/Rádio Renascença: 21X 11X 111 X111; Frente Desportiva: 21X 11X 111 X111; Alvo Desportivo: X11 11X 121 1111; Rá-

dio Alvo: 1X1 111 11X 11X1; Alvos: X21 121 121 1111; Alvo Suplemento: 2X1 1X2 1X2 112X; Jornal de Sintra: 21X 11X 1X1 11X2; Desporto e Saúde: 2X1

11X 1X1 12XX; A Voz dos Ridículos: X11 111 111 1111; Primeiro Continente: 211 X12 X11 11X2.

AGENDA

HÁ 20 ANOS

O ESTADO DO TEMPO

CONTINENTE

Em todo o território: Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco por vezes moderado de Leste. Acentuado arrefecimento nocturno com formação de geada, em especial nas regiões do interior Norte e Centro. Neblinas ou nevoeiros matinais.

Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação sudoeste inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã e depois

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco a moderado de Leste. Acentuado arrefecimento nocturno com formação de geada em especial nas regiões do interior Norte e Centro.

MADEIRA

Céu muito nublado. Vento moderado do quadrante Sul. Períodos de chuva, em especial a partir da tarde.

Mar encrespado com ondulação norte de 3 metros na Costa Norte e de pequena vaga a cavado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal: Céu muito nublado. Vento fraco a moderado de Sul. Períodos de chuva em especial a partir da tarde.

Amanhã e depois

Céu muito nublado. Vento moderado de Sul. Aguaceiros por vezes intensos. Possibilidade de trovoadas.

AÇORES

Grupo Ocidental: Céu geralmente muito nublado. Vento moderado a forte de Noroeste. Aguaceiros. Pequena descida da temperatura. Mar cavado por vezes grosso com ondulação noroeste de 4 a 5 metros.

Grupo Central: Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Oeste rodando para Noroeste. Aguaceiros. Pequena descida da temperatura. Mar cavado com ondulação noroeste de 4 metros.

Grupo Oriental: Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Sudoeste rodando para Oeste. Aguaceiros. Pequena descida da temperatura. Mar cavado com ondulação noroeste de 4 metros.

Amanhã

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado a forte de Norte nos grupos Ocidental e Central e moderado de Noroeste no Grupo Oriental. Aguaceiros.

Depois de amanhã

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado a forte de Norte no Grupo Ocidental e moderado do quadrante Leste nos grupos Central e Oriental. Aguaceiros.

M A R É S

Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
23.56 3,4m	05.48 1,1m 18.13 0,9m

Amanhã

00.49 3,6m	06.40 0,9m
13.12 3,7m	19.01 0,7m

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



Sporting ganhou e Benfica perdeu

Disputaram-se esta tarde os jogos correspondentes à 11ª jornada (antepenúltima da primeira volta) do Nacional da I Divisão de Futebol. Dois encontros dominavam: Sporting - F. C. do Porto e Vitória de Setúbal - Benfica. Perdeu: o Sporting ganhou e o Benfica perdeu (Sporting, 2 e Porto, 1; e Vitória de Setúbal, 2 e Benfica, 0).

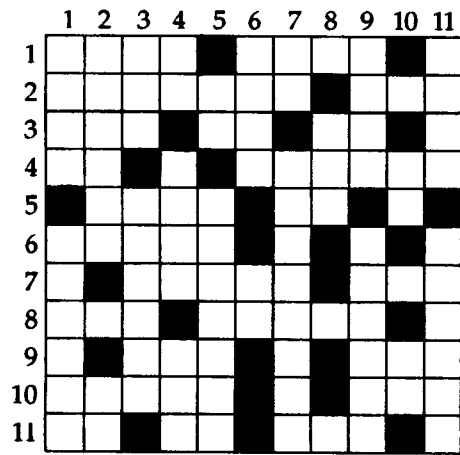
Paulo VI poderá resignar

O cardeal Michele Pellegrino declarou que a possibilidade do Papa Paulo VI vir a resignar é uma hipótese que deve ser tomada em consideração.

Numerosas detenções em Atenas

Pelo menos duas categorias de suspeitos figuram entre as três dezenas de personalidades presas em Atenas, soube-se de boa fonte.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 18 055

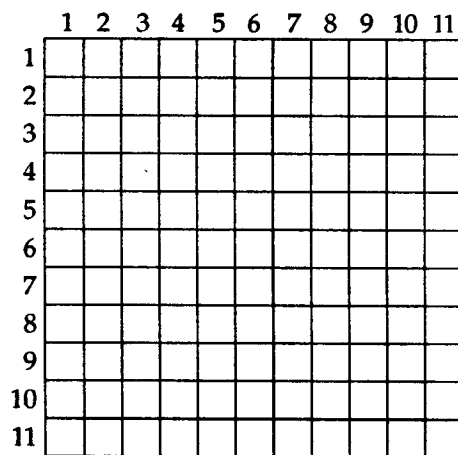
HORIZONTAIS:

- 1 - Além disso. Planície entre duas montanhas.
- 2 - Enfeitar. Ente.
- 3 - Cidade de Espanha. Espera resposta. Quantum satis.
- 4 - Prata (s.g.). Zangada.
- 5 - Deus egípcio do Sol. Isto é.
- 6 - Cidade dos Estados Unidos.
- 7 - Nome dado ao rinoceronte na Índia. Doçura.
- 8 - Borrás. Tirania.
- 9 - Vagar (pop.). Embarcação grande.
- 10 - Meta em mala. O mesmo que três.
- 11 - Letra grega. Antes do meio-dia. Cidade da Índia.

VERTICAIS:

- 1 - Freguesia do concelho de Castelo Branco. Espécie de jogo popular.
- 2 - Arrendai. Moderato.
- 3 - Três em romano. Soldado (gir.).
- 4 - Serviço Nacional. Cidade de Itália. Pronome pessoal.
- 5 - Preposição. Nenhuma pessoa.
- 6 - Atravessa. Concede.
- 7 - Brisa. Correriam lentamente.
- 8 - Pronome relativo.
- 9 - Catafalco. Namorado.
- 10 - Preposição. Brisa.
- 11 - Debrua. Alguma pessoa.

Resolva completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16 865

HORIZONTAIS:

- 1 - Cabo de Espanha à entrada do estreito de Gibraltar.
- 2 - Interjeição de dor.
- 3 - Pequeno barco de recreio.
- 4 - Origem. Esteiros.
- 5 - Vigor. Rio da Suíça.
- 6 - Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
- 7 - Zombem. Artéria.
- 8 - Prefixo de negação.
- 9 - Acrescentar.
- 10 - Mês de Ismael. Artilharia Antiaérea.
- 11 - Conjunto de leitos numa só sala (pl.).

VERTICAIS:

- 1 - Cidade de Itália. Casualmente.
- 2 - Braço de mar. Golfo também chamado de Livónia. Pátria de Abraão.
- 3 - Nota musical (inv.). Que se mamou.
- 4 - Construir. Chefe etíope.
- 5 - Clima. Três em romano. Escameça.
- 6 - Lagarta. Ilha do Mediterrâneo entre a Sicília e a África.
- 7 - Na Índia, Deus da Justiça e da Morte. Falha.
- 8 - Camareira. Gostar muito de.
- 9 - Rocarias. Cobalto (s.g.).
- 10 - Brisa. Apelido.
- 11 - Planeta. Igualmente.

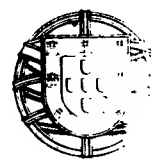
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 054

- HORIZONTAIS: 1 - CADA. Balada. 2 - De-para. Or. 3 - Rã. UM. Mar. 4 - Ruar. Be. 5 - Arne. Apam. 6 - Sô. NS. Gr-la. 7 - Cs. TEM. Cor. 8 - O. Calassem. 9 - Raros. Ba. 10 - Sugavam. Cal. 11 - Ser-mão. Visa.
- VERTICAIS: 1 - Frasco. SS. 2 - Ad. Uros. QUE. 3 - Deram. Gr. 4 - Aparentavam. 5 - Selava. 6 - Bruxa. Marão. 7 - Aam. Pg. Som. 8 - Bar. SS. 9 - MERECE. CI. 10 - Doa. Alombas. 11 - Arrumar. Ala.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 864

- HORIZONTAIS: 1 - Acra. Sacara. 2 - Toa. Osos. 3 - ER. Barcas. 4 - Atracar. AA. 5 - Roeram. Alva. 6 - Gr. Abater. 7 - Área. Sora. 8 - Bari. Aro. 9 - Sa. Ruína. 10 - Fão. Mlo. Ad. 11 - Asse. Arames.
- VERTICAIS: 1 - Atear. Abafa. 2 - Corto. Rã. As. 3 - Rã Reger. Os. 4 - Barrais. 5 - Saca. Am. 6 - Ramas. Ia. 7 - Cr. Bo. Ror. 8 - Coa. Aarau. 9 - Assaltariam. 10 - Ro. Ave. Onde. 11 - Aso. Arosa.

PROVÉRBIO:
CADA UM TEM
O QUE MERECE.



I Série N.º 276
Dia 29 de Novembro
DIÁRIO DA REPÚBLICA

Presidência do Conselho de Ministros e Ministério da Administração Interna

Despacho Normativo n.º 157/90:

Estabelece disposições quanto ao conhecimento rápido dos resultados da eleição do Presidente da República.

Ministério das Finanças

Decreto Regulamentar n.º 41/90:

Define a composição, competências e normas de funcionamento das juntas médicas.

Ministérios das Finanças e das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Despacho Normativo n.º 158/90:

Aprova as taxas de portagem na auto-estrada Porto-Amarante dos sublaços Águas Santas-Ermesinde, Ermesinde-Valongo e Valongo-Campo.

Despacho Normativo n.º 159/90:

Cria no quadro de pessoal da Direcção-Geral de Viação um lugar de assessor principal na carreira de jurista.

Ministérios das Finanças e do Ambiente e Recursos Naturais

Portaria n.º 1162/90:

Fixa a taxa a cobrar pelo Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza (SNPRCN) no âmbito da aplicação da Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Fauna e da Flora Selvagens Ameaçadas de Extinção.

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 1163/90:

Alarga a área de recrutamento para provimento dos cargos de chefe de divisão do Gabinete de Apoio aos Órgãos Municipais e de chefe de divisão do Orçamento e Contabilidade do quadro de pessoal próprio da Câmara Municipal de Lisboa.

Ministérios da Agricultura, Pescas e Alimentação e do Comércio e Turismo

Portaria n.º 1164/90:

Estabelece as normas técnicas de execução regulamentar relativas aos requisitos de natureza higio-sanitária aplicáveis aos produtos à base de carne quando destinados às trocas intra-comunitárias.

Ministério da Indústria e Energia

Portaria n.º 1165/90:

Fixa em 10 000\$ a quantia a pagar pela vistoria prevista no n.º 2 do artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 328/90, de 13 de Setembro (estabelece medidas tendentes a evitar o consumo fraudulento de energia eléctrica).

PESSOAS & FACTOS

Lufthansa tem preços especiais de Natal

Durante a Quadra Natalícia, a Lufthansa oferece tarifas especiais nos voos de Portugal para a Alemanha.

O preço da passagem de ida e volta é de 49 mil escudos e, em princípio, deverão ter lugar entre 17 e 31 de Dezembro e o regresso de 1 a 13 de Janeiro.

Aplicam-se a estes bilhetes as condições da tarifa 'super-px'.

Cria-se assim uma boa oportunidade de ver, ou revir, a preço económico o país onde o Natal é uma bela e já longa tradição popular.

CINEMAS

LISBOA

ALFA

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496

SALA 1

GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
Filme de Jerry Zucker
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

SALA 2

TUDO BONS RAPAZES
Filme de Martin Scorsese
M/16 anos - Às 13.30, 16.15,
19.00, 21.45 e 00.30

SALA 3

O LEGIONÁRIO
Filme de Sheldon Lettich
M/18 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

SALA 4

ROBOCOP 2
Filme de Irvin Kershner
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

SALA 5

UM SONHO DE MULHER
Filme de Gary Marshall
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496

O COMBOIO MISTÉRIO

Filme de Jim Jarmusch
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS

Shopping Center de Lisboa
T. 691275

SALA 1

GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.30 e 00.15

SALA 2

O LEGIONÁRIO
M/18 anos - Às 13.45, 15.45,

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANÚBIA
T. 9434762

DIAS DE TEMPESTADE

Filme de John McTiernan
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

DICK TRACY

Filme de Warren Beatty
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407

ORGIA SENSACIONAL

Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085

CICLO DE CINEMA PORTUGUÊS

SOLO DE VIOLINO
Filme de Monique Ruffier
M/18 anos - Às 18.30

CINEMA CATALÃO

LA TERANYINA

Filme de Antoni Verdagué, às
21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999

UM SEDUTOR EM APUROS

M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2
- T. 322523

INQUÉRITO ESCALDANTE

M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35
T. 3525133

OLHA QUEM FALA

M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

SUGERIMOS

"Non ou A Vã Glória de Mandar"
o destino português, segundo Oliveira
"Malditos à Água"
Greenaway antes de "O Cozinheiro..."
"Na Pele do Urso"
fábula urbana luso-britânica
"A 300 Milhas do Céu"
dois miúdos polacos em fuga, Lindo
"Um Sonho de Mulher"
Julia Roberts enche o ecran...
"Encruzilhada de Ilusões"
edificação do amor pelo melodrama
"Henry e June"
...só para ver Maria (Anais) de Medeiros



«Fantasia», um filme de Walt Disney

LAS VEGAS

SALA 1

Pingo Dace - Alcântara
T. 3631162

INQUÉRITO ESCALDANTE

M/16 anos - Às 15.15, 18.30 e
21.30

SALA 2

UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e
21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A
- T. 801313

INQUÉRITO ESCALDANTE

M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL

R. Martens Fendó - T. 538743

SALA 1

GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

SALA 2

PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

SALA 3

HENRY E JUNE
M/18 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B
T. 574362

EXPRESSO DOS MALDITOS

M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283

PATRIULHA DE AÇO

M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLÍMPIA

Rua das Condes, 13 - T. 325309

VÍCIOS ANAIS

Filme porno
M/18 anos

Sessões continuas a partir das 14.00

PLAZA

Centro Com. Alvalade

SALA 1

INQUÉRITO ESCALDANTE
M/16 anos - Às 13.45, 16.15,
18.45 e 21.15 e 23.45

SALA 2

UM SONHO DE MULHER
M/12 - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º Antão
T. 326305

O LEGIONÁRIO

M/18 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO

R. Flores de Lima, 16
- T. 771378

SALA 1

COMBOIO MISTÉRIO
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30, 21.45 e 24.00

SALA 2

TUDO BONS RAPAZES
M/16 anos - Às 15.00, 18.45 e
21.30

PRESUMÍVEL INOCENTE

M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.45

SALA 1

ENCRUZILHADA DE ILUSÕES
Filme de Alan J. Pakula
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE

Av. da Liberdade, 175
T. 579144

SALA 1

GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e
21.15

SALA 2

HENRY E JUNE
M/18 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

SALA 3

UM SONHO DE MULHER

M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

7.ª ARTE

Av. da República
- T. 730715

O EXPRESSO

O DOS MALDITOS
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
T. 804210

GHOST - ESPÍRITO DO AMOR

M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TEATRO S. LUIZ

R. António M.º Cardoso - T. 327172

A COR PURPURA

Filme de Steven Spielberg às
18.30

TERMINAL

Estação do Rossio
- T. 371573

NINJA AMERICANO 4

M/12 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfica, 723-A
- T. 706666

UM SONHO DE MULHER

M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e
21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446

FANTÁSTICA AVENTURA DE BILL

Para Todos às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE

Telef. 2752127

O CALOIRO NA MAFIA

M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTADE CAPARICA

CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado
T. 2905011

SALA 1

PANCADEIRA CHINESA
M/18 anos - Às 15.45 e 21.30

SALA 2

UM CASO DE GUERRA
M/16 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2905350

UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653

ASSALTO AO AEROPORTO

M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS MIRAMAR

SALA 1

Telef. 2841769

HENRY E JUNE
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

SALA 2

UM SONHO DE MULHER

M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2868027

O EXPRESSO DOS MALDITOS
M/18 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OBRAS

CINE PALMEIRAS

Telef. 2479144

SALA 1

NON OU A Vã GLÓRIA DE
MANDAR
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

SALA 2

ROBOCOP 2
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

OBRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

SALA 1

OS DELINQUENTES
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

SALA 2

UM SEDUTOR EM APUROS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia
T. 4934871

ROBOCOP 2

M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9147570

ANJO DAS SOMBRAS

M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telef. 4364845

SALA 1

ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e
21.15

SALA 2

FANTASIA
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e
21.30

SALA 3

ATA-ME
Filme de Pedro Almodovar
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e
21.45

TEATROS

LISBOA

CAPITÓLIO

Parque Mayer - T. 3466783

Às 20.30 e 22.45

AI CAVAQUINHO

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissoras do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa
14.00: O Linho e a Seda; 15.00: Praça dos Sons; 17.00: Antena 1 - Regiões; 17.15: Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Frequência Moderada; 15.00: Antena 1 - 15/17; 17.00: Sete Mares; 19.00: Música; 20.00: No Estúdio e no Estúdio; 20.15: Musical; 20.30: A Viver Também se Aprende; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

ANTENA 2

FM 2 - Estéreo

17.00: Formas musicais no séc. XX; 18.15: Ângulos e Reflexos. 19.00: Ciclo Luís de Freitas Branco — retrospectiva; 19.45: Motetes de Bach; 20.10: Álbum Musical; 20.45: Esta Madrugada na Antena 2; 21.00: O Canto e os seis intérpretes — obras vocais de Luís de Freitas Branco (Maria H. de Freitas); 22.00: Restauromusical — música executada em instrumentos originais; 23.00: Euro rádio. Prokofiev: Romeu e Julieta; 00.00: Obras de Erik Satie, Mahler, Milhaud e Liszt; 00.30: Na companhia de Joseph Haydn; 02.10: Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397m

14.00: Estúdio Três; 16.30 e 19.30: Quando o Telefone Toca; 17.00: Contacto; 19.00 e 23.00: Jornais - informação; 20.00: Praça de Táxis; 21.00: Estrada Fora; 23.00: Desporto.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

14.00: Ar Condicionado, c/blues, rock, folk, country, derivadas e derivantes; 15.00: 4.º Bairro, de Eduardo Guerra e Miguel Quintão; 16.00: Rock em Stock; 17.00: A Ilha dos Tesouros, com velhas e novas pérolas da música; 18.00: RDS - Rádio das Seis, de Adelino Gonçalves; 19.00: Quatro Tempos, de Pedro Castelar; 20.00: Nova Geração, de Fernando Quinas; 21.00: Mercado de Sonhos, de Jaime Lopes; Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL DA LINHA/RCL

102.4 FM

10.00: Paulo Soares selecciona a melhor música; 13.00: Tons suaves, com Francisco Gil; 16.00: «Surf», um programa de Augusto Fernandes; 18.00: Nuno Soares dos Reis escolhe música suave; 20.00: Paraisos perturbantes, de António Coelho; 21.00: Sonoridades acústicas escolhidas por Jorge Pimentel; 23.00: Música romântica.

CORREIO DA MANHÃ/RÁDIO

101.5 FM

13.00: Música pop seleccionada por Teresa Fernandes e Informação editada por Pedro Coelho; 15.00: Espaço dedicado aos mais jovens, da responsabilidade de João Vaz; 18.00: Informação geral e desportiva; 21.00: Música suave; 00.00: Espaço dedicado à música de vanguarda; 02.00: Música na madrugada seleccionada por Paulo Oliveira, até às 07.00.

RADIOGESTE

96.6 FM

10.00: Oitava Colina; 17.00: Fim de Tarde; 20.00: A Flauta Mágica; 21.00: Terna é a Noite; 01.00: O Feitiço da Lua.

RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; 16.00: Banda da Amizade; 18.00: Bola Branca; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: A Viagem Continua; 20.00: Inf. Religiosa; 20.10: Boa Nova; 20.30: Conversa de Amigos; 21.00: Sequência; 22.00: Universidade Aberta; 22.30: Bola Branca; 23.30: Suplemento Especial da BBC; 23.55: Meditando.

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

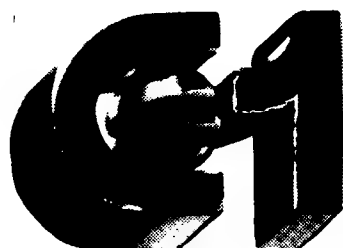
15.00: Fórmula Três; 18.00: Ideiafix; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de Estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

TSF/RÁDIO JORNAL

89.5 FM

Manhã informativa das 06.30 às 10.00 com animação de António Macedo, edição de Miguel Monteiro e Paulo Bastos; 06.45: Conversa de Vizinhos, texto de Filipe La Féria interpretado por Lúcia Franco e Rita Ribeiro; 07.15: Sons com história; 07.30, 08.30, 09.30: Discos pedidos por personalidades convidadas; 07.50, 08.50: O humor de Herman José; 08.45: Economia dia-a-dia, por António Peres Metelo; 08.30: Conversas de escárnio e maldizer, por Narana Coissoró, Artur Portela, Dinah Alhandra, Natália Correia e Fernando Ribeiro de Mello, por esta ordem, de 2.ª a 6.ª-feira; 12.15: Síntese desportiva; 12.45: Grande Prémio, editado por João Gabriel; 18.00: O acontecimento do dia, por Carlos Andrade; 19.00: Desporto em directo, por José Manuel Mestre. Aos sábados e domingos, noticiário produzido por uma equipa liderada por Fernando Alves e que inclui João Paulo Guerra; às 12.00 de sábado, Grande Juri TSF, com uma entrevista de fundo a uma personalidade em foco; às 12.00 de domingo, «Flash-Back» com José Magalhães, José Pacheco Pereira e Vasco Pulido Valente, sendo moderador Emídio Rangel.

TELEVISÃO



14.00 - PRIMEIRA MATINÉE

«Intriga em Família»

16.05 - PONTO POR PONTO

16.45 - CIDADES COM METRO

A intérprete da mulher de Pu Yi, o último imperador da China, no filme de Bertolucci, é, com Israel Epstein, convidada deste documentário sobre o metropolitano de Pequim.

17.15 - BRINCA BRINCANDO

Os Segredos de Mimix: «Super-Rato», «Tom e o Traquinás», «Grupo do Drácula» e «Caderno Diário».

18.10 - RUA SÉSAMO

18.35 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL

18.40 - RODA DA SORTE

19.20 - BOLETIM AGRÁRIO

19.30 - TELEJORNAL

20.00 - BOLSA DIA A DIA

20.05 - O TEMPO

20.15 - TIETA

21.10 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE

21.25 - EURONICO

Foi sobre a Alemanha que racaíu a escolha para o tema deste «show humorístico apresentado por Nicolau Breynner».

22.25 - TWIN PEAKS

2º Episódio: Dala Copper, detective do FBI, prossegue as investigações sobre a morte de Laura Palmer. Entretanto, Mrs. Palmer continua a ter visões sobre o presumível culpado. Em Twin Peaks, o aspecto do homicídio afecta todos os seus habitantes, que, ainda assim, não deixam de revelar estranhos comportamentos.

23.25 - 24 HORAS

23.55 - O TEMPO

00.00 - REMATE

A Via Rápida

Álvaro Costa continua, no Canal 2, a ser o nosso cicerone através da cosmopolita capital britânica.

Hoje, no London Press Center, Álvaro Costa entrevista José Oliveira Pinto sobre os programas comprados recentemente pela RTP em Londres.

A segunda parte do programa é dedicada à música de grande qualidade, pertencente às bandas sonoras dos filmes policiais.

Para as semanas seguintes, dentro da mesma linha, a RTP promete mais viagens através do mundo do espectáculo, televisão, vídeo, cinema, música, moda, bem como da vida social.

sempre que possível, como é o caso de hoje, acontecerá a entrevista e a notícia em antecipação ao lançamento das novidades discográficas do mercado português.



Álvaro Costa apresenta «Via Rápida»



«Twin Peaks»

Questão de morte

Hoje, penúltimo dia da publicação do «DL», as sugestões televisivas estão aquém da realidade. Mesmo assim, ainda lhe recomendamos o segundo episódio de «Twin Peaks», realizado por Davis Lynch.

Dala Cooper, detective do FBI, continua as investigações sobre a morte de Laura Palmer. A mãe da vítima tem visões sobre o culpado e o espectro do crime afecta a vida quotidiana da cidade. Outro jovem violado aparece em estado de choque. James, o motorista, é ainda o principal suspeito.

Lynch, mestre de sucessos e falhanços, recupera na televisão o prestígio que (quase) perdera no cinema. A série, independentemente de truques, vale a pena.

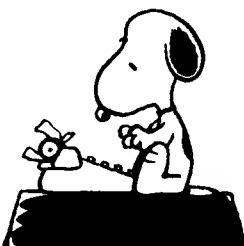
Mas a «estrela» da emissão de hoje é o filme da tarde, em primeira «matinée»: «Intriga em Família» de Hitchcock. Sobre videntes, heranças e filiações, o filme da última fase do mestre conta com as interpretações de Karen Black, Bruce Dern e Barbara Harris.

Também hoje, em «Cineclube», «Uma Questão de Vida ou de Morte», prosseguindo o ciclo dos ingleses Michael Powell e Emeric Pressburger. Trata-se de uma parábola sobre um piloto que, durante a guerra, defende o seu direito à vida... mesmo após a morte.

TV MARCELO
Reparações 24 horas
ao domicílio
Tel. 65 91 18 (6 linhas Lx)
Tel. 486 61 92/51 Cascais

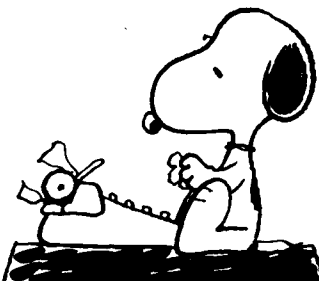
SNOOPY
POR SCHULZ

Querida doçura,
Lembras-te da nossa
noite em Paris?

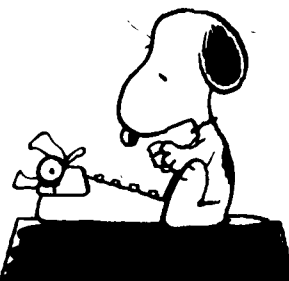


AGÊNCIA DIAS DA SILVA

Nos caminhávamos a
chuva e tu estavas
toda molhada.



Porque eu é que tinha
o guarda-chuva.



SCHULZ

- 14.30 - AGORA, ESCOLHA
15.55 - AVENTURA
11º Episódio
16.20 - A ILHA DAS BORBOLETAS
5º Episódio
16.45 - RECREIO DO 2
«Cristal Tipps e Allistair» e «Uma Pequena Maravilha»
17.25 - O TEMPO
17.30 - ETERNO FEMININO
Uma reportagem sobre o planeamento familiar apresenta o tema de hoje, «Sexo».
18.30 - O MENINO DOUTOR
22º Episódio
18.55 - TI-TI-TI
19.25 - CIRCO
19.45 - VIA RÁPIDA
Álvaro Costa, no London Press Center, entrevista José Oliveira Pinto sobre os

- programas comprados recentemente pela RTP em Londres.
20.00 - REGIÕES MAGAZINE
20.45 - DICK TRACY
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DRAMAZINE
O magazine sobre a actualidade teatral inclui hoje uma reportagem sobre a peça «Um Eléctrico Chamado Desejo», em cena na Comuna, uma entrevista com Eunice Muñoz e, um «sketch» com Adolfo Gupkin.
21.55 - FORA DE JOGO
A propósito da realização recente da feira de cavalos da Golegã, será apresentada neste programa uma reportagem detalhada sobre cavalos.
22.55 - CINECLUBE
«Uma Questão de Vida ou de Morte»

2 RTP

A vida e a morte

A RTP continua a destacar Michael Powell e Emeric Pressburger, a dupla mais importante do cinema inglês.

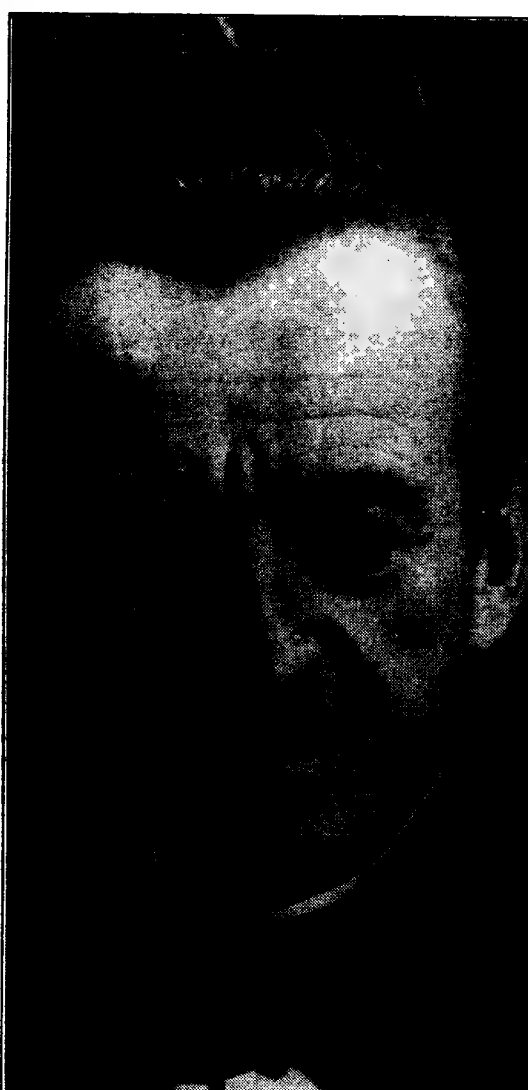
Conforme é hábito nestes autores, trata-se de uma fábula fantástica sobre a situação desesperante de um homem que devia ter morrido e sobreviveu por negligência do Além, tendo agora de lutar pelo seu direito à vida em duas dimensões, no tribunal do outro mundo e na mesa de operações deste, servindo-se apenas do argumento do amor para sustentar as suas pretensões. «Uma Questão de Vida ou de Morte» é, por um lado, uma fantasia fascinante e deslumbrante na sua construção visual e cénica e simultaneamente uma complexa e rica parábola política e metafísica.

Obra surpreendente a vários níveis que, mais uma vez, reforça a ideia que a associação entre Powell e Pressburger foi dos momentos mais fecundos do cinema inglês «Uma Questão de Vida ou de Morte» que conta com um grande elenco onde brilha David Niven num dos seus melhores trabalhos. A ir para o ar às 22 e 50 no Canal 2.

Se prefere o teatro, veja «Dramazine». Às 21 e 30, também no Canal 2. Neste programa poderá seguir uma reportagem sobre a peça «Um Eléctrico Chamado Desejo», em cena na Comuna e uma entrevista com Eunice Muñoz. A não perder, afinal, não é todos os dias que a RTP dá tanta atenção ao teatro.



Uma entrevista com Eunice Muñoz



David Niven, em Cineclube

AMANHÃ RTP-1

- 09.01 - BOM DIA
10.00 - RUA SÉSAMO
10.30 - PONTO DE ENCONTRO
11.55 - CULINÁRIA
12.10 - TOP MODEL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.25 - BOLSA DIA A DIA
13.27 - O TEMPO
13.30 - SEM LEGENDAS
«Clubissimo»
14.25 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
14.35 - PRIMEIRA MATINÉE
«FM»
16.15 - PONTO POR PONTO
16.45 - TRANSANTÁRTICA
17.10 - BRINCA BRINCANDO
18.15 - RUA SÉSAMO
18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.45 - RODA DA SORTE
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.15 - TIETA
21.15 - DESENHOS ANIMADOS/
BOA NOITE
21.25 - SESSÃO DA NOITE
«Gremlins, O Pequeno Monstro»
23.25 - CHEFE, MAS POUCO...
23.55 - 24 HORAS
00.25 - O TEMPO
00.35 - REMATE
01.00 - PELA NOITE DENTRO
«Sexta-Feira 13»

PARABÓLICAS ALBA

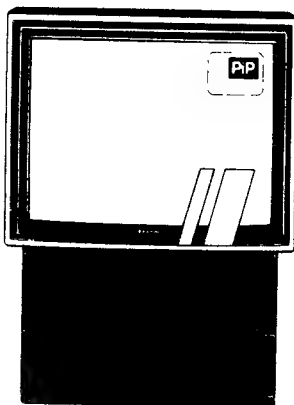
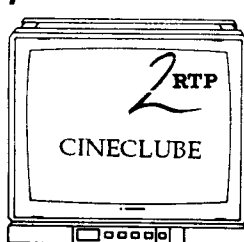
- Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
- LNB com polarizador incorporado.
- Receptor estereofónico com 16 canais memorizáveis.
- Telecomando infravermelhos com todas as funções.
- Poder de captação:
 - Actual: 8 canais
 - A partir do final do ano: 24.
 - Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado

AUDIMAX T. 4106275 Algés

RTP-2

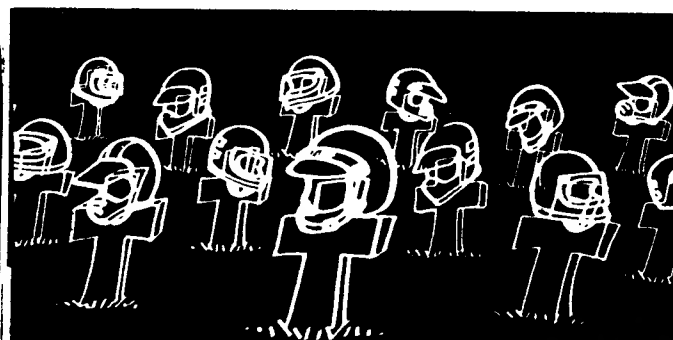
- 12.02 - UNIVERSO JUVENIL
12.20 - DOCUMENTÁRIO
12.35 - FILHOS E FILHAS
13.00 - FALAR DE MACAU
13.20 - ARMAÇÃO ILIMITADA
14.00 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - O MUNDO DO CORAL
16.20 - OS NOVOS HORIZONTES
16.45 - RECREIO DO 2
17.25 - O TEMPO
17.30 - ETERNO FEMININO
18.30 - CHARLOT
18.50 - TI-TI-TI
19.20 - CIRCO
19.45 - VIA RÁPIDA
20.00 - NUNCA MAIS É SÁBADO
20.50 - DICK TRACY
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - A TENDA DOS MILAGRES
22.15 - ROTACÕES
23.20 - POP-OFF
23.45 - AS TEIAS DA LEI
00.30 - O TEMPO

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença



eles não usavam
capacete de protecção



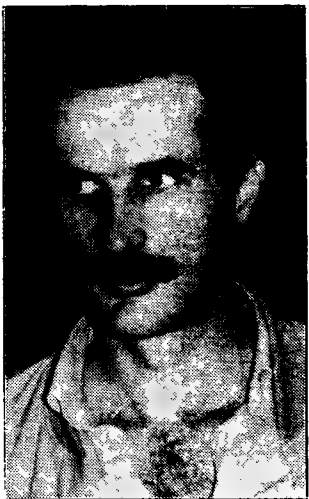


«Quanto mais burocracia existir, maiores são as possibilidades de corrupção»

José Vacondes, «A Capital», 28.11.90

■ C R Ó N I C

A PERGUNTA DO DIA



Arons de Carvalho
deputado do
Partido Socialista

Que pensa dos despedimentos a que a RTP está a proceder sob o pretexto da quebra do dever de lealdade?

«O que me espanta neste caso já não é a forma de sastrada como a Rádio Televisão Portuguesa abdica de uma das partes mais valiosas do seu património, que é a experiência e a capacidade dos seus profissionais. O que me espanta realmente é a passividade e o silêncio da única entidade que, devido aos lamentáveis estatutos da RTP, pode intervir: o Governo.»

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

Como se diz adeus em dois cadernos

... e o resto é silêncio!

ENTREVISTA

Armando Alves foi encontrar na gaveta os desenhos das peças pintadas que não chegou a fazer quando pertencia - com Ângelo de Sousa, Jorge Pinheiro e José Rodrigues - ao grupo dos "Quatro Vintes". Disponibilizadas pelo tempo e pelas exigências económicas para a sua feitura, essas peças, ou objectos pintados, são mostrados a partir desta noite na Nasoni, em Lisboa

Tirar a arte da gaveta

JD.L. - Volvidos 20 anos, que relações existem entre os "Quatro Vintes"?

A.A. - Enquanto grupo, tivemos uma actividade durante um período relativamente curto, embora importante para as artes plásticas portuguesas. Isso foi e está reconhecido por muita gente e em muitos lugares. Teve uma existência efémera, consequente do entusiasmo que lhe dera o nome - quatro alunos da ESBAP tinham obtido a mesma classificação final, 20 valores - embora nos tivéssemos reunido numa grande exposição, quando se comemoraram os "25 Anos da Arvore".

D.L. - Tentaram fazer renascer o grupo?

A.A. - Houve quem tentasse, mas já não tem cabimento. Ao fim de quatro anos, o grupo dos "Quatro Vintes" morreu, tão naturalmente como nasceu.

D.L. - As esculturas pintadas que mostras na Nasoni, em Lisboa, datam desse período?

A.A. - Estas peças são contemporâneas do grupo, 1969, quando expusemos pela primeira vez no Porto (galerias Alvarez e Zen), na Sociedade Nacional de Belas Artes e numa outra galeria, em Paris. Digamos que estas foram as quatro grandes exposições do grupo "Quatro Vintes". Estas peças são as que não cheguei a fazer nessa altura. Passados anos sobre uma pintura de tons terrosos e próxima do informalismo espanhol que eu então fazia, com o aparecimento do grupo dediquei-me a uma pintura-escultura, digamos assim, a que eu sempre chamei objectos. São feitos em madeira, que depois é lacada, e exigem um rigor tecnológico que os encarce. Como nessa altura se vendia muito mal a pintura, os objectos foram ficando e alguns nunca passaram do projecto.

D.L. - Mas agora vendes bem...

A.A. - Felizmente que agora é outra coisa, mas não será o mais importante.

D.L. - Queres dizer que ao preço elevado da feitura tinhas que somar a manutenção e o espaço. No entanto, existem em lugares públicos alguns objectos teus dentro desta linha.

A.A. - Sim, na Gulbenkian, em bancos, e muitos outros lugares. Com o andar dos tempos, a pintura começou a vender, e os coleccionadores queriam coisas do tempo do grupo. Cada um de nós foi sofrendo a evolução natural, eu voltei a pintar a acrílico sobre tela, e fiquei com montes de desenhos

de objectos não executados. Daí que a novidade que possa haver nesta exposição, consista em ter refeito os desenhos.

D.L. - E responder às leis da oferta e da procura...

A.A. - É possível que isso venha por acréscimo, mas sobretudo foi o prazer de os encontrar quando revolvi as minhas gavetas e a possibilidade de os refazer.

D.L. - Mais ou menos nessa época, estiveste ligado ao projecto editorial da Inova, e ainda hoje é seguida a tua linha gráfica.

A.A. - É curioso falares nisso e imediatamente a seguir à ideia das peças, porque elas são consequência dessa linha gráfica. Aparecem aqui explícitas as minhas ex-

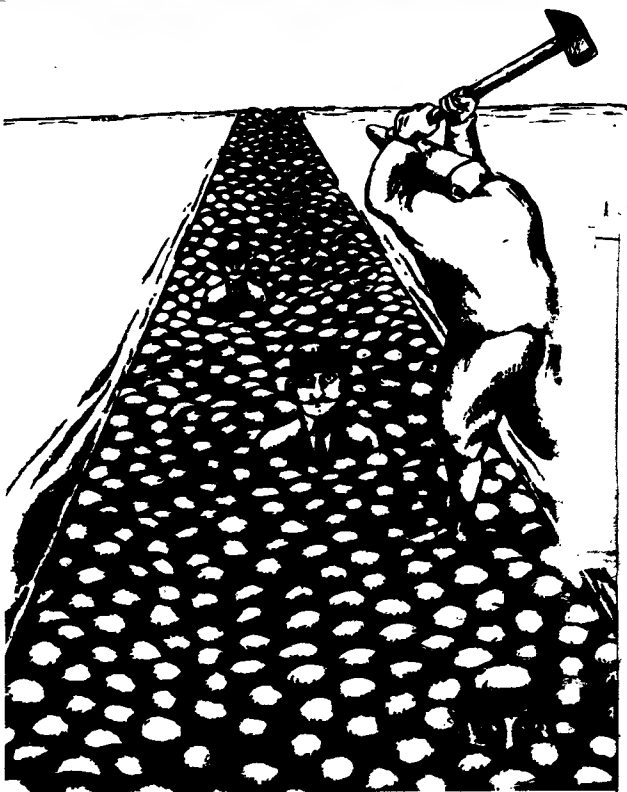
igências de rigor, simplicidade, depuração do traço. Bom, continuo a fazer artes gráficas - livros, catálogos, cartazes - embora num outro ritmo. No tempo da Inova, eu vivia praticamente da minha actividade como gráfico. Fui dos poucos que teve a coragem de deixar a Escola para me dedicar exclusivamente à actividade artística, numa luta bastante diferente daquela que é ser-se professor. Hoje, nas artes gráficas só faço aquilo que me dá verdadeiramente prazer. Só trabalho, nesse domínio, por puro gozo. Como é o caso dos livros do

Eugénio de Andrade, e outros amigos.

D.L. - Entretanto, surges ligado ao projecto Nasoni.

A.A. - Realmente, fui eu que procurei as pessoas que lhe estão ligadas, e que hoje é um projecto internacional. Mas fundamentalmente, ele vive de três pessoas: o António Cabecinha, o José Mário Brandão e eu. A Nasoni nasceu da minha verificação de que em Portugal não existia uma galeria a sério. Com os meus conhecimentos do meio artístico, e da maneira de apresentar e defender as coisas, entendi que podia prestar essa experiência para se pôr de pé um projecto com estas dimensões, vocacionado também para outras áreas. Volvidos quase seis anos, a Nasoni é uma galeria prestigiada e desejada pelos artistas. Sendo eu também artista, interessei-me em fazer a Nasoni, porque de uma maneira geral os artistas portugueses têm sido vítimas das galerias. Enquanto que eu penso que as galerias devem servir os artistas, em Portugal as galerias têm-se servido dos artistas...

J.F.



Comunicação social

Resmungos de orquestras típicas, estridência «rock», mugidos de cantores românticos, fion de fadistas, chicotadas de telenovela, notícias raivosas, relatos de futebol alucinados, anúncios insistentes como chatos e zaranzas como o estrido de um idiota - essas vozes e muitas outras identificáveis explodem ao mesmo tempo, fundindo-se num ladrar horrível: é a comunicação social.

Com o neoliberalismo capitalista e o reino do tudo por ele instaurado, prolifera a comunicação e, pior do que isso, cai-nos em cima uma avalanche de informação nevrótica, sendo o murro nos olhos do leitor ou do espectador regularmente fornecido que está a dar.

Manipular a opinião pública é algo que se faz com gosto e sentido das proporções, habilitação técnica e tacto psicológico. O retorque de uma mensagem deve ser invisível para passar despercebido ao público. A este respeito, Marx contrapõe ironicamente aos prosélitos do axioma social burguês, que qual tudo é exactamente como parece, o real, que, se a aparência das coisas coincidissem com a essência, não haveria necessidade da ciência.

Entre nós, infelizmente, a maioria da «comunicação social» não tem destas subtilidades: há a gente incitada a segurar a caneta como quem segura um cajado. A essa coisa dos retóricos leve reforçar os aspectos menos favoráveis da realidade, prefere o sólido método clássico de suprimir notícias e pôr outras em evidência, substituir o real pelo imaginário, deformando as verdades, enganosas ou inconvenientes e não hesitando em recorrer, nos casos extremos, à falsificação.

A parvoçada tentacular gosta disto? Immanente sempre dos parvos. Non vos arremedes a ele, podem roubar-vos algo da vossa razão e trazer-vos a sua parvada. Deixádeos passear, falar, e medrar no seu mundo. E se algum parvo cheirar autoridade non mostredes asombro, porque sofrem do sistema que combatimos e dos tempos que não cadrou viver.

Esta fala do grande Castela, escrita num «de tristura e discórdia», tinha por alvo os serenos galegos, «estes monifrates, podres de diñeira», pode-se aplicar à imensa legião de mentes quintas internacionais, a maior e a mais podre de todas, que é a dos idiotas.

Ernesto S.

A.M.A. Auto Monumental de I

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OF

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 89418

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO

Diário de Lisboa

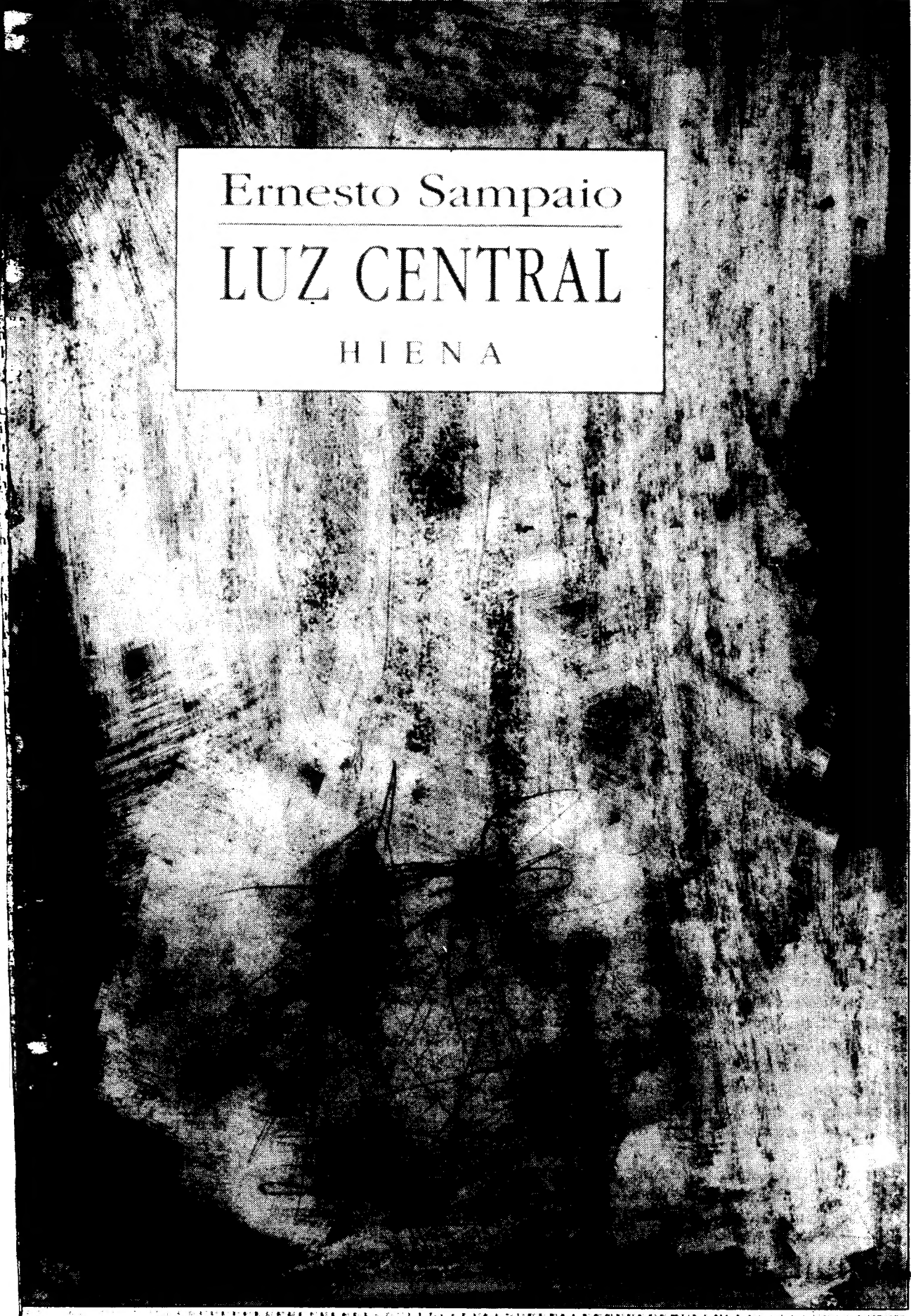
29 DE NOVEMBRO 1990 NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Alas rasgadas, de Fernando Guerreiro, e a Falha de Memória, segundo Ernesto Sampaio, págs. 2 e 3;

Acabados de Chegar, pág.4

«Luz Central» de Ernesto Sampaio

OS PRESSENTIMENTOS



Ernesto Sampaio
LUZ CENTRAL
HIENA

Só anda com os pés na terra quem anda, pressentindo, com os pés na terra - surge-nos este juízo por motivo da leitura que fizemos do livro «Luz Central», de Ernesto Sampaio, edição da Hiena patrocinada pelo Instituto Português do Livro e da Leitura. São textos, como afirma o autor, com «trinta e dois anos

de silêncio» - mas rompendo com tanta mediocridade ainda presente, com um modo ainda tão natural e rotineiro de encarar as coisas, que somos levados de imediato a entrar em diálogo com as palavras que Sampaio nos oferece à reflexão. Assim sendo, e para facilidade de exposição, vamos transformar em diálogo (e que nos seja perdoada a petulância) uma incisiva parte do livro, surgindo as perguntas (nossas) em redondo e as respostas (do autor) em itálico, extraídas a partir da pág. 87 do título agora em nossas mãos. Ora vamos a tão delicada tarefa...

- Um homem nunca é um ponto final, pois não...?
- Cada vez que um homem tenta romper a particularidade dos seus limites, dar forma e sentido ao movimento que a sua inquietação permanente exprime, transforma a sua vida numa interrogação constante, quero dizer: numa angustiada insatisfação.
- Então, o homem, ou melhor, esse homem, encontra-se, por assim dizer, numa corda feita de instabilidade. Assim...
- Assim, para ele, todo o equilíbrio é mentira, todo o tempo é atraso, toda a vida é contestação.
- Furta-se à servidão, é...?
- Quando ele desnuda a sua existência verifica que os limites do isolamento que o impede de cair no Não-Ser são servis...
- Finilizam-no...?
- ... são servis, propõem um objecto finito como termo e razão de ser da sua particularidade quando o sentido exaltante da sua consciência de Ser exige um objecto infinito, logo uma passagem para um plano superior de Realização onde toda a individualidade se perde e se torna a substância nua da Noite que a fascinou.
- Onde toda a individualidade se perde...?
- No homem, é uma força de morte que engendra a Vida, é a contradição que gera a afirmação. Nele, afirmar é contestar.
- E isso pelo simples motivo de...
- Cada nova etapa na via que o conduz à sua integração no arquétipo eterno contém, no cerne, a sua própria negação.
- Então, nesse caso, a negação...
- À medida que o homem vai aproximando o seu tempo interior da Existência absoluta, vai crescendo nele, enriquecida, a negação, a afirmação solitária e profunda da alta substância da vida, a consciência material dos seus pressentimentos.

Pedro Alvim

[«Luz Central», Ernesto Sampaio, Hiena Editora, compreendendo os textos «Luz Central» e «Para uma cultura fascinante», bem como um preâmbulo intitulado «Antes de subir o pano». O primeiro texto é de 1957 e o segundo de 1958. O autor tem ainda os seguintes títulos: «Antologia do Humor Português» (em colaboração com Virgílio Martinho); «A Procura do Silêncio» (poesia) e «O Sal Vertido», de carácter ensaístico, Prémio Jacinto Prado Coelho.]

Postais rasgados

VAMPIRO

Preferia, talvez, que as coisas não tivessem começado (ou acabado) assim. Mas Vampiro, desengane-se, não pensava «filosoficamente». Pelo contrário, o seu pensamento era sempre antes de mais humoral (já que tinha que ver com uma «teoria dos humanos») e físico (imposto pelo e impondo-se ao «físico»).

Desdobrado num espelho, Vampiro lembra-se vagamente de aí ter olhado e de, nesse dia, um «reflexo» ter sido. Mas agora, lembravam-lhe a brincar os amigos, ele não tinha reflexos. Era ele o próprio «espelho» — caso encontrasse/fixasse (no sentido cénico do termo) um objecto — ou então, segunda hipótese, delimitava-se *aquém* dele, na experiência límbica de não se ver reflectido.

Daí duas consequências extremas. De acordo com o primeiro cenário, em qualquer situação de «reflexão», nunca era ele (ou era a si que se via) mas era na própria medida em que conseguia transitar completamente para o objecto. Sem espelho, ele era o objecto. Vivia, constituía-se dele — daí a ironia (ressentida) do seu cognome, Vampiro, quando, no processo, era ele o primeiro a ser vampirizado. Mas a questão, claro, era mais complexa, não se reduzia ao «solipsismo» e daí a importância do objecto. Claro que o «objecto» existia por si próprio — possuía a sua estratégia, desígnios e artifícios —, mas era Vampiro que o tinha de «encenar» e ajudar a colocar-se numa situação («papel») em que também ele pudesse vir e, nesse momento de captura, oferecer-se.

Daí que dizer quem, neste processo, constituía o Sujeito ou o Objecto, não fosse muito importante: quase só uma questão de «escolha» ou de «preferência» (uma disposição local tendo em vista uma variação das peças no jogo). Vampiro constituía-se no objecto: «fixava-se» (como se diz de uma droga dura) nele.

Era interpondo entre ele e o espelho essa coisa *outra* — em que contudo ele (porque nela se delegara) se reconhecia — que Vampiro conseguia triangular a relação com o espelho e este permitia, por fim, que uma «imagem» sua aí viesse. Não era portanto de estranhar que nesses momentos de prazer (*splitado*: dividido/supremo) os seus dois «rostos» se parecessem. Ao fim e ao cabo, constituído o «cenário» — aceite o seu funcionamento (saber mecânico: jogo) —, não era um só objecto (ainda que desdobrado) que se encontrava em jogo?

A segunda hipótese, a da falta do objecto, era a mais dolorosa. E então o que Vampiro experimentava era uma radical despossessão, ausência.

Compreenda-se: não bema do «outro», mas a de si na intransitividade de qualquer outro. E em última instância (não é isso que permite a «ficção» de uma vida íntima?) a intransitividade de si *como* outro.

O que via, então, quando se olhava ao espelho? E o que é que nele se reflectia? Nada. Ou pouca coisa. Quero eu dizer: a própria constatação da ausência de si como outro.

Vampiro crescera, assim, tendo problemas com os «espelhos».

Inicialmente ainda acreditara tratar-se de uma questão de ajustamento a

uma «imagem-padrão» do seu corpo. Investiu o que pôde nesse sentido. Tentar ser a imagem de um «outro», de qualquer outro. Mas não resultou. O seu processo era mesmo o inverso do de Narciso (Vampiro não é narcísico — «narcisismo», o seu, só se negativo...). Progressivamente, à medida que falhavam as experiências, era como se a mera possibilidade de qualquer imagem desaparecesse e, na ausência mimável de qualquer reflexo, ele se objectivasse como a falência da *não-nomeabilidade* das coisas.

Claro que Vampiro, embora sempre com os devidos cuidados, saía de casa, andava pelas ruas, fazia compras. Comparecia nos sítios, não se mostrava rogado. Mas o diagnóstico, esse, era irreversível: «imagem», como «identidade», não tinha nenhuma que

pudesse com propriedade designar *sua*. A ter, só episodicamente e sob a forma de objectos identificáveis.

Por fim, deixou de reflectir (-se). Sim, mesmo de pensar compreensivamente sobre as coisas. Isto é, nada havia a compreender; apenas objectos ou situações a ser combinados. Em função do seu «cenário» (Olhar) re-ajustados ou conformados.

A especialidade de Vampiro, claro, era a mecânica (mas escondia-o). O seu «hobby» (vital e ao mesmo tempo fatídico) consistia em carpintear imagens («imaginários») — ou seja, construir cenários. O jogo (letal), o *xalrez* (humano) em que se exorcitava.

Mas se o Objecto era para ele a Noite, a falta de Objecto tinha mais que ver com essa dor por debaixo da pele, intravenosa

(como uma seringa vazia), que ele designava como a experiência da falta do dia na noite, o *dia nocturno*. Uma passcata *aquém* dos espelhos, sem imagens nem música, afísica...

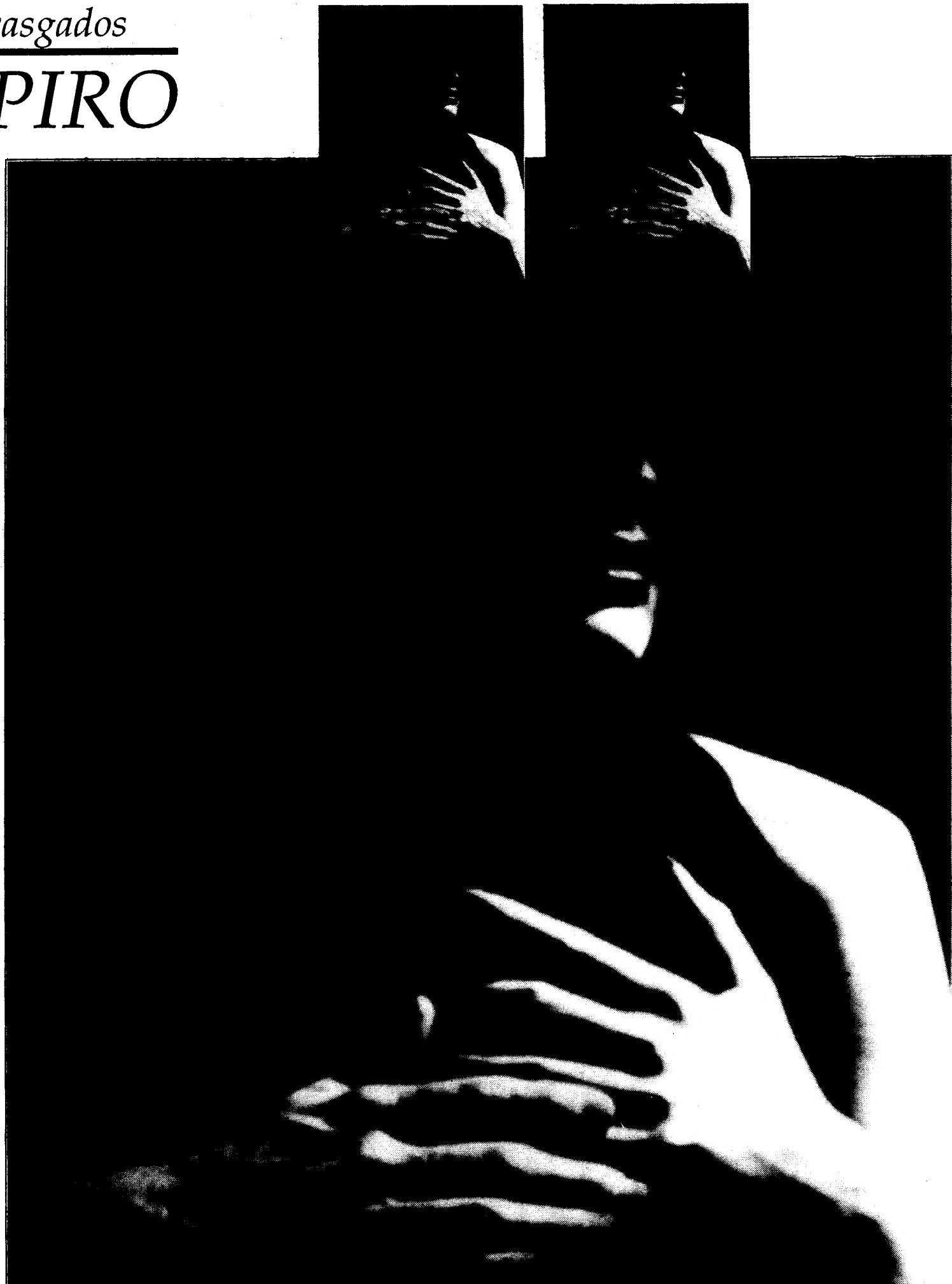
O tempo da Noite era o do Objecto, por definição, só a noite solorizada: p *Sol nocturno*.

Mas Vampiro, à noite, quando passava, nunca lhe passaria pela cabeça afirmar que o fazia sob o olhar de Saturno.

Bem mais terrestre, nessas noites, o pólen que o iluminava era a poeira cósmica — que sobre ele caía — do seu túmulo.

À flor da pele (do tédio), sempre bem apanetado, dandy do *por-vir*: jeans de lua, perfume de espectro e lingerie especular, nocturna...

Fernando Guerreiro



literário

FALTA DE MEMÓRIA
NÃO TEM FUTURO

Sem um futuro aberto, os presentes não são pensáveis. Também não o são sem passado, sem uma tradição que se transforme constantemente em presente. A falta de memória não tem futuro nenhum. Hoje, mais do que nunca, o futuro corre perigo. Planificaram-no com tanta minúcia que já não é futuro: assemelha-se às mesas-redondas da televisão, onde há sempre um moderador encarregado de impedir que aconteça alguma coisa que faça perigar o programa, degolando implacavelmente as discussões potencialmente mais vivas. Toda a gente, a começar no moderador e a acabar nos participantes, se comporta segundo um padrão de «dever ser» previamente determinado. Autocontempla-se a partir de um ponto de observação transposto no futuro e, portanto, já extinto.

O que realmente seria futuro, o que de facto quer acontecer, só pode irromper a partir de fora, tal como em determinadas condições patológicas da psique o que foi reprimido irrompe inevitável e inesperadamente, por vezes de modo catastrófico, sob a forma de impulsos violentos, de irrupções psicóticas não tratadas, irreflectidas.

A tendência para o apocalíptico, a fascinação exercida pela catástrofe não se deve unicamente ao desejo de «acabar com a história», essa mazona, mas a um esforço desesperado para «despreocupar» a memória histórica, permitindo experimentar o acontecimento do puro presente. Trata-se, no fundo, do «instante a-histórico» postulado por Nietzsche como contrapeso à «recordação entumescida»...

Que maluqueira! A verdade é que muitos elementos presentes na actual

preocupação apocalíptica têm a ver com a duplicação de todos os fenómenos através dos seus próprios conceitos, teoremas, notícias. A notícia sobre o acontecimento ocupa o lugar do acontecimento, invertendo-se a respectiva relação, como se a realidade fosse encenada, substituída por simulacros. É um projecto que apela para algo que a autoduplicação já não permite, visto tratar-se de um estado desesperado: a catástrofe apocalíptica.

Seja como for, o espírito de ruptura e subversão alimenta-se hoje sobretudo de passado, em parte por desconfiar da cultura em voga, identificada com instituições cada vez mais fechadas e com menos futuro, e em parte por espírito de polémica

contra a contemporaneidade, tumultuoso vidro esmerilhado que encobre e vela a substância real dos factos.

Não se trata de um retorno espiritualista, irracional, aos fantasmas, às sombras, aos pântanos nevoentos e misteriosos de um remoto antepassado, na tentativa de evitar uma relação com o tempo, com o hoje. Trata-se, sim, de uma reivindicação muito precisa, não tanto a favor da cultura do passado quanto da possibilidade material da sua utilização com

vista a evitar a queda no vazio demagógico, onde apenas ressoam ecos sociológicos.

É simples entender isto, se não nos causar tremuras aceitar que Shakespeare abre mais perspectivas de futuro do que Coppola, e Mozart mais do que o rock, ou que sem o marxismo e a psicanálise, sem as criações do modernismo e da análise filosófica dos séculos XVIII e XIX, os sons, as palavras e as imagens do nosso mundo tornar-se-ão inaudíveis e

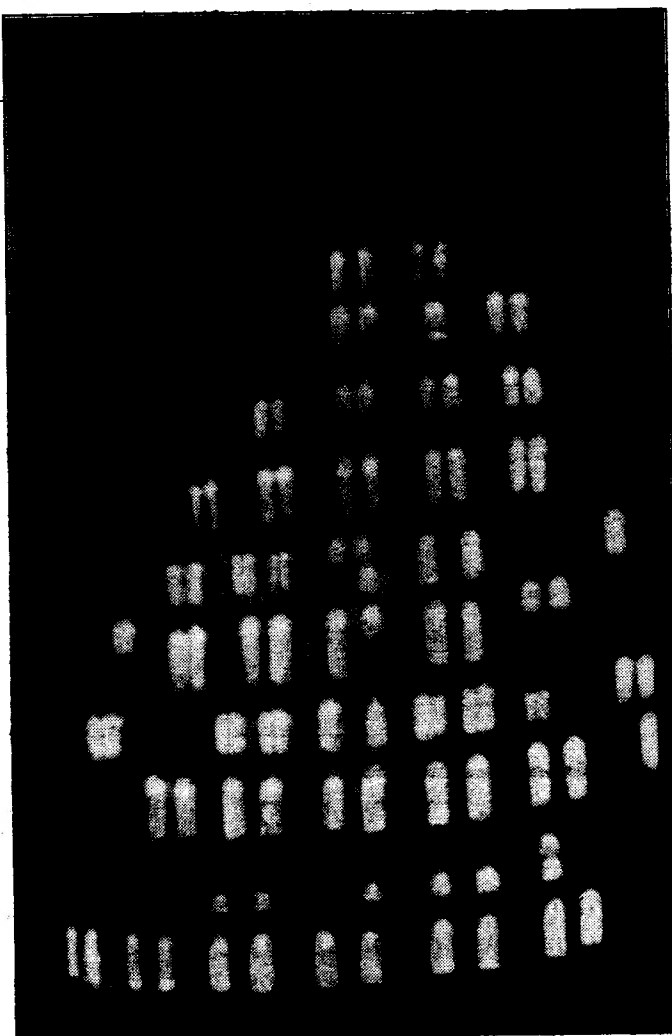
invisíveis porque inexpressivos, deixando o caminho aberto ao fanatismo (a terra, a raça, a «identidade nacional») e ao infantilismo (o consumo de «cultura» barata fornecida pelos meios de comunicação social, com destaque para a televisão).

Os instrumentos da manipulação cultural estão hoje impregnados de um falso realismo, segundo o qual para além dos confins de uma comunicação codificada e transmissível só existiria o nada, o inacessível. Também para combater esta ideia redutora e castradora, necessitamos do passado, dos estímulos e vibrações que o percorrem e tão úteis são para romper o cerco de imagens mecanicamente reflexas da sociedade, permitindo-nos uma visão das coisas não contaminada pelo hábito e pelo lugar comum, nem arrastadas às cegas pelo tractor do consumismo.

Nestes anos que não acabam de passar, o motivo dramático final das consciências que falharam todas as tentativas de ancorar na realidade e na história é o «horrendo futuro». Por falta de suficiente lastro de passado, os grandes temas da mais recente poética ocidental alimentam-se (a dar crédito a um festejado ideólogo «pós-modernista») da «tensão lucidamente autodestrutiva da desesperada vitalidade», forma elegante de dizer que a autodenegação é a única afirmação possível do conhecimento e da liberdade.

Circulam impressos aos milhões disparates, ninharias e longos e fúnebres monólogos muito parecidos uns com os outros, mas todos reflectindo a visão de um universo imóvel, tragicamente fechado nas suas lutas intestinas, sem amanhã, sem passado: espécie de prefiguração piedosa-impiedosa do destino inelutável de uma classe que só na própria ininterrupta autocondenação e autopunição pode encontrar uma razão de sobrevivência.

Ernesto Sampaio



PINTURA

• ESCULTURA

• LITOGRAFIA

• FOTOGRAFIA

• TAPEÇARIA

SEMESTRIEL DES ARTS • INTERNATIONAL ART AUCTIONS

Publicação semestral. O Nº 03 compreende cerca de 36.000 resultados de venda, no período de Setembro de 1989 a Fevereiro de 1990, de obras de arte e antiguidades como pinturas, litografias, esculturas, tapeçarias e fotografias. O leitor, colecionador ou comerciante de arte e antiguidades, pode assim actualizar as cotações reveladas em todo o mundo (U.S.A., Reino Unido, Bélgica, França, Espanha, Alemanha, Holanda, Noruega, Finlândia, Israel, Itália, Suécia, Suíça e Uruguai). Por cada artista inclui informações como: nome, prenome, data de nascimento e morte. Por cada obra é inscrito o título, a técnica, as dimensões (em centímetros e polegadas), assinatura e data (se for possível), o nome da casa leiloeira com a data de venda e o seu resultado na moeda de origem, assim como o equivalente em Francos Franceses e US. Dollars.

A remeter à Liv. Artes e Letras, Lda. - Largo Trindade Coelho, 3-4 - 1200 LISBOA

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____ COD. POSTAL _____

TELEFONE _____

☐ _____ Nº de Exs. - Nº 01 - Setembro 88 a Fevereiro 89☐ _____ Nº de Exs. - Nº 02 - Março 89 a Agosto 89☐ _____ Nº de Exs. - Nº 03 - Setembro 89 a Fevereiro 90☐ _____ Nº de Exs. - Nº 04 - Março 90 a Agosto 90

☐ _____ Nº de Exs. - Nº 01, Nº 02, Nº 03 e Nº 04, pelo preço de 42.840\$00 (quarenta e dois mil oitocentos e quarenta escudos), beneficiando de um desconto de 15%.

☐ Junto envio cheque nº _____ do Banco _____ no valor de _____ \$

☐ Autorizo o débito:☐ VISA☐ EUROCARD☐ MASTER CARD

Validade _____ / _____

☐ Não envio dinheiro agora. Efectuarei o pagamento da minha encomenda no acto da entrega

Assinatura _____

N.º IMPORTANTE - Todas as encomendas incluem portes de correio.

SEMESTRIEL DES ARTS
INTERNATIONAL ARTS AUCTIONS

Nº 01 - Formato 285 x 180
30.000 Resultados de Venda de Setembro de 1988 e Fevereiro de 1989.

12.600\$00

Nº 02 - Formato 285 x 180
33.000 Resultados de Venda de Março de 1989 a Agosto de 1989

12.600\$00

Nº 03 - Formato 285 x 180
36.000 Resultados de Venda de Setembro de 1989 a Fevereiro de 1990

12.600\$00

Nº 04 - Formato 285 x 180
40.000 Resultados de Venda de Março de 1990 a Agosto de 1990

12.600\$00

SEMESTRIEL
DES ARTS

ESTAMPES

DESSINS

AQUARELLES

PEINTURES

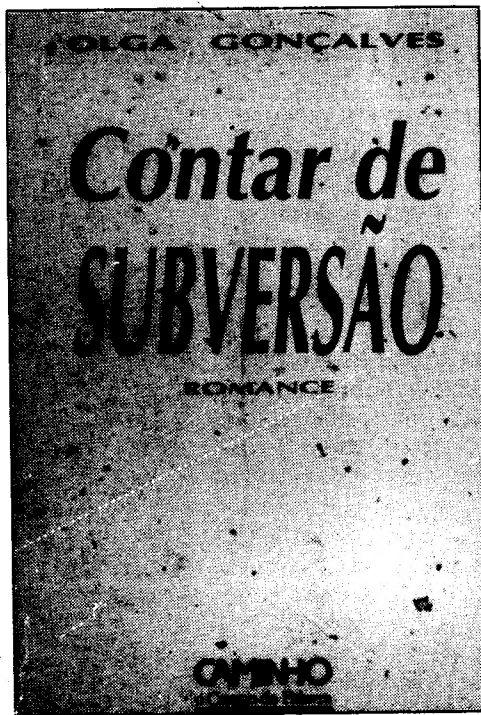
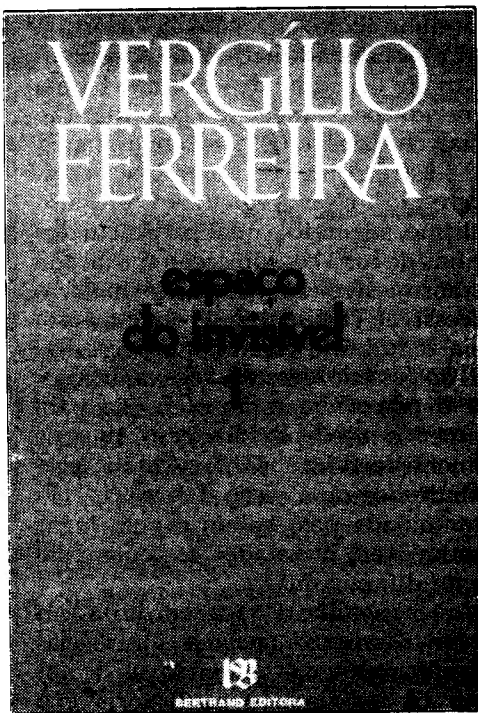
SCULPTURES

TAPESSERIES

PHOTOS

04

EDITIONS
VAN WILDER40 000 PRIX DE VENTE
mars 90 - août 90



ACABADOS DE CHEGAR

Esta secção, que sempre deu pela designação de Acabados de Chegar, vai hoje em texto corrido. E vai em texto corrido pelo simples motivo de, sendo muitos os livros ultimamente recebidos, não ser possível a habitual disposição gráfica, disposição essa que, como é óbvio, roubaria espaço à escrita última deste último Suplemento Literário...

Assim, pois, e tendo a noção de muitas omissões, comecemos por mencionar «Espaço do Invisível - I», de Vergílio Ferreira, Bertrand Editora, escritor recentemente galardoado com o Prémio Femina, um dos mais prestigiados galardões europeus (francês, no caso presente), distinguindo um romance publicado há várias décadas, «Manhã Submersa», traduzido agora em Paris com o título «Matin Perdu».

«Espaço do Invisível» é uma terceira edição de um livro que se insere na vertente ensaística de Vergílio Ferreira. Na Abertura, escreve o romancista de «O Nome da Terra», logo nos introduzindo numa temática apaixonante: «Entre a dupla infinitude e o duplo incognoscível do donde e para onde, aí os passos do homem. Dos nossos. Surgidos no mundo, recebemos um testemunho e com ele o impulso que vinha nele...»

Por sua vez, de Mário Cláudio, em edição da Quetzal, surge-nos o romance «A Quinta das Virtudes», centrado na crónica de uma casa do Porto, retratando a vida portuguesa e portuense, entre 1757, data da fundação da Casa, e 1853, data da morte da Rainha D. Maria II.

Baseado em dados documentais e em tradições familiares, faz Mário Cláudio reviver uma plêiade de personagens reais, coloridas pela imaginação, movendo-se no palco dos seus amores e dos seus negócios, das suas vitórias e das suas frustrações. É, alerta-nos a contracapa, «uma visita ao passado...» Quem estiver a par da obra de Mário Cláudio, obra que é já um ponto de referência nestas coisas das Letras, certamente que não irá perder este seu recente título - e só lamentamos não pormenorizar o romance que ora nos chega devido aos motivos acima indicados.

Olga Gonçalves, é verdade! Também um romance, «Contar de Subversão», Caminho, Coleção O Campo da Palavra. Para o caracterizar, e por mais tempo não termos, iremos utilizar uma fracção do itálico da abertura. Esta:

«Eles perguntam: O que é?

E eu respondo: É a história de um olhar.

Eles perguntam: Sendo esse olhar o herói?

E eu respondo: Não. Ele próprio busca o herói, lhe deseja o contacto, o exige no no quadro.

Hesito, mas adianto: E ao leitor caberá estabelecer conexões e achar a trama da aventura romanesca em que existe a Subversão...»

Também de José Emilio-Nelson, edição Gota de Água, nos chegou o livro de poesia «Vida Quotidiana» seguido de «A Palidez do Pensamento». Eis um poema: «A Palidez-me os cavalos / a casa / pela televisão. // Ainda mais lustrosos. / mas perde-se do galope / o eco / que como girândola se repete. // Fechem essa merda, meus filhos, / enquanto não esquecer / que eu os vi.»

Mais, porém. De António Magalhães, Caminho da Poesia, o livro «A Flauta na Falange». De ler. Que se lembre que António Ramos Rosa, em «Incisões Oblíquas», 1987, dissera assim do poeta: «A poesia de António Magalhães é discreta, sóbria, silenciosa. É pelo silêncio que ele procura habitar o mundo, isto é, mediatizá-lo de tal modo que o real corresponda de algum modo à sua procura...» Magalhães: um nome que mereceu referências, entre outros, de João Gaspar Simões, Fernando J. B. Martinho e Vergílio Ferreira.

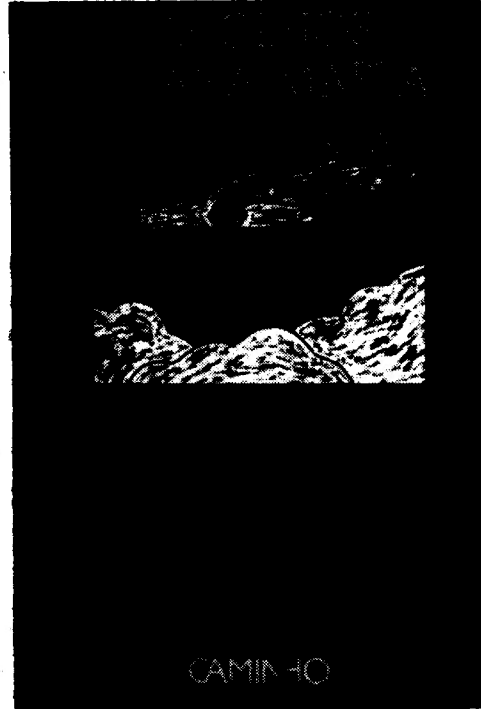
Importante, também, para todos os olisipógrafos: «Guias de Lisboa», Ibis, colecção dirigida por Marina Tavares Dias. De momento, dois guias: «Rossio» e «Feira da Ladra». Impõe-se a transcrição de algumas palavras insertas na contracapa: «Os Guias de Lisboa apresentam uma selecção apurada de textos quase perdidos. Descubram a História de Lisboa através de cada novo livro. Percorrem uma excepional recolha fotográfica com muitos documentos inéditos sobre a iconografia local. Desvendam a vida e a obra dos escritores que imortalizaram o quotidiano da cidade...» Da mesma Marina Tavares Dias, aponte-se o segundo volume de «Lisboa Desaparecida», indo o primeiro já na quinta edição.

A aparecer, nos dias frios de Dezembro, um novo romance de Filomena Cabral, «Obsidiana», Publicações Europa América, cujas primeiras palavras são as seguintes: «Ele seria o desejado, ainda que raiva homicida deambulasse por ambos sem saber onde deter-se. Para quê o desejo, se não em função do que ela elegera, insituira símbolo, corpo longo, agitado e inquietante preguiçoso, como o do réptil, esperando o momento de torná-la sua...» Amor e morte (e coisas muitas que entre estes dois termos há) - eis o tema deste novo livro de Filomena Cabral, cujo romance «Maldamor», publicado há três anos, é, segundo Óscar Lopes, «um título para ficar».



Porque não incluir também uma edição de autor...? Ei-la, de Manuel Fangueiro, intitulada «Pontes da Noite», um romance, vivido e testemunhado, sobre a Índia Portuguesa: «acontecimentos e pessoas reais», de acordo com quem o escreveu.

Agora (que o espaço escasseia) só (alguns) títulos: «Rio do Tempo», de Fernando Ilharco Morgado, Maginar; «Nudispraia», Francisco Léon, Escritor; «Os Olhos de Ana Marta», de Alice Vieira, Caminho; «Uma Portuguesa



Entre Alemães», de Maria de Graça Wiesbaum, edição da autora; três volumes (também a não perder) dos já célebres Quatro Elementos Editores - e, para fim desta prosa corrida, diga-se que ontem foi lançado, na Barata, de Luís Carmelo, o romance «No Princípio Era Veneza», da Vega, merecedor de leitura por um exemplar nos ter chegado às mãos. Mãos que por agora ficam vazias de livros...

P. A.

• LIVROS SELECIONADOS • RARIDADES BIBLIOGRÁFICAS



NÃO COMPRE SEM NOS VISITAR,
NÃO VENDA SEM NOS CONSULTAR

PEÇA CATÁLOGO

LIVRARIA ACADÉMICA

RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 10
TELEFONE 200 59 88

4000 POÏTO

PORTUGAL

Francisco Leon

Nudispraia



«Um Criador Literário
de excepção»

ESCRITOR

Nas Livrarias